

ANA PAULA SESTI BECKER

**FAMÍLIAS SEM FRONTEIRAS:
DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS DA MIGRAÇÃO
NO CICLO DE VIDA FAMILIAR.**

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia da Universidade Federal
de Santa Catarina para obtenção do
grau de Mestre em Psicologia.
Orientadora: Prof^a Dr^a Lucienne
Martins Borges.

FLORIANÓPOLIS (SC),
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Sesti Becker, Ana Paula

Famílias sem fronteiras : Dimensões psicossociais da migração no ciclo de vida familiar / Ana Paula Sesti Becker ; orientadora, Lucienne Martins Borges - Florianópolis, SC, 2014.

195 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Migração. 3. Psicologia Intercultural. 4. Família. 5. Teoria Sistêmica. I. Martins Borges, Lucienne. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

DEDICATÓRIA

*“Aos maiores modelos e inspiração em minha trajetória existencial, meus amados pais e melhores amigos, desde sempre e para sempre: **Andréa e Dalton.**”*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, meu amor maior e motivo da minha alegria, força que me impulsiona a viver apaixonadamente e a realizar mais este sonho.

Aos meus amados pais, Andréa e Dalton, com quem aprendi a verdadeira dimensão do amor, da disciplina e da perseverança. Obrigada por me ensinarem as melhores virtudes e exemplos que pude ter e me tornar o que sou. Obrigada pelo apoio incondicional e incentivo em todos os momentos desta trajetória. Eu os amo de todo o coração!

À minha amada irmã Isabel (Bebel), que muito me ensina com sua sensibilidade e seu modo singular de tornar a vida mais doce e bela. Você é o anjinho que ilumina o meu caminho!

Aos meus queridos avós, Maria Helena e Carlos Alberto, embora nem sempre perto, estão sempre presentes! Obrigada pelo incentivo e por todos os “mimos” de avós que sempre recebi. Retribuo a vocês o meu carinho e agradeço ainda, à minha querida avó por ter me ensinado a apreciar os singelos encantos pela vida e o fascínio pelas artes! Contigo pude aprender que toda partitura só pode ser bem tocada, se for antes sentida com o coração.... Amo vocês!

Aos meus queridos tios, tias e primos pela torcida e presença acolhedora em todos os momentos, em especial ao **primo Beto Schmitt** pela ajuda em diversas situações neste último ano de mestrado e pela companhia entre papos intermináveis, voz e violão!

À minha querida Orientadora Profa Dra. Lucienne Martins Borges, pelo feliz encontro que a vida nos proporcionou e pelo acolhimento ao início desta jornada! Obrigada pelos saberes compartilhado, pelo exemplo, profissionalismo, pelas oportunidades recebidas, por acompanhar atentamente todos os passos dessa dissertação e pelo convívio durante esse tempo. Guardarei em meu coração as memórias que compartilhamos e espero que venham outras pela frente! Você é muito especial!

À Profa Dra. Maria Aparecida Crepaldi, pelas contribuições e ótimos apontamentos para a realização deste estudo desde a banca de qualificação até a banca de defesa, mantendo-se próxima, acolhedora e acessível sempre que precisei. Aprender contigo tem sido uma experiência enriquecedora e um prazer imenso! Você é um grande referencial para mim de profissionalismo, ética e humanidade!

Ao Professor Dr. Jorge Castellá Sarriera (UFRGS), pelo nobre conhecimento compartilhado, tendo sempre uma postura generosa, amigável e de sabedoria! Agradeço por todo apoio dispensado a mim desde a fase da graduação e especialmente, na finalização de uma etapa que considero tão significativa como a do Mestrado. Sinto-me contente e honrada pelo acompanhamento em minha caminhada acadêmica e pelo aceite em compor a minha banca de defesa!

Às Professoras Dra. Maria Chalfin Coutinho e Dra. Marúcia Patta Bardagi, pelos apontamentos que certamente contribuíram para este estudo e por aceitarem prontamente participar da minha banca examinadora de Mestrado!

À Profa Dra. Daniela Ribeiro Schneider, pelo aceite e receptividade em presidir a banca de defesa desta dissertação, concedendo-me todo apoio na ausência de minha orientadora!

Ao Grupo de Extensão da Clínica Intercultural do SAPSI e aos colegas do PPGP, pelas reflexões teóricas, supervisões e aprendizado!

À Coordenação de Pós-Graduação de Psicologia da UFSC e seu Corpo Docente, pela receptividade, qualidade, oportunidades recebidas e pelo vasto aprendizado recebido!

Aos funcionários do PPGP e do Departamento de Psicologia da UFSC, pela prontidão e acolhimento! Em especial à **Goretti e Trumai** do SAPSI, pelas boas risadas em meio às correrias da semana e “cafezinhos da hora”!

À Capes, pelo apoio financeiro da bolsa de pesquisa, sendo possível a realização deste estudo!

À **Maiara Cunha**, querida amiga e presença significativa entre idas e vindas a Floripa! Foi muito bom o compartilhar acadêmico entre questionamentos, inquietações, expectativas e boas risadas!

À **Scheila Krenkel**, pela nossa fátria especial de amizade e por ter sido uma “irmã mais velha” que encontrei na trajetória do PPGP! Obrigada pelas tutorias dos Mapas de Redes entre *Skype*, almoços e manhãs no LABSFAC! Foi ótmo compartilhar momentos bons, “ataques de pelanca” e alegrias!

Ao **Adriano Azevêdo**, pela receptividade, aprendizado e amizade! É ótmo ter colegas que nos são referenciais para a vivência acadêmica e você certamente é um deles!

À **Sueli Terezinha Bobato**, por ser um modelo de profissional em quem tenho grande carinho e admiração! Você acompanhou meu crescimento acadêmico desde a fase da graduação como sua “pupila” e foi uma grande incentivadora para eu ter chegado até aqui! Adoro ter a sua amizade, obrigada por tudo!

À **Profa Dra. Josiane Delvan**, com quem tenho aprendido durante toda caminhada profissional! Agradeço pelas oportunidades recebidas e por ter me despertado o interesse em trabalhar com crianças tendo o prazer de estudar sobre o desenvolvimento infantil!

Aos exímios professores em minha jornada acadêmica na UNIVALI, especialmente ao **Prof. Dr. Pedro Antônio Geraldi** e a **Profa Dra. Rosária Fernandes (Rô)**, que participaram de todo processo desde a entrada no Mestrado concedendo-me apoio, amizade e conhecimento! Saudades de vocês!!!

Ao **Pastor Charles Pereira, Pastora Rosa e a família da Igreja Luz da Vida**, que durante dez anos de caminhada, foram meus maiores referenciais de fé e humanidade! Obrigada por todo apoio e por compartilharem momentos bons e difíceis! Faltam palavras para expressar o meu amor e gratidão a pessoas como vocês... Gente que vive aquilo que prega e nos inspira a sermos melhores todos os dias! Amo vocês!

Aos queridos amigos do peito - “Friends Litoral”, especialmente ao Joel, Day, Ivan, Luiz, Jeff, Xande, Ricardinho, Meri e Pri por compartilhar todos os momentos dessa caminhada! Obrigada pelo carinho, orações, compreensão nos momentos de ausência e pela torcida! Sinto uma alegria em fazer parte desse grupo de jovens que tem ousado fazer a diferença e deixar memórias significativas em nossa geração!

Juntos somos melhores!!!

À Tânia Paza Maestri, amiga-irmã! Ter a sua amizade é um presente do Céu! Obrigada pelo carinho e por me inspirar sempre com seu exemplo, acreditando que “no final vai dar tudo certo (...) e se ainda não deu, é porque não chegou o fim!!”

À Ju e o Haroldo, amigos para toda vida! Obrigada pelo carinho e por me proporcionarem a experiência maravilhosa de ser Dinda da princesinha Isabela, que embora eu estando ausente, compreenderam minhas faltas e acolheram-me em todos os momentos! Amo vocês!

À querida Célia, por ser alguém tão especial que acompanha minha caminhada desde pequena... Obrigada pelo exemplo, desabafos compartilhados, conselhos que me deram coragem e fé que me motiva a ir além e acreditar sempre!

Aos mestres do Instituto Familiare - Profa Denise, Cida e João Davi, pelo conhecimento compartilhado e trocas generosas! Em especial, às minhas colegas, amigas e incentivadoras nos "embalos sistêmicos" de segunda-feira à noite: **Yasmin, Quel, Flávia, Lu, Pri e Nádia!!** É bom demais aprender com todos vocês e fazer parte dessa turma!

À querida Jô e família, que mesmo distante permanece presente nas memórias que me acompanham! Obrigada pelo afeto, palavras de sabedoria e amizade!

Ao Pe. Joaquim da Pastoral do Migrante de Florianópolis, pelo acolhimento tão motivador e por me auxiliar a encontrar os participantes desta pesquisa.

Às famílias participantes deste estudo, por dividirem suas histórias de vida comigo e me receberem em seus lares, sem vocês este estudo não seria possível! Obrigada!

A toda esta constelação que em suas diversas nuances e singularidades, brilham sua luz, conduzem o meu caminho e me ensinam a iluminar também... À vocês:
“Ser estrela neste mundo passageiro, nesse mundo repleto de cometas é um desafio, mas acima de tudo, uma recompensa. É nascer e ter vivido, e não apenas existido”.

Muito Obrigada.

*“Ainda que eu fale a língua dos anjos e dos homens,
se não tive amor,
serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine.
Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os
mistérios e toda a Ciência;
Ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes,
se não tiver amor, eu nada serei.
O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.
O amor jamais acaba!!”*

(I Coríntios 13: 1-7 – Bíblia Sagrada)

Ana Paula Sesti Becker. **Famílias sem fronteiras: Dimensões Psicossociais da migração no ciclo de vida familiar.** Florianópolis, 2014. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Lucienne Martins Borges.

Data de defesa: 11/12/2014

RESUMO

Na contemporaneidade, são notórias as constantes expansões das fronteiras internacionais, que resultam em mudanças significativas na vida dos indivíduos. Considera-se que os impactos decorrentes do fenômeno migratório predisõem um decisivas repercussões nos contextos socioculturais, especialmente no universo relacional da família. Em vista disto, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender as dimensões psicossociais e as mudanças ocorridas na dinâmica de famílias que imigraram para o Brasil. Os pressupostos epistemológicos que nortearam este estudo pautaram-se na Psicologia Intercultural e na Teoria Sistêmica, sendo possível tecer uma visão integradora e dinâmica do fenômeno. Participaram da pesquisa cinco (5) famílias imigrantes de diferentes nacionalidades, sendo: Americana, Argentina, Boliviana, Haitiana e Peruana, cuja média do tempo de imigração foi de 07 anos e quatro meses. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram um questionário sociodemográfico, entrevista semiestruturada e o Mapa de Redes. Por sua vez, a análise de dados foi realizada a partir do método da “*Grounded Theory*” (Teoria Fundamentada Empiricamente), o que deu origem a quatro (4) categorias: 1 – História da migração familiar; 2 – Mudanças na dinâmica familiar; 3 – Significados atribuídos à imigração familiar e 4 – Mudanças nas redes significativas das famílias. Os resultados evidenciaram que o aspecto econômico se constituiu como o principal motivo para a imigração das famílias pesquisadas. Entretanto, algumas dificuldades foram apontadas no processo de adaptação cultural, tais como o visto e a moradia, as limitações nas redes sociais, preconceitos, aquisição da língua brasileira e adaptação escolar. Em relação às mudanças na dinâmica familiar, verificou-se que os filhos mais velhos das famílias pesquisadas, encontravam-se no período da adolescência quando imigraram, o que parece ter emergido maiores dificuldades na

dinâmica das famílias. Constataram-se ainda algumas mudanças relacionais, especialmente quanto ao impacto decorrido da ausência de membros familiares que não imigraram e, ainda, o fortalecimento dos vínculos afetivos entre a família nuclear após a chegada ao país de acolhimento. Os significados atribuídos à imigração familiar apontaram como aspectos satisfatórios a receptividade e a qualidade de vida; enquanto que a falta de comprometimento com as pessoas e as desigualdades sociais foram consideradas como fatores negativos. Verificou-se que o luto em relação aos amigos e parentes, o bem-estar e o desejo de permanência no país de acolhimento se caracterizaram como aspectos presentes em todas as famílias. Sobre as redes significativas, a partir da construção do Mapa de Redes, observaram-se mudanças estruturais, especialmente quanto à redução de contatos familiares após a migração. Estas informações puderam ser complementadas pela entrevista, relacionando-se ainda à literatura. Por fim, constatou-se que a migração favoreceu a formação de novas redes, com destaque para as amizades e as relações de trabalho e/ou estudo. Conclui-se que o processo migratório promove novos padrões, valores e modos de funcionamento no universo familiar. Deste modo, salienta-se a relevância de que estudos desta natureza incitem a implementação de ações educativas de saúde e comunitárias para as famílias imigrantes, as quais sob diversas circunstâncias encontram-se vulneráveis do ponto de vista psíquico devido ao rompimento com o seu contexto de origem.

Palavras-chave: Migração; Psicologia Intercultural; Família; Teoria Sistêmica.

Ana Paula Sesti Becker. **Families without borders: Psychosocial dimensions of migration on the family life cycle.** Florianópolis, 2014. Dissertation Master in Psychology - Psychology Graduate Program Federal University of Santa Catarina.

ABSTRACT

In contemporary times, the constant expansions are notorious international borders, resulting in significant changes in the lives of individuals. It is considered that the impacts of migration predispose one decisive impact on socio-cultural contexts, especially in the family relational universe. In view of this, this research aimed to understand the psychosocial aspects and changes in the dynamics of families that immigrated to Brazil. Epistemological assumptions that guided this study were guided in Cross-Cultural and Systems Theory, it is possible to weave an integrative and dynamic vision of the phenomenon. Participated in the survey five (5) immigrant families of different nationalities, with: American, Argentinian, Bolivian, Peruvian and Haitian, whose average time of immigration was 07 years and four months. The instruments used for data collection were a sociodemographic questionnaire, semistructured interview and the Network Map. In turn, data analysis was performed from the "Grounded Theory" (Empirically Grounded Theory) method, which gave birth to four (4) categories: 1 - History of family migration; 2 - Changes in family dynamics; 3 - Meaning attributed to family immigration and 4 - Changes in significant networks of families. The results showed that the economic aspect is constituted as the main reason for the migration of the families surveyed. However, some difficulties were identified in the cultural adaptation process, such as Visa and dwelling, limitations on social networks, prejudices, and acquisition of the Brazilian language and school adjustment. In relation to changes in the family dynamics, it was found that the older children of the families surveyed, were in the period of adolescence when they immigrated, which seems to have passed most difficulties in the dynamics of families. Still found some-relational changes, especially regarding the impact of elapsed absence of family members who had not immigrated, and also strengthening the emotional ties between the nuclear family upon arrival in the host country. The meanings attributed to family immigration as pointed satisfying aspects of responsiveness and quality of life; while a lack of

commitment to the people and social inequalities were considered as negative factors. It was found that mourning in relation to friends and relatives, the welfare and the desire to stay in the host country were characterized as being present aspects mentioned by all families. In relation to significant networks, from the construction of the Map Network, was observed structural changes, especially the reduction of contact quoted in quadrant family after migration. This information could be supplemented by interviews, still relating it to what the literature recommends. Finally, it was found that the migration favored the formation of new networks, especially the quadrant of friendships and relationships at work and / or study. Can be said that the absence of family members in the host country, the families sought other sources to find support and feel included the new cultural context. It is concluded that the migration process promotes new standards, values and modes of operation in the familiar universe. Thus, it's emphasized the importance of studies of this nature that can instigate the implementation of educational programs in health and community for immigrant families, which under different circumstances are vulnerable to psychic viewpoint due to the disruption to their context of origin.

Keywords: Migration; Cross-Cultural; Family; Systems Theory.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias semânticas da revisão de literatura.....	50
Quadro 2: Dados sociodemográficos das famílias participantes do estudo.....	66
Quadro 3: Síntese das categorias, subcategorias e elementos de análise.....	73
Quadro 4: Elementos de análise referentes à subcategoria 1.1 : A partir dos motivos encontrados para a migração familiar.....	78
Quadro 5: Elementos de análise referentes à subcategoria 1.2 : A partir da participação dos membros familiares no processo decisório.....	81
Quadro 6: Elementos de análise referentes à subcategoria 1.3 : A partir das dificuldades no processo de adaptação vivenciadas pelas famílias imigrantes no país de acolhimento.....	85
Quadro 7: Elementos de análise referentes à subcategoria 1.4 : A partir dos aspectos facilitadores vivenciados pelas famílias imigrantes no processo de adaptação do país de acolhimento.....	97
Quadro 8: Elementos de análise referentes à subcategoria 1.5 : A partir da avaliação da migração familiar vivenciada pelas famílias imigrantes no país de acolhimento.....	104
Quadro 9: Elementos de análise referentes à subcategoria 2.1 : A partir das transições no ciclo vital vivenciadas pelas famílias imigrantes no país de acolhimento.....	109
Quadro 10: Elementos de análise referentes à subcategoria 2.2: A partir dos vínculos estabelecidos pelas famílias imigrantes no país de acolhimento.....	114

Quadro 11: Elementos de análise referentes à subcategoria 3.1 : A partir das diferenças culturais vivenciadas pelas famílias imigrantes no país de acolhimento.....	118
Quadro 12: Elementos de análise referentes à subcategoria 3.2: A partir dos significados atribuídos ao país de acolhimento pelas famílias imigrantes.....	124
Quadro 13: Elementos de análise referentes à subcategoria 3.3: A partir dos sentimentos vivenciados pelos membros familiares.....	130
Quadro 14: Elementos de análise referentes à subcategoria 4.1: A partir dos sentimentos vivenciados pelos membros familiares.....	139
Quadro 15: Elementos de análise referentes à subcategoria 4.2: A partir da composição da rede após a migração.....	144
Quadro 16: Características estruturais dos mapas dos participantes antes e após a migração.....	149

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imigração como estressor imprevisível no ciclo vital das famílias pesquisadas.....	39
Figura 2: Modelo do Mapa de Redes.....	59
Figura 3: Exemplo do Mapa de Redes elaborado pela autora, adaptado do modelo de Queiroz (2008) - com o acréscimo do genograma da família imigrante no centro do mapa e das subdivisões do quadrante comunidade em religião/vizinhança/serviços de saúde.....	61
Figura 4: Mapa geral das famílias antes da migração com destaque ao quadrante da família.....	140
Figura 5: Mapa geral das famílias antes da migração com destaque ao quadrante das amizades.....	142
Figura 6: Mapa geral das famílias antes da migração com destaque ao quadrante do trabalho/estudo.....	143
Figura 7: Mapa geral das famílias antes da migração com destaque ao quadrante da comunidade.....	144
Figura 8: Mapa geral das famílias participantes após a migração.....	145
Figura 9: Mapa geral das famílias participantes antes e após a migração.....	148

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	19
2. OBJETIVOS	24
2.1 Objetivo geral	24
2.2 Objetivos específicos.	24
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
3.1 Pressupostos Epistemológicos da Pesquisa.....	25
3.2 Psicologia Intercultural	25
3.3 Teoria Sistêmica	28
3.4 Cultura.....	29
3.5 Definição Conceitual de Migração.....	31
3.6 Tipos de Migração.....	32
3.7 Migração e Identidade.....	34
3.8 Conceito de Família e suas Configurações.....	36
3.9 Ciclo Vital Familiar....	38
3.10 Dimensões Psicossociais da Migração na Dinâmica Familiar.....	43
3.11 Rede Social e Migração	45
4. REVISÃO DE LITERATURA	47
5. MÉTODO	55
5.1 Caracterização da Pesquisa.....	55
5.2 Participantes.....	55
5.3 Instrumentos.....	56
5.4 Procedimentos de coleta de dados.....	62
5.5 Considerações Éticas.....	63
5.6 Análise de Dados.....	63
6. RESULTADOS	65
6.1 Caracterização dos Participantes.....	65
6.2 Síntese da história familiar dos participantes.....	69
6.3 Apresentação das categorias, subcategorias e elementos de análise.....	72
7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	77
7.1 Categoria 1 – História da migração familiar.....	77
7.2 Categoria 2 – Mudanças na dinâmica familiar.....	109
7.3 Categoria 3 – Significados atribuídos à imigração familiar.....	118
7.4 Categoria 4 – Mudanças nas redes significativas das famílias.....	139
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	151

9. REFERÊNCIAS.....	158
10. APÊNDICE 1	177
10.1 Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada.....	177
11. APÊNDICE 2	181
11.1 Mapa de redes antes e depois da migração da Família Americana.....	181
11.2 Mapa de redes antes e depois da migração da Família Argentina.....	182
11.3 Mapa de redes antes e depois da migração da Família Boliviana.....	183
11.4 Mapa de redes antes e depois da migração da Família Haitiana.....	184
11.5 Mapa de redes antes e depois da migração da Família Peruana	185
12. ANEXOS	186
Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	186
Anexo 2 - Questionário Sóciodemográfico.....	189
Anexo 3 - Símbolos do Genograma.....	195

1. INTRODUÇÃO

*“E o futuro é uma astronave,
que tentamos pilotar...
Não tem tempo nem piedade,
nem tem hora de chegar,
Sem pedir licença muda a nossa vida,
Depois convida a rir ou chorar...”*

(Aquarela – Toquinho)

Ao longo da história das populações, as migrações configuram-se como um cenário contínuo que repercute no modo de vida e, especialmente, na saúde mental dos indivíduos migrantes. Isto, porque o processo migratório não implica somente em um deslocamento geográfico, mas também na experiência de passar a conviver com diferentes culturas e formas de compreender o mundo (Martins-Borges, 2013; Sarriera, Pizzinato & Meneses, 2005). Tal processo pode colocar à prova o modo de o migrante perceber e lidar com a realidade, desencadeando um estado de vulnerabilidade psíquica, tendo em vista o rompimento dos laços afetivos e as referências socioculturais de origem.

Dentre os tipos de migração, Miranda, Martins-Borges, Pocreau e Pelletier (2004) definem as migrações voluntárias e involuntárias. A primeira configura-se como um fator planejado, uma vez que comporta um projeto de vida em que pessoas, por diversas razões deixam seu país de origem e se mudam para outra nação permeada por diferentes contextos sócio-políticos e culturais (Prado, 2006). Em contrapartida, as migrações involuntárias caracterizam-se pela migração de indivíduos que vivenciaram situações traumáticas, tais como: Guerra, genocídio, perseguição política, catástrofes naturais, entre outros, cujos familiares e eles mesmos encontravam-se em perigo. Considera-se que muitos migrantes partem sem seus documentos e alguns, sem destino, cujas experiências podem repercutir impactos psicológicos significativos.

Convém esclarecer que o fenômeno migratório pode, ainda, ser dividido entre migrações internas e internacionais. A primeira compreende-se como os deslocamentos que ocorrem dentro do território nacional ou regional, enquanto que a segunda relaciona-se aos sujeitos que transpõem os limites da federação. No presente estudo o foco delimitado contemplou as migrações internacionais.

Para melhor compreensão do fenômeno, salienta-se ainda a distinção entre os termos adotados em relação ao sujeito migrante, imigrante e emigrante. Entende-se por migrante, a pessoa que se desloca de uma região para outra ou de um país para o outro. Já o termo imigrante, designa a pessoa que vem de outro país e torna-se acolhida por outra nação, sendo assim vista, por aqueles que a acolhem. Enquanto que o conceito de emigrante é utilizado para referir-se ao sujeito que deixa sua pátria com a finalidade de estabelecer-se em um novo país.

Verifica-se que durante todo o século XIX e até meados do século XX, o Brasil recebeu um significativo fluxo de imigrantes de diversas nacionalidades. Isto nos permite explicar a múltipla etnicidade e mestiçagem da população brasileira. Destaca-se que a maioria desses imigrantes pertencia às camadas pobres da população europeia, cuja constituição se dava por pequenos comerciantes, operários e artesãos que viviam em situações de vulnerabilidade, tais como guerras, conflitos religiosos e crises socioeconômicas, das quais buscavam a fuga (Prado, 2006; Rodrigues, Pereira e Strey, 2007; DeBiaggi, 2003).

Em vista do histórico das imigrações brasileiras, segundo as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) registrou-se que 286.468 imigrantes vindos de outros países, viviam no Brasil há pelo menos cinco anos e em residência fixa. O número foi 86,7% maior do que o encontrado pelo Censo Demográfico de 2000, quando foram registrados 143.644 imigrantes na mesma situação. Salienta-se ainda, que os principais países de origem dos imigrantes, foram os Estados Unidos (51.933), Japão (41.417), Paraguai (24.666), Portugal (21.376) e Bolívia (15.753).

Neste sentido, o Censo do IBGE de 2005, aponta características oriundas de possíveis imigrações voluntárias, uma vez que a realidade migratória encontrada no Brasil relaciona-se em muito à busca de trabalho e melhor qualidade de vida, especialmente nos grandes centros. Todavia, uma problemática a ser pontuada reside no impacto urbano e social, já que a cidade não consegue absorver toda a população migrante. Portanto, grande parte dessa população não encontra emprego, tornando-se marginalizada, menos favorecida economicamente, acabando por viver em áreas periféricas ou mesmo nas ruas.

Considerando o impacto social a partir dos números de imigrações no contexto brasileiro, cabe salientar as iniciativas legais, tais como a “Convenção Internacional da Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias”,

promulgada em 1990 no âmbito da Organização das Nações Unidas. Tal convenção entrou em vigor no Brasil no ano de 2003 e assegura a dignidade e os direitos básicos de todos os trabalhadores migrantes e suas famílias, independente de estarem em situação migratória regular ou não (Brasil, 2013). Apesar destes incentivos, ainda é presente no contexto brasileiro circunstâncias que se caracterizam pela discriminação aos imigrantes, quando estes são vistos como uma ameaça à segurança pública. Para tanto, é proeminente que se promova mediante ações concretas de políticas públicas, os direitos e o acolhimento aos indivíduos e famílias imigrantes, os quais sob diversas circunstâncias encontram-se vulneráveis do ponto de vista psíquico devido ao rompimento com o seu contexto de origem.

Sendo assim, um dos focos prementes de estudos e intervenções da área, pauta-se sobre a investigação da adaptação psicológica dos indivíduos e grupos quando mudam de país (Muhlen, Dewes, & Leite, 2010; Sarriera, 2000). A presente demanda permite-nos atentar para o fenômeno de aculturação, que conforme Berry (2004) designa-se ao processo de mudança que decorre do contato contínuo com outra cultura. É fundamental também, destacar as relações que se estabelecem quanto às construções identitárias de cunho nacional e étnica dos indivíduos (Dantas, Ueno, Leifert, & Suguiura, 2010), bem como a verificação quanto às redes sociais que os migrantes dispõem quando chegam a um novo contexto sociocultural (Sluzki, 2003; Sluzki, 1997) e as dimensões estabelecidas da migração no ciclo de vida familiar destes (Sarriera *et al*, 2005).

Levando-se em conta tais aspectos, a construção que se faz a seguir adota como fundamento teórico deste estudo a Psicologia Intercultural, a Psicologia Clínica Intercultural e a Teoria Sistêmica para compreender a complexidade do fenômeno migratório, bem como as relações estabelecidas na dinâmica familiar dos sujeitos.

Entende-se que o desenvolvimento da família perpassa o ciclo vital de seus membros, constituído por um conjunto de estágios sucessivos na vida do ser humano. Esta concepção nos remete ao fato de que cada estágio possui tarefas específicas que devem ser cumpridas, tanto pelo indivíduo quanto pelo respectivo sistema familiar, desencadeando um processo de transição para uma nova etapa do ciclo (Cerveny, Berthoud *et al*, 2002). As transições familiares constituem um processo recursivo, cujas mudanças são ao mesmo tempo produto e produtoras de estágios evolutivos. Tais transições podem ser consideradas desenvolvimentais quando são previsíveis e imprevisíveis,

quando não esperadas, nesta última, enquadra-se a migração (Carter, & McGoldrick, 1995).

Oportuniza-se assim, destacar o conceito de família adotado nesta pesquisa. Partindo dos pressupostos da teoria Sistêmica, entende-se a família como um sistema ativo em constante transformação; como um organismo que se altera com o tempo para assegurar a continuidade e crescimento psicossocial de seus membros, assim, ao mesmo tempo em que permite o desenvolvimento como uma unidade, deve assegurar também, a diferenciação entre seus componentes (Osório, 2002; Dessen & Braz, 2005). Por conseguinte, esta influencia e é influenciada pelo contexto no qual está inserida, permeando o movimento histórico dos processos migratórios.

É importante considerar que não somente no âmbito singular, mas na dimensão familiar dos imigrantes, são diversos desdobramentos decorrentes das mobilidades que implicam na reelaboração do universo simbólico de seus membros. Neste sentido, a migração provoca um impacto significativo no ciclo vital da família e nas redes sociais. Isto, porque pode colocar em xeque a dinâmica familiar. Conforme Minuchin (1982) compreende-se a dinâmica familiar como o conjunto de formas de funcionamento familiar, relações hierárquicas e de poder que se estabelecem entre os membros.

Em vista disto, exemplificam-se as dimensões psicossociais da migração no âmbito familiar, a saber: a inversão dos papéis familiares, fenômeno frequente especialmente quando os filhos mantêm-se na função de apresentar uma nova cultura aos pais; a manutenção do casamento à distância quando este se mantém na ausência do cônjuge; como também, o processo de aculturação de retorno, padrões de repetição familiar, conflitos com a família estendida e estado de vulnerabilidade entre os membros, advindos pela migração (Carter & McGoldrick, 1995; McGoldrick, 2003).

Os estudos consultados acerca do processo migratório e a dinâmica familiar de imigrantes enfatizaram em grande parte o processo de aculturação e as dificuldades de adaptação das famílias (Sarriera, *et al*, 2005; Machado, 1997; Hope, 2011; Waters, 2011; Ryan, Sales, Tilki & Siara, 2009; Morrison & James, 2009; Engebrigtsen, 2007; Deepak, 2005) bem como o afastamento entre membros familiares quando apenas um dos cônjuges emigra (Soto, 2012; Mercer, 2012; Waters, 2002 e Ximena, 2005), deixando os filhos por diversos motivos, mas principalmente por melhores condições de vida e ascensão profissional (Puerta e Masdéu, 2010; Ryan, 2008 e Estrada, 1982).

Todavia, não foi amplamente discutido nas obras encontradas, como se estabelecem os papéis familiares a partir do processo migratório, inclusive quando os pais migram deixando os filhos sob os cuidados de parentes ou pessoas próximas. Também não foi encontrado entre os estudos, relatos sobre a inversão comum dos papéis familiares entre pais e filhos, especialmente quando estes se mantêm na função de apresentar a nova cultura aos pais, uma vez que repetidas vezes, detêm maior facilidade com o novo idioma. Em síntese, constatou-se um recente interesse pelas associações entre imigração e relações familiares, haja vista as produções que tiveram maiores publicações nas últimas décadas.

Considera-se o impacto do fenômeno migratório nos processos inerentes ao microsistema familiar, bem como o mapeamento das redes significativas de apoio que as famílias imigrantes encontram em um novo contexto sócio-cultural, de modo a obter-se uma visão mais ampla e coerente do processo. Acredita-se que as mobilidades humanas repercutem de forma proeminente o universo relacional da família no que tange aos valores, padrões e funcionamento compartilhado entre seus membros.

Sugere-se o incremento de pesquisas que considerem tais aspectos, especialmente no panorama nacional e no campo psicológico. Tal cenário também alude às práticas interventivas que acolham a presente demanda em prol da implementação de ações educativas de saúde e comunitárias para as famílias que vivenciam o processo da imigração.

Em vista dos múltiplos aspectos vigentes que remontam o fenômeno migratório a partir do universo relacional da família, considera-se a diversidade de fatores implicados no processo e a estreita inter-relação em que se constituem, partindo-se do seguinte problema de pesquisa: **“Quais mudanças ocorrem na dinâmica de famílias que imigraram para o Brasil?”**

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral: Compreender as dimensões psicossociais e as mudanças ocorridas na dinâmica de famílias que imigraram para o Brasil.

2.2 Objetivos Específicos:

- ❖ Caracterizar a história da migração das famílias.
- ❖ Caracterizar a estrutura e dinâmica familiar antes e após a migração.
- ❖ Investigar se houve mudanças quanto à configuração familiar após a migração.
- ❖ Descrever os sentimentos atribuídos à migração, pelos diferentes membros da família.
- ❖ Identificar as redes sociais das famílias pesquisadas antes e após, a migração.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Pressupostos Epistemológicas da Pesquisa

Com o intuito de refletir sobre as diretrizes que orientarão o desvelamento do objeto de estudo, salienta-se a recorrência em delimitar os aspectos basilares a serem percorridos no sentido de construir caminhos que propiciem possibilidades de melhor compreender o fenômeno estudado. A seguir, se tecem algumas reflexões acerca dos pressupostos epistemológicos adotados, os quais norteiam a Psicologia Intercultural e a Teoria Sistêmica.

3.2 Psicologia Intercultural

A Psicologia Intercultural surgiu nos anos de 1960 em meio ao questionamento das formulações etnocêntricas que imperavam na época, cujas concepções induziam as generalizações para todos os seres humanos, já que se privilegiavam em muitos estudos, grupos ou amostras de pessoas da América do Norte ou da Europa. Neste sentido, entendia-se que a tendência do pensamento pautava-se em considerar as normas, categorias e valores da própria sociedade como parâmetro universal (Dantas, 2012).

Sob este panorama, a Psicologia Intercultural (PI) surgiu com a finalidade de promover uma visão ampla dos fenômenos psicossociais, por descrever e compreender a influência dos fatores culturais no desenvolvimento e nos comportamentos dos migrantes (Sarriera, Pizzinato e Meneses, 2005). Salienta-se ainda, que o estudo da Psicologia com grupos imigrantes está ancorado em um campo multidisciplinar: Antropologia, Sociologia, Demografia, Economia, Ciências Políticas e História (Dantas, 2012).

DeBiaggi e Paiva (2004) complementam que o estudo do indivíduo e o comportamento interpessoal, bem como as categorias de psicologia tanto geral como social, tais como identidade, percepção, cognição, personalidade, comportamento social, gênero, relação interpessoal, preconceito, entre outros, consideram-se como prementes objetos de estudo na PI.

Frente à reflexão dos pesquisadores acerca das dimensões individuais e das condições culturais, cujos aspectos são elementares para a construção das relações interpessoais e sociais, delinear-se duas vertentes teóricas da PI, denominadas de êmica e ética. Tal terminologia deriva dos estudos da Linguística para descrever dois

sistemas de representação de sons: fonêmica e fonética. A primeira relaciona-se a um próprio sistema com sua respectiva língua e o outro conceito aborda um sistema geral de sons (Ueno, 2008).

Compreende-se por uma abordagem êmica ou Psicologia Cultural, os aspectos específicos de uma dada cultura, examinando-se, portanto, as características internas de um proposto sistema. Enquanto que na abordagem ética, leva-se em consideração o comportamento de uma posição externa ao sistema, investigando-se mais culturas, comparando-as umas com as outras, de modo a encontrar concepções universais do ser humano. Deste modo, busca-se o universal a partir do entendimento do particular (Dantas, 2012).

Paiva (2004) enfatiza que se consideram as peculiaridades do comportamento compartilhadas numa cultura, contudo almeja-se descobrir sua universalidade. Deste modo, retoma que a vertente êmica desenvolveu-se como a Psicologia Cultural, e a vertente ética como a Psicologia Intercultural que, a partir de um ético provisório, aborda os êmicos culturais e deles deriva um novo ético mais abrangente.

Diante do exposto, têm-se como principais expoentes da Psicologia Intercultural, segundo a vertente dos “culturalistas” do cenário internacional, os seguintes renomes: D. Price-Williams, Gustav Jahoda, Jhon Berry, Pierre R. Dasen, Ype Poortinga, Harry Triandis, Marshall Segal e mais recentemente, Jean Phinney, focando-se nos estudos de identidade étnica na segunda geração de imigrantes (Dantas, 2012). Destaca-se entre estes estudiosos, John Berry (Psicologia Social) por focar-se aos fenômenos da aculturação, especialmente entre as décadas de 1980 e 90; bem como, inclui-se com referido destaque as contribuições da antropóloga Margareth Mead (1901-1978) como subsídio teórico na compreensão da PI.

De acordo com Moro e Lachal (2008) George Devereux é o fundador da Etnopsiquiatria. Foi ele que delimitou seus alicerces teóricos, tendo-a constituído como disciplina, com base no complementarismo. Tal perspectiva remete-nos a ideia de considerar o nível cultural e individual dos sujeitos, a partir da Antropologia e da Psicanálise. Outra premissa sobre a qual estabelece sua teoria consiste no princípio da universalidade psíquica. Salienta-se que ao longo de sua obra, o Psicanalista valeu-se do termo “Etnopsiquiatria” de modo sinônimo, para referir-se particularmente às diferentes compreensões concernentes aos distúrbios psiquiátricos de acordo com as culturas em que os sujeitos se desenvolvem (Barros e Bairrão, 2010). Devereux procurou, com o termo Entopsiquiatria, considerar o contexto cultural e étnico nas classificações da psiquiatria tradicional.

Retoma-se, portanto, que a nomenclatura “Etnopsicanálise” é utilizada para delimitar uma posição em diálogo com a Antropologia. Valendo-se de uma breve contextualização, ressaltam-se as contribuições de Tobie Nathan, um dos principais seguidores de George Devereux, para o avanço na perspectiva clínica de atendimento psicológico aos povos imigrantes. Barros e Bairrão (2010) salientam a vigência do termo Etnopsiquiatria destinado aos estudos de Tobie Nathan, os quais dimensionam a Psicopatologia a partir de diferentes culturas, sendo que as mesmas produzem diferentes doenças. Todavia, não há significativas distinções entre as nomenclaturas Etnopsicanálise e Etnopsiquiatria. O que se percebe é predileção pela escolha entre os autores que diverge entre os termos adotados.

Nos países francófonos europeus e no Québec - Canadá, a Etnopsiquiatria, sob influência da Psicologia, sofre transformações e dá origem às premissas da Psicologia Clínica Intercultural. Dentre os principais expoentes da Psicologia Clínica Intercultural, listam-se Emil Kraepelin (1856/1926 – Psiquiatria Comparada); o próprio Sigmund Freud (1856/1939 – precursor da Psicanálise); George Devereux (1908/1985 – Psicanalista, Psicologia do Ego); na França: Tobie Nathan (1948 – Psicólogo, Psicanalista e fundador da primeira Clínica Intercultural em Paris VIII) e Marie-Roso-Moro (1961 – Psiquiatra Infantil e Coordenadora da Clínica Intercultural Infantil em Paris); no Canadá: Cecile Rousseau (Psiquiatra, Fundadora da Transcultural Child Psychiatry Clinic) e Jean-Bernard Pocreau (Psicólogo, Fundador SAPSIR/Serviço de Atendimento Psicológico Especializado aos Imigrantes e Refugiados).

A partir da prática clínica no Serviço de Atendimento Psicológico Especializado aos Imigrantes e Refugiados – SAPSIR, em Quebec, Canadá; Martins-Borges e Pocreau (2009) destacam o âmbito clínico a partir dos estudos da Etnopsiquiatria. De acordo com os autores, a base teórica referida permite considerar o humano em toda sua complexidade, no reconhecimento da diferença do outro. Enquanto modelo psicoterapêutico, a Etnopsiquiatria é “necessariamente múltipla, mutável, portadora de nuances e de diferenças, pois seu exercício apoia-se na prática das mestiçagens de universos lógicos (...) das maneiras de pensar o sentido (mais do que a causa) e no tratamento dos transtornos” (p.235). Cita-se ainda, o entendimento de que a base teórica extrapola a uma psicoterapia metacultural ou uma socioterapia, excedendo a uma técnica de cuidados aplicada ao indivíduo e à sua família, de modo que não se limita à supressão dos sintomas tanto físicos quanto psíquicos.

Apresenta como finalidade a restauração da vital das pessoas, em todas as suas dimensões e diversos canais expressivos.

No Brasil, os principais precursores da Psicologia Intercultural foram Aniela Ginsberg, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Arrigo Leonardo Angelini, da Universidade de São Paulo. Posteriormente, na década de 1970, Paiva (1978) publica no país o primeiro livro introdutório concernente à PI. Cabe salientar que esta área mantém-se de modo passivo, ressurgindo o interesse somente na década de 1990, em razão da maciça emigração dos brasileiros para o exterior (Dantas, 2012).

Conforme já fora mencionado, tem-se por objeto de estudo na Psicologia Intercultural e especialmente na vertente dos culturalistas, as teorizações acerca dos fenômenos de aculturação dos imigrantes, a construção da identidade étnica e cultural, as redes sociais que os migrantes dispõem quando se deslocam de contexto, bem como o impacto psicológico derivado da mobilidade a partir do ciclo de vida que se encontram os indivíduos.

3.3 Teoria Sistêmica

Com base no fundamento teórico concebido pelos biólogos organísmicos durante a primeira metade do século XX, o pensamento sistêmico emergiu enquanto um novo modo de pensar em termos de conexidade, relações e de contexto. Isto quer dizer que não há elementos simples e isolados, mas uma interação constante entre o indivíduo e seu meio. Assim, todo e qualquer organismo é uma totalidade integrada, logo um sistema vivo. Embora se possam discernir suas partes individuais em qualquer sistema, a natureza do todo será sempre mais abrangente que a soma de suas partes. As propriedades das partes não são propriedades intrínsecas, de modo que só podem ser entendidas dentro do contexto de um todo maior, o que permite afirmar que a teoria sistêmica é também, contextual. Entende-se que o sistema remete a uma estrutura hierarquicamente organizada em interação entre as partes e o meio, buscando equilíbrio (homeostase). Enquanto que a estrutura refere-se à reunião de elementos da mesma espécie que formam conjuntos relacionados e que, portanto, funcionam por meio de bases estabelecidas, as quais podem ser entendidas como regras e estratégias (Capra, 1996; Vasconcellos, 2013).

Em vista disto, a Teoria Sistêmica com base na Cibernética de 2ª Ordem é compreendida como paradigma da ciência contemporânea ou epistemologia da ciência novo-paradigmática, que conforme

Vasconcellos (2013) parte-se dos seguintes pressupostos: Complexidade, Instabilidade e Intersubjetividade; os quais foram adotados para compreensão epistemológica do fenômeno estudado, sendo discutidos a seguir.

Por *complexidade* aponta-se o reconhecimento da contextualização dos fenômenos e da causalidade recursiva, ou seja, não é possível considerar o indivíduo separado do contexto de modo que as relações não sejam mais lineares, mas recursivas. Por recursividade entende-se uma causalidade complexa que pode ser representada como um espiral em que muitas variáveis permitem o desencadeamento do fenômeno ao longo do desenvolvimento.

Por sua vez, a *instabilidade* reflete que o universo está em constante processo de transformação, o que confere a indeterminação e imprevisibilidade de alguns fenômenos. Tal pressuposto implica na noção dinâmica do sistema, consoante a premissa de que o “mundo está em processo de tornar-se” (Vasconcellos, 2013, p. 101).

Por fim, a *intersubjetividade* refere-se que o conhecimento científico do mundo parte da construção social pela interferência de diferentes olhares dos sujeitos/observadores. Desta forma, há múltiplas versões da realidade, a partir do foco de como esta é percebida.

A Teoria Sistêmica contribui para a contextualização do fenômeno estudado – *Dimensões psicossociais da migração no ciclo de vida familiar*, à medida que favorece a reflexão da própria instabilidade encontrada nos fluxos migratórios, e, por conseguinte, nas mudanças da dinâmica familiar dos membros a partir da imigração. Observa-se ainda, que no sistema das famílias imigrantes, muitas variáveis, como a rede social familiar, as dificuldades encontradas no processo de adaptação e as transições no ciclo vital da família permitem o desencadeamento do fenômeno estudado, o que implica em uma perspectiva complexa, e, portanto, contextual e processual. Além disso, os diferentes enfoques epistemológicos adotados aqui, como a Teoria Sistêmica e a Psicologia Intercultural, complementam a compreensão dos dados obtidos e amplia o foco da pesquisadora à luz da intersubjetividade presente na discussão teórica.

3.4 Cultura

Segundo Sarriera *et al* (2005) até os anos de 1950 a cultura era definida em termos de padrões de hábitos e comportamentos, enfocando os aspectos observáveis da cultura (como vestuário, idioma, alimentação). Todavia, o conceito evoluiu de diferentes formas na

contemporaneidade, de modo que se considera não somente o âmbito objetivo do que o mundo físico caracteriza como construção cultural, como também os aspectos subjetivos implicados no mundo simbólico em que se tecem as relações sociais.

Corroborando a tal concepção, Rodrigues, Strey e Pereira (2007) complementam que a cultura corresponde às percepções compartilhadas sobre a sociedade, comportamentos desejáveis ou normas prescritas para os membros daquele contexto, bem como as diferentes posições ocupadas na hierarquia social (papéis). Os autores, além de propor a dimensão das regras estabelecidas, das instituições estabelecidas e demais apontamentos consonante ao que preconizou Sarriera *et al* (2005) refletem ainda sobre as vertentes que perpassam a cultura, em nível do que é particular e o que se configura como o coletivo. Portanto, pode-se dizer que a cultura contempla a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos ao decorrer de suas trajetórias, e, em numa outra instância, pelo conjunto dos grupos que a constituem (Claval, 2007). Assim, é tida como uma herança que se transmite de uma geração a outra, uma vez que através dela, difundem-se os conhecimentos, crenças, costumes e tradições de uma comunidade (Cuche, 2002).

Outra definição de cultura e que neste estudo será utilizada como marco teórico, define-se a partir das contribuições de Nathan (1986), cuja concepção remete ao “mapa mental” que possibilita a cada membro de uma sociedade, movimentar-se, pensar e trabalhar; o que de forma geral, pressupõe-se viver, evitando o medo e a perplexidade.

Considera-se, portanto, que a cultura, é de modo mais abrangente, um reservatório de significações às quais o ser humano recorre para encontrar sentido às suas experiências. Desse modo, o mundo interno (mundo psíquico) e o mundo externo (cultura) podem se comunicar, encontrando de forma mútua um sentido, uma vez que possuem uma mesma linguagem. Por conseguinte, pondera-se a cultura como um lugar de construção da linguagem simbólica do sujeito - o que inclui também a língua - como parte integrante de seu desenvolvimento psíquico (Martins-Borges, 2013).

Diante do exposto, vale ressaltar algumas funções que a cultura exerce. Primeiramente, é visto que esta permite estruturar as representações por meio da língua e delimita o dentro e o fora, o mundo interno do mundo externo; neste sentido, opera como uma defesa. Não obstante, desempenha outras funções, tais como: disponibilizar aos seus membros as defesas comuns contra a angústia e a solidão; propor

modalidades para a resolução dos conflitos, fixando ritos, rituais de iniciação e maneiras de se comportar em situações de estresse intenso, bem como durante momentos significativos da existência, tais como: nascimento, casamento, falecimentos, catástrofes, etc. Assume ainda, um papel fundante na estruturação e manutenção da identidade e nas suas transformações posteriores (Martins-Borges & Pocreau, 2009).

Logo, considera-se que as dimensões culturais podem ser denominados espaços potenciais de troca e de constituição do psiquismo. Apresenta ainda como finalidade garantir as funções protetivas, de organização das significações, de filtro da realidade e de delimitação das fronteiras entre o dentro e o fora, entre o mundo interno e o externo (Nathan, 1986; Martins-Borges & Pocreau, 2009). A seguir, faz-se necessário integrar a compreensão de tais definições sob a ótica dos fenômenos migratórios e das implicações decorrentes destes.

3.5 Definição Conceitual de Migração

As migrações humanas constituem um fenômeno contínuo ao longo da civilização, de modo que todo povo ou nação tenha sido produto de uma grande migração. Tal realidade nos remete pensar que a necessidade de mudança integra nossa condição humana, o que por sua vez, propicia o desenvolvimento. É visto que a partir da interação com o meio ambiente e novos contextos sociais, pressupõem-se diferentes estratégias que os indivíduos recorrerão para melhor adaptarem-se a um novo estilo de vida.

De acordo com Rodrigues, Strey e Pereira (2007) o fenômeno migratório transcorreu diversas fases ante os registros históricos da humanidade. No período pré-histórico, a migração contribuiu para a evolução da espécie humana, por meio da capacidade de adaptação a diferentes ambientes. Na época do Império Romano, a campanha das cruzadas e o período das grandes navegações, a finalidade que se destinavam as migrações era a colonização. Já a partir da Revolução Industrial, a migração passa a ser uma alternativa encontrada pelas classes camponesas para buscar melhores condições de sobrevivência.

A raiz etimológica da palavra migrar deriva do latim *migrare*, de modo que algumas definições que designam a migração referem-se ao ato de passagem, mudança regular e periódica de algum local (país, estado, cidade, região, etc.) para outro (Dicionário Houaiss, 2013).

No entanto, compreende-se que o ato de migrar não implica somente no deslocamento físico a partir dos limites transpostos geograficamente; uma vez que pode ser entendido como um processo dinâmico e complexo, para o qual converge uma diversidade de aspectos, decorrentes de fatores econômicos, sócio-culturais e psicológicos, que se tornam o alicerce deste fenômeno de mobilidade social (Moré & Queiroz, 2007; Sarriera *et al*, 2005). Tal processo pode desencadear um estado de vulnerabilidade psíquica no modo de o migrante perceber e lidar com a realidade, tendo em vista o rompimento dos laços afetivos e as referências socioculturais de origem.

Salienta-se que a migração internacional tem sido considerada como a movimentação física de pessoas entre países diferentes e por períodos variados de tempo (IOM, 2003; WHO, 2003). Tal fenômeno contempla diferentes causas, bem como distintos estatutos do migrante, cujos aspetos acabam por determinar o tempo de residência no país de acolhimento, assim como as condições da migração (WHO, 2003). Neste estudo o foco a ser delimitado contemplará as migrações internacionais.

De acordo com a Organização Internacional de Migração – OIM (2004), não há uma definição consensual de “migrante”. Para a Organização Mundial da Saúde - OMS, “migrante” é a pessoa que abandonou o seu país por razões políticas, econômicas, sociais ou ambientais, tendo em vista melhores condições de vida (Herbert, 2012). Já para a Organização das Nações Unidas - ONU, qualquer pessoa que vive, permanentemente ou temporariamente, num país no qual não nasceu e no qual criou relações, é considerada “migrante” (Dias & Rocha, 2009).

3.6 Tipos de Migração

No tocante às classificações quanto aos tipos de migração, estas se caracterizam por migrações voluntárias e involuntárias. A primeira denota-se como um fator planejado, uma vez que comporta um projeto de vida em que pessoas, por diversas razões deixam seu país de origem e se mudam para outra nação permeada por diferentes contextos sócio-políticos e culturais. Por outro lado, as migrações involuntárias caracterizam-se pela migração de indivíduos que vivenciaram situações traumáticas, tais como: Guerra, genocídio, perseguição política, catástrofes naturais, entre outros, cujos familiares e eles mesmos encontravam-se em perigo. Observa-se, assim, que muitos migrantes

partem sem seus documentos e alguns, sem destino. Tais vivências podem provocar impactos de ordem psicológica de modo significativo (Martins-Borges, 2013; Prado, 2006).

Não obstante, destaca-se ainda, os fatores de atração e expulsão que estão presentes nos fenômenos migratórios. Prado (2006) comenta que a alternativa de estudo, a oferta de emprego, a busca por melhores condições de vida, incluindo-se nisto, a segurança, bem como a transferência no trabalho, constituem-se aspectos influentes no processo de atração que permitem às pessoas a decisão de migrarem. Como fatores de expulsão, pode-se pensar na ocorrência de guerras, perseguições ou ainda, precárias condições de vida.

No Brasil, a imigração relaciona-se em muito à busca de trabalho e melhor qualidade de vida, especialmente nos grandes centros. No entanto, como a cidade não consegue absorver toda a população migrante, grande parte dessa população não encontra emprego, tornando-se marginalizada, menos favorecida economicamente, acabando por viver em áreas periféricas ou mesmo nas ruas (IBGE, 2005).

Verifica-se na construção histórica brasileira, que durante todo o século XIX e até meados do século XX, o país recebeu um fluxo expressivo de imigrantes de diversas nacionalidades. Isto nos permite explicar a múltipla etnicidade e mestiçagem da população brasileira. Considera-se que a maioria desses imigrantes pertencia às camadas pobres da população europeia, cuja constituição se dava por pequenos comerciantes, operários e artesãos que viviam em situações de vulnerabilidade, assim como guerras, conflitos religiosos e crises socioeconômicas, (Prado, 2006; Rodrigues, Pereira e Strey, 2007; DeBiaggi, 2003).

Atualmente, observa-se que a tendência migratória no Brasil está revertendo-se, uma vez que, costumava-se pensar o nosso país sendo constituído por pessoas vindas de diversas culturas, uma nação de “miscigenação racial”, mas não se vislumbrava um país que se partisse em busca de melhores condições de vida. Estima-se que em torno de 1% da população brasileira deixou o país; tais registros datam-se no ano de 2000, em que aproximadamente 1 e 2 milhões de brasileiros residiam em outros países (DeBiaggi, 2003).

Os diferentes tipos de migração engendram repercussões contundentes no panorama econômico e social, bem como de modo especial na experiência dos migrantes. Isto justifica ao que Rodrigues, Strey e Pereira (2007) refletem que o indivíduo que emigra fisicamente, não significa dizer que tenha emigrado emocionalmente, pois ultrapassar

as fronteiras geográficas não se constitui a tarefa primordial da migração, mas sim transpor as barreiras sociais, econômicas, culturais e linguísticas.

3.7 Migração e Identidade

“A mudança para outra sociedade e cultura coloca em xeque o modo de ser, o de ver o mundo, o de se ver e o de se relacionar, trazendo à tona a questão de quem se é” (Dantas, 2010, p.115). Sob tal reflexão, permite-nos compreender que as pessoas pertencem e crescem em uma mesma cultura, compartilham de uma “memória” em comum e de um quadro de referências que constituem a sua identidade; Isto nos remete a ideia do universo simbólico, que para Dantas, Ueno, Leifert e Suguiura (2010), estabelece um aliança entre as pessoas.

Concebe-se, portanto, a identidade como identificações em curso, as quais são adquiridas inicialmente através das figuras primárias por meio do afeto (Santos, 2001). Tais noções configuram um caráter relacional, dinâmico e de construção. Além disso, a identidade pode ser imbuída de um valor contrastivo, haja vista que pressupõe o reconhecimento da alteridade para a sua afirmação, ou seja, um contexto que define algo em relação ao qual eu, por contraste, consigo definir quem sou (Dantas & cols, 2010). Hall (2003) enfatiza que a identidade só se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza.

Assim, aponta-se que o fenômeno migratório pode se tornar um desencadeador de crises identitárias, uma vez que por meio das diferenças étnicas entre a própria cultura e a outra desconhecida que passa a constituir-se o meio no qual o indivíduo se insere, o universo simbólico da pessoa é abalado por meio das rupturas desencadeadas.

Por todos esses motivos, Phinney (2004) destinou seus estudos à formação das identidades bi ou multiculturais que os sujeitos experienciam nos processos migratórios. Denominou como identidade nacional o sentimento de pertença, de fazer parte de um país ou estado soberano podendo mudar quando sai do país de origem e adquire uma nova cultura; enquanto que a identidade étnica é entendida como uma herança ancestral como os sentimentos e laços comuns compartilhados (cultura, parentesco, religião, etnia), constituintes do universo simbólico do sujeito. O autor ressalva que um sujeito pode ter identidades bi ou

multiculturais quando há uma combinação entre sua identidade étnica e cultural a qual ele estiver inserido.

Destaca-se também, que a formação das identidades multiculturais ocorre ao longo de ciclos dinâmicos compostos por fases que se repetem, num processo ativo que não é conferido somente pela idade, mas que deriva do contexto, das relações e do envolvimento entre os próprios sujeitos (Phinney, 2004).

A partir dos estudos de Erikson (1968) e de demais representações existentes acerca da identidade, delineou-se um modelo constituído por três etapas, a saber: a fase da não-exploração, da exploração e da “identidade adquirida”. A primeira configura-se como a ausência de uma reflexão crítica em relação às questões de sua identidade (valores, crenças religiosas, estilo de vida, etc.), possivelmente pelo fato da pessoa não ter sido confrontada às mesmas questões. A fase posterior, estágio da exploração, compreende o momento de crise. Tal estágio pode ser decorrente do ciclo vital, como a fase da adolescência ou advinda por situações de mudança social, como exemplo, a migração, uma vez que os eventos mobilizam questionamentos e confrontos identitários. Posteriormente, na fase da “identidade adquirida”, a pessoa negocia melhor entre as duas culturas, a partir de suas escolhas e experiências. Este estágio confere uma estabilidade revigorante e uma posição caracterizada pela completude e iniciativa (Dantas *et al*, 2010). Todavia, denomina-se identidade “adquirida” colocada entre aspas, pois é compreensível que a construção identitária é contínua e dinâmica, estando sempre em transformação.

Na observância de diversas situações que permeiam as construções identitárias, Barros, Roos, Badia, Hernández e Honório (2013) destacam a formação das identidades familiares que permeiam e se estabelecem a partir das migrações. Os autores compreendem que a identidade familiar abarca a soma das identidades de seus membros e das gerações passadas, conferindo assim, a transmissão das heranças familiares. Estas heranças são fundamentais para a manutenção da coesão familiar e para a criação de significados comuns; todavia, a partir do evento migratório, há um confronto entre as características fundantes do núcleo familiar em contraposição à cultura majoritária.

Tendo como pano de fundo estes parâmetros, é conveniente contextualizar os processos familiares a partir da experiência migratória, especialmente no que tange a concepção de família e suas configurações, o ciclo vital familiar, bem como as dimensões psicossociais da migração na dinâmica da família e as redes sociais que integram o sistema familiar.

3.8 Conceito de Família e suas Configurações

Ao abordar as dimensões psicossociais decorrentes da migração no âmbito familiar, torna-se conveniente esclarecer inicialmente alguns conceitos aqui adotados, como norteadores da problemática instaurada. Neste sentido, propõe-se definir e clarificar o que compreendemos por família, estrutura e dinâmica familiar.

A família sendo o grupo social primário de apoio é compreendida à luz da perspectiva sistêmica, como um sistema social e ativo, em constante transformação que se altera com o passar do tempo para assegurar o desenvolvimento da família como unidade e, ao mesmo tempo, assegura a diferenciação de seus membros. Tem como finalidade promover a sobrevivência e a socialização de seus integrantes (Osório, 1996; Andolfi, Menghi e Nicolo-Corigliano, 1984; Biassoli-Alves, 2004).

Duas tarefas que a família desempenha consistem na coesão no sentido de fornecer o pertencimento e acolhimento aos membros, e na diferenciação, uma vez que por meio da separação individual e do processo emancipatório de seus integrantes, é responsável pelo processo de socialização primária das crianças e dos adolescentes (Schenker & Minayo, 2003). Em vista disto, a família tem como finalidade estabelecer formas e limites para as relações estabelecidas entre as gerações mais novas e mais velhas, com vistas à adaptação dos sujeitos às exigências do conviver em sociedade (Simionato-Tozo, 1998; Pratta & Santos, 2007).

Para Nascimento (2007), a família é considerada o primeiro e mais importante grupo social, concebida como um sistema vivo, ativo, complexo, em constante movimento, que promove a sobrevivência e a socialização de seus membros; sendo responsável pela nutrição alimentar, proteção, desenvolvimento, apoio emocional e pela transmissão de valores éticos, estéticos, culturais e espirituais, além de ser o primeiro espaço para o exercício da cidadania, assumindo assim, funções biológicas, psicológicas, pedagógicas e sociais.

A instituição familiar, é vista, portanto, como a célula inicial e principiante da sociedade na maior parte do mundo ocidental (Biassoli-Alves, 2004), como também, o núcleo central da organização humana e a unidade básica da interação social (Osório, 1996). Sobre isto, Wagner (2002) pontua que independente da estrutura, concepção e configuração, a família é acima de tudo, o palco em que se vivem as emoções mais intensas e marcantes da experiência humana. É o lugar onde é possível a

convivência do amor e da raiva, da alegria e da tristeza, do desespero e da esperança.

Tendo como referência as concepções aqui adotadas, outro aspecto se mostra essencial para a compreensão das configurações familiares: as mudanças contemporâneas no contexto, na estrutura e no funcionamento familiar. Neste sentido, diversos fatores contribuíram para que essas mudanças ocupassem o cenário global, econômico e familiar da sociedade.

A partir da segunda metade do século XX, o sistema familiar vem passando por um processo de intensas transformações, as quais resultam dos seguintes fatores: Processo de urbanização e industrialização, o avanço tecnológico, o incremento das demandas de cada estágio no ciclo vital, a maior participação da mulher no mercado de trabalho, o aumento no número de separações e divórcios, a diminuição das famílias numerosas, a diminuição das taxas de mortalidade e natalidade, a elevação do nível de vida da população, as transformações no modo de vida e nos comportamentos das pessoas, as novas concepções em relação ao casamento, as alterações nas dinâmicas dos papéis parentais e de gênero, entre outros aspectos (Pratta & Santos, 2007; Biasoli-Alves, 2004; Scott, 2004). Em decorrência deste cenário de transformações, observa-se que as configurações familiares modificaram-se a partir de sua estrutura, dinâmica e valores transmitidos entre as gerações.

Conforme os estudos de Cerveny e Berthoud (1997) a estrutura familiar pode ser vislumbrada a partir de dados objetivos que caracterizam o grupo familiar, tais como: número de componentes, sexo, idade, religião, moradia, nível econômico, escolaridade, tipo de casamento, tempo de casamento, profissão, *background* étnico e cultural.

Quanto à estrutura familiar, significa pensar em como este sistema é organizado a partir das configurações que lhe são instauradas. Minuchin (1982) explica que o sistema familiar pode ser dividido em subsistemas (conjugal, parental, fraterno, filial) dentro dos quais cada membro tem diferentes níveis de poder e hierarquia. As fronteiras são as regras que definem quem participa e de que forma participa dos subsistemas familiares. Entende-se, portanto, que a estrutura familiar refere-se à constituição e configuração da família, ou seja, o modo como se esta apresenta e se organiza.

Ressalta-se que o sistema familiar pode ser considerado ao mesmo tempo, inserido em um outro sistema mais abrangente – o sistema social, sofrendo influências contínuas deste último, além de

influenciá-lo também (Sudbrack, 2001). Kreppner (2003) aponta a dimensão temporal do presente sistema, pressupondo que a família possui tarefas evolutivas as quais devem ser cumpridas em função do período específico do desenvolvimento de seus membros e do grupo familiar.

3.9 Ciclo Vital Familiar

De acordo com Cerveny, Berthoud e colaboradores (1997), compreende-se o ciclo vital familiar como um conjunto de etapas ou fases definidas sob alguns critérios pelos quais as famílias vivenciam, desde o início da sua constituição em uma geração até o seu término ou até o falecimento dos indivíduos que a iniciaram. Deste modo, o ciclo de vida individual acontece dentro, e concomitante, ao familiar, que é o contexto primário do desenvolvimento humano. Então, cada membro do sistema influencia e é influenciado pelo contexto familiar, sendo essas influências mútuas e dinâmicas, constituintes do cotidiano da vida em família (Osório, 1996).

As fases no biociclo familiar caracterizam-se pela “passagem” e o “cumprimento” de tarefas específicas ao longo do desenvolvimento humano e das vivências relacionais familiares. Os critérios que as definem compreendem alguns marcos nodais, como: idade do filho mais velho, idade dos pais, tempo de união de um casal, entre outros. Ao mesmo tempo em que a passagem destes estágios, se constitui num desafio vital, no sentido de ameaçar a dinâmica da família, por outro lado, permite o desenvolvimento e a autonomia de seus membros (Cerveny, 1997).

Diversas divisões teóricas das etapas do ciclo vital familiar foram propostas, entre elas, a classificação de Duvall em 1957 sendo pioneira na temática. Tal divisão delimita o ciclo em oito etapas organizadas, no se refere aos fatos nodais, entradas e saídas dos membros. Já em 1964, Hill e Rodgers realizaram outra divisão acerca da temática em estágios que preconizaram a entrada e saída dos filhos no sistema familiar. Outras contribuições teóricas foram a de Minuchin e Fishman que, em 1990, fizeram a proposta de um modelo de desenvolvimento organizado em torno do crescimento dos filhos, apresentando quatro estágios do ciclo de vida familiar.

Todavia, o modelo mais conhecido é apresentado pelas autoras Carter & McGoldrick (1989/2001) que a partir de pesquisas com o perfil familiar norte-americano de classe média, consideraram também a noção da intergeracionalidade. Não obstante, as autoras compreendem

que a classe social, educação, etnicidade, sexo e local de residência constituem-se como fatores que influenciam diretamente no ciclo de vida das famílias, deste modo, tal modelo não deve ser considerado como único e padrão, mas utilizado no intento de consulta e compreensão do processo desenvolvimental familiar. Neste estudo, utilizou-se o presente modelo com vistas à clarificação das etapas familiares, a partir das seguintes fases: (1ª) O lançamento do jovem adulto solteiro; (2ª) A união das famílias no casamento: O casal; (3ª) Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos; (4ª) A transformação do sistema familiar na adolescência; (5ª) Famílias no meio da vida: Lançando os filhos e seguindo em frente e (6ª) A família no estágio tardio da vida (Carter & McGoldrick, 1995).

Em relação à fase do ciclo vital que a família encontra-se ao imigrar, é possível identificar características esperadas para cada estágio desenvolvimental que perpassa seus membros, situando também, os eventos imprevisíveis ou não-esperados, que neste estudo, representa-se pela imigração. Com base no modelo proposto pelas autoras Carter & McGoldrick (1995) acerca dos estressores horizontais e verticais ao longo do ciclo vital, elaborou-se um esquema ilustrativo a fim de possibilitar ao leitor maior clareza e compreensão do processo, conforme se apresenta a Figura 1:

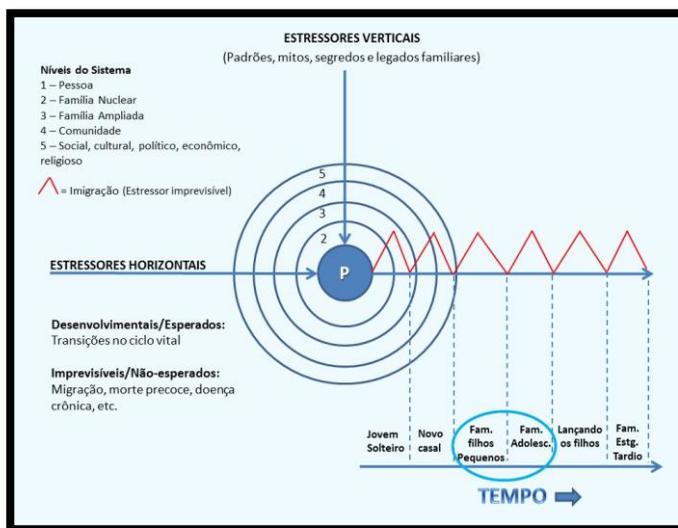


Figura 1: Imigração como estressor imprevisível no ciclo vital das famílias pesquisadas.

A Figura 1 exibe os estressores horizontais compreendidos a partir dos eventos desenvolvimentais, os quais correspondem às transições no ciclo vital que a família vivencia ao longo de seu desenvolvimento, desde o estágio de jovem solteiro até a família no estágio tardio. Além dos estressores esperados, podem estar presentes os eventos imprevisíveis, tais como a migração, a morte-precoce, doença crônica, etc., os quais também podem ocorrer ao longo do desenvolvimento familiar. Concomitantes aos estressores horizontais estão presentes os estressores verticais que são transmitidos de modo transgeracional mediante os padrões, mitos, segredos e legados familiares. Neste estudo, entende-se que a imigração atue enquanto um estressor horizontal imprevisível e que a fase do ciclo vital vivenciada pelos participantes no momento da imigração contemplou o estágio de família com filhos pequenos e família com filhos adolescentes, sinalizados no esquema.

O primeiro estágio compreende o momento em que o jovem adulto separa-se física e/ou emocionalmente da família de origem. Esta fase tem como tarefa o estabelecimento de projetos de vida pessoais, escolhas profissionais e o início da emancipação frente aos aspectos financeiros e emocionais. É o período que se pondera o que levar da família de origem e o que “deixar para trás”, tornando-se um sujeito singular e independente (Carter & McGodrick, 1995). Conforme Machado e Matias (2006) observa-se a tendência entre os jovens migrantes partirem em busca de melhores condições de vida, especialmente no âmbito laboral, cuja fase do ciclo vital localiza o trabalho como centro das atividades desempenhadas. Neste sentido, além das tarefas esperadas para os estágios desenvolvimentais, atribuem-se os desafios inerentes à condição migratória.

Na segunda fase que compreende a união conjugal, salienta-se que uma das tarefas mais complexas que demandam no sistema familiar, é justamente o desafio de tornar-se casal. Isto, porque envolve a negociação de um rol de decisões que anteriormente eram tomadas individualmente pelos cônjuges e que a partir da união marital deverão ser compartilhadas e tomadas em conjunto, especialmente no que condiz à dinâmica familiar e o relacionamento com a família estendida (Carter & McGodrick, 1995). Frente a isto, alguns estudos apontam a influência da imigração na relação conjugal (Barros *et al*, 2013) como fatores que demandam intervenções clínicas na terapia de casal, bem como os achados de Falicov (2007) que norteiam o luto mediante o rompimento das redes sociais dos cônjuges, os processos decisórios e

comunicacionais que se estabelecem entre o casal quando passam a conviver em um outro contexto diferente do seu de origem.

A terceira fase que contempla as famílias com filhos pequenos, Carter e McGoldrick (1995) explicam que tornar-se um progenitor implica num evento biopsicossocial que marca um estágio com diferentes significações para homens e mulheres. A mudança para este estágio repercute em toda estrutura familiar, bem como na dinâmica da mesma. Isto, porque alguns papéis passam a emergir como os de avós, tios, primos e especialmente de cônjuges para pais. Tais mudanças alteram as interações e as posições hierárquicas da família nuclear e estendida. Carter e McGoldrick (1995) salientam que a imigração com filhos pequenos e em idade escolar provocam mudanças no funcionamento familiar, uma vez que as crianças tendem a adaptar-se mais rapidamente que seus pais. Tal situação pode alterar os papéis familiares, já que os filhos mantêm-se na função de apresentar uma nova cultura aos pais, uma vez que repetidas vezes, detêm maior facilidade com o novo idioma.

A quarta fase contempla as transformações do sistema familiar na adolescência. Tal estágio caracteriza-se por uma exigência nas mudanças estruturais e pela necessidade de renegociação de papéis nas famílias envolvendo pelo menos três gerações, incluindo-se a família estendida (Carter & McGoldrick, 1995). Portanto, a família adolescente vivencia dois processos fundamentais, que são a reconfiguração da relação entre pais e filhos e a vivência de um novo ritmo de vida em família.

Em vista disto, identificou-se no estudo de Quin (2008) repercussões na dinâmica familiar com filhos adolescentes como conflitos na comunicação, regras e limites e anseio por “liberdade” dos jovens quando a família vivencia o processo migratório. O choque entre culturas diferentes predispõe em algumas vezes, dificuldades na formação da identidade étnica, o que, por conseguinte, agrava-se na adolescência, uma vez que os sujeitos estão constituindo sua própria identidade pessoal. Observa-se ainda, um impacto na vida social do jovem, pois frente à realidade migratória, acaba por depender dos pais em atividades que antes lhes eram cotidianas, emergindo em algumas situações, sentimentos de insegurança, dependência e menor autonomia.

Prado (2006) argumenta que a imigração familiar na fase adolescente pode desencadear conflitos na relação entre pais e filhos, especialmente pelo abandono do jovem à sua rede social de amizade e escolar. A incompreensão da migração por parte dos filhos, pode repercutir no desempenho acadêmico, na saúde mental, bem como na

baixa autoestima e autossatisfação destes a partir da migração. Tais achados foram encontrados nos estudos de Vargas (2009); Quin (2008) e Aksel, Giin, Irmak & Cengelci (2007).

Já a quinta fase abarca o período de famílias no meio da vida, cujos filhos atingem a idade adulta, e a família, por sua vez, passa a vivenciar o período da maturidade. A presente fase do ciclo, concebe-se como a mais crítica e duradoura, em detrimento das anteriores. O aspecto mais significativo desse estágio é o fato da maior prevalência de entradas e saídas de membros no sistema familiar. (Carter & McGoldrick, 1995). Neste ínterim, o relacionamento entre pais e filhos passa por transformações, uma vez que os filhos possuem independência e capacidade de gerenciar suas próprias vidas. Os marcos presentes na família em fase madura pode referir-se à saída do filho de casa e a reestruturação do sistema conjugal, bem como a aposentadoria dos pais, o casamento dos filhos e a adaptação em relação à entrada de novos membros na família extensa. (Cervený, 2002).

A última fase denominada “Família no estágio tardio da vida”, caracteriza-se pelo envelhecimento dos pais e por transformações na estrutura familiar. Um dos maiores desafios deste estágio é trabalhar as questões existenciais no que se refere à vida e à finitude. Neste sentido, “as transições e tarefas do estágio de vida tardio apresentam um potencial de perda e disfunção, mas também de transformação e crescimento” (Carter & McGoldrick, 2001, p.270). Neste estágio, é comum confrontar-se com a tarefa de como conviver com os pais idosos, pois em muita das vezes, um dos cônjuges fica viúvo e, além de aspectos cotidianos como com quem morar e como se manter financeiramente, o idoso ainda necessita resolver pendências pessoais de adaptação às novas condições emocionais de perda de funções e papéis. Salienta-se que se nas fases anteriores, as relações foram bem resolvidas, é esperado que o sistema familiar possa adaptar-se de modo mais funcional às recentes demandas que a fase última da vida demanda (Cervený, 2002).

Na perspectiva migratória em famílias que se encontram na última fase, Carter & McGoldrick (1995) ponderam que a adaptação pode se tornar mais difícil, em virtude de um universo simbólico bem mais enraizado na cultura de origem, uma vez que ao confrontar-se com a cultura majoritária, a experiência de estranhamento e do choque cultural pode ser maior.

Independente do ciclo vital que a família vivencia, é importante atentar às tarefas específicas de cada estágio em que se encontra, pois, as transições geram mudanças nas percepções que as pessoas têm de si

mesmas e dos outros, bem como das relações que se estabelecem com outros significativos. Carter & McGoldrick (1989/2001) apontam que o estresse familiar é geralmente maior nos períodos de transição de uma fase para outra no processo desenvolvimental familiar. Da mesma forma, Cerveny e cols (1997) relacionam tais circunstâncias, às crises familiares, muito comuns quando a família passa por estágios diferentes. As transições podem ser consideradas desenvolvimentais quando são esperadas (ex. nascimento dos filhos) e imprevisíveis quando não esperadas, (ex. migração), ou as esperadas que ocorrem fora do tempo previsto (ex. gravidez na adolescência) (Carter & McGoldrick, 1995; Cowan, 1991; Moré & Queiroz, 2007).

Os momentos de transições familiares podem desencadear repercussões sobre a saúde e qualidade de vida de seus membros, de tal modo que a obtenção de suporte social desempenha um papel de destaque. Acredita-se que acolher o impacto das mudanças decorrentes do processo de migração, seja eficaz gerando bases e subsídios para que a família continue seu desenvolvimento vital (Moré & Queiroz, 2007).

3.10 Dimensões Psicossociais da Migração na Dinâmica Familiar

A seguir, expõem-se algumas reflexões que norteiam outro conceito aqui elencado no que se refere à dinâmica familiar. No apontamento de tal conceito, mais especificamente, às relações que se estabelecem entre os membros da família no decorrer do tempo, a dinâmica familiar é construída a partir da relação conjugal, que representa o início da nova família e o centro de sua identidade. Posteriormente, com a chegada dos filhos, se estabelece uma nova ordem relacional na família, compreendida pela relação entre pais e filhos. Esta relação se modifica especialmente em função do ciclo vital familiar, bem como dos marcos do mundo exterior, os quais consolidam novas etapas da vida em família (Mioto, 1998). Sob tal enfoque, pode-se apontar, a migração como evento propiciador de novos padrões relacionais na dinâmica familiar.

Corroborando a estes aspectos, Cerveny e Berthoud (1997) compreendem que as características subjetivas referentes ao modo de como os membros familiares se relacionam, conferem indícios da dinâmica familiar. Neste estudo, entende-se como dinâmica familiar, o conjunto de formas de funcionamento familiar, relações hierárquicas e de poder que se estabelecem entre os membros. Conforme Mioto (1998) esta é construída pelas vivências individuais do processo familiar, pelo desenvolvimento de seus membros e pelos acontecimentos extra-

familiares (Mioto, 1998). Como exemplos de como a dinâmica familiar pode ser observada, Cervený e Berthoud (1997) citam as metas familiares, os papéis que cada membro da família assume, os tipos de comunicação estabelecidos, as demonstrações de afeto, o modo como a família se reorganiza em situações de crise e transições, entre outros.

Diante dos conceitos previamente discutidos, reflete-se que não somente no âmbito singular dos sujeitos, mas na dimensão familiar dos imigrantes, são diversos impactos decorrentes das mobilidades que implicam na reelaboração do universo simbólico de seus membros. Barros *et al* (2013) salientam que até nos dias atuais persiste uma perspectiva teórica individual que considera o imigrante isolado do contexto familiar e social. Logo, um avanço nesse sentido, implicaria no reconhecimento de que a experiência migratória não afeta apenas o indivíduo, mas que contempla, por sua vez, um processo tanto familiar quanto social.

Frente a isto, destaca-se a importância de acolher as possíveis dimensões psicossociais que norteiam o âmbito relacional familiar, a partir do fenômeno migratório, a saber: a inversão dos papéis familiares, especialmente quando os filhos mantêm-se na função de apresentar uma nova cultura aos pais, uma vez que repetidas vezes, detêm maior facilidade com o novo idioma. Outrossim, reside na manutenção do casamento à distância quando este se mantém na ausência do cônjuge; bem como no processo de aculturação de retorno, padrões de repetição familiar, conflitos com a família estendida e estado de vulnerabilidade entre os membros (Carter & McGoldrick, 1995; McGoldrick, 2003).

Ao discorrer sobre os impactos advindos da migração na dinâmica familiar Sluzki (1997) analisa que não é incomum o surgimento de claros sinais de estresse entre os sujeitos, podendo vir à tona desequilíbrios psicossomáticos ou interpessoais. Isto porque, muitas vezes, o processo de luto é minimizado e evitado em função da necessidade prioritária de adaptação ao novo ambiente. Durante esse período, que pode durar anos, a família se encontra num estado crítico de vulnerabilidade, cujas relações conjugais, se notam por vezes, sobrecarregadas, já que um ou (ambos) espera que o outro satisfaça as funções que previamente eram desempenhadas por outros membros do sistema familiar. Nesta perspectiva, o sentimento de falta de apoio e a necessidade insatisfeita em um novo ambiente, são sentidos como incompetência, traição ou abandono pelo outro membro do casal, o que pode aludir a um ciclo vicioso de tensão dentro da dinâmica relacional.

Demais aspectos que derivam implicações na dinâmica familiar a partir da migração compreendem os conflitos que podem se

estabelecer nos diferentes subsistemas e seus respectivos limites na relação marital e parental. As relações estratégicas como as regras e as relações hierárquicas do sistema familiar, são notadas vezes postas à prova em um novo contexto majoritário, cujos papéis que antes eram desempenhados por certos membros, no presente momento, podem modificar-se. Não obstante, o processo de luto pode ser vivenciado de modo e intensidade diferentes, repercutindo no desenvolvimento familiar, consoante às perdas vivenciadas a partir dos rompimentos com os laços afetivos e as referências socioculturais de origem dos membros familiares (Barros *et al*, 2013).

3.11 Rede Social e Migração

Sabe-se que a migração pode ser um fenômeno desencadeador de impactos na saúde psíquica dos sujeitos, crises identitárias e irrupções relacionais, sobretudo, a partir do rompimento dos vínculos afetivos e das referências socioculturais do país de origem. Assim, quando uma família migra, cada membro abandona segmentos de sua rede social pessoal. Deste modo, alguns integrantes permanecem, enquanto que outros são considerados perdidos do “mapa” emocional e funcional dos migrantes (Sluzki, 2003; Sluzki, 1997).

Tal panorama pode implicar no processo de aculturação (Berry, 2004) desses sujeitos ou ainda, caracterizar o período de luto a partir do desenraizamento social, o qual é delineado por Falicov (2007) ao referir-se sobre o tipo de luto social, cujas redes sociais do contexto de origem do migrante se perdem. Corrobora-se a esta análise, os estudos de Ryan, Sales, Tilki & Siara (2009); Bagno (2007); Engebrigtsen (2007) e Sarriera & cols (2005), os quais evocaram as problemáticas instauradas a partir do rompimento com os laços significativos do país de origem, repercutindo no processo de adaptação familiar.

Segundo Sluzki (1997), entende-se como rede social a soma de todas as relações que um sujeito identifica como significativas e que de certa forma contribuirão para a construção da identidade e de sua autoimagem. Deste modo, as redes incluem os vínculos que compreendem a vida da pessoa, envolvendo relações familiares, de amizade, trabalho ou estudo, bem como sua inserção comunitária e com as práticas sociais.

Sob este âmbito, sustenta-se que as redes sociais podem promover o bem-estar e acolhimento às famílias imigrantes consoantes ao processo de adaptação em um novo contexto cultural. Couto (2005) enfatiza que uma das funções das redes sociais constitui-se como

suporte ao enfrentamento de crises, sob a exposição a fatores de risco ou em situações estressantes, como a migração. As redes ainda podem atuar como fonte promotora de autoestima, vínculos afetivos, aumento da competência, reforço do senso de pertença, fortalecimento da imagem social e promoção do senso de autoeficácia.

Pelas discussões aqui levantadas, convém caracterizar a rede pessoal social da família antes e pós-migração, a fim de localizar graficamente seus integrantes e melhor compreender a dinâmica relacional de seus membros a partir da mobilidade. Neste sentido, vale-se recorrer ao mapa de redes, proposto por Sluzki (1997). Tal modelo permite visualizar os vínculos de apoio utilizados pelo sujeito, em diferentes graus de proximidade, separados a partir dos quadrantes: família, amigos, relações de trabalho ou escolares e relações comunitárias. (Maiores detalhes podem ser conferidos na seção 5.3 do Método).

4. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura compreendeu as seguintes fases de elaboração: (1) Levantamento da produção científica em banco de dados; (2) Leitura dos resumos e seleção dos artigos vinculados ao objetivo deste estudo; (3) Leitura das obras obtidas; (4) Definição das categorias de análise; e por fim, (5) Análise e articulação dos resultados obtidos nos trabalhos avaliados; conforme modelo proposto pela revisão bibliográfica de Schmidt, Crepaldi, Vieira e Moré (2011). O levantamento de dados delineou-se a partir de buscas em plataformas de pesquisa nacionais e internacionais. Os campos utilizados nacionalmente foram a Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil (BVS-Psi), LILACS, SCIELO Brasil e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sendo estas de acesso livre. A base de dados internacional consultada foi a interface EBSCO – HOST, de acesso restrito, sendo selecionada a base de dados [*Academic Search Complete*](#).

Inicialmente optou-se por selecionar os descritores de busca na seção de Terminologia em Psicologia da BVS-Psi. O termo pré-selecionado para o estudo foi migração. Deste modo, o sítio apontou sete sugestões de busca, a saber: refugiados; processos sociais; migração humana; migração animal; exilados; imigração e comportamento migratório (animal). Tendo em vista, que o ensejo da pesquisa pautou-se em investigar o fenômeno migratório internacional, delineou-se como escolha o descritor imigração. Posteriormente, recorreu-se ao operador “AND” para incluir ao descritor selecionado o termo “família”; a fim de encontrar as associações entre o processo migratório e a dinâmica familiar de imigrantes. Deste modo, as estratégias de busca foram as seguintes: (1) imigração and família; (2) immigration and Family e (3) Inmigración y Familia. Considerou-se, portanto, as versões entre os achados no idioma Português, Inglês e Espanhol.

O período entre as buscas selecionadas compreenderam o período entre 1980 a 2013. Os estudos adotados para a análise contemplaram artigos científicos, teses e dissertações em nível nacional e internacional. Cabe salientar que foram selecionados para consulta os estudos cujo resumo e/ou texto na íntegra estavam disponíveis, excluindo-se, portanto, as referências que apresentavam somente o título da obra.

A partir das buscas realizadas nas plataformas citadas previamente, foram encontrados 212 trabalhos entre artigos publicados em periódicos científicos, teses e dissertações. Destes resultados, encontraram-se 152 nas plataformas nacionais, sendo 34 na BVS-psi (22

no LILACS; 12 no SCIELO) e 118 no CAPES. Na plataforma internacional EBSCO-HOST, encontraram-se 60 resultados no [Academic Search Complete](#). A partir da exclusão da duplicidade de trabalhos e obras sem o resumo disponível, restaram 200 trabalhos nacionais e internacionais. A partir da leitura dos 200 resumos, 24 estudos estavam diretamente relacionados à temática que a pesquisa apresentou como finalidade. Destes, 23 referiram-se a artigos publicados em periódicos e apenas um remetia-se ao resumo de uma tese. Somente duas obras não puderam ser consultadas na íntegra, pois se tratava de um artigo não gratuito inviabilizando o acesso ao texto completo e o outro resumo, referente à tese de doutorado, não estava acessível por meio da *internet*. Os demais 22 artigos foram lidos na íntegra.

Na penúltima etapa do processo bibliográfico, definiram-se categorias de análise de cada trabalho: enfoque do estudo, tipo do estudo (longitudinal/ transversal); método (experimentação, levantamento de dados e combinação entre dois ou mais métodos); técnicas utilizadas (entrevistas; observações, questionários); análise de dados (quantitativa/qualitativa/multimétodo); características sócio-demográficas do estudo (participantes e faixa etária dos mesmos); periódicos e ano de publicação dos artigos. Por fim, estabeleceram-se categorias semânticas a partir dos resultados que mais emergiram conforme as temáticas contempladas nos artigos: (1) Aculturação familiar; (2) Ausência dos membros familiares pela imigração; (3) Juventude e imigração familiar; (4) Manutenção das tradições culturais e familiares de origem e (5) Imigração e Projeto de vida familiar.

Verificou-se que dos 24 estudos alinhados à temática, 21 foram publicados a partir dos anos 2000, enquanto que apenas um foi publicado no início da década de 80 e posteriormente, dois no final da década de 90. Salienta-se que um dos trabalhos pesquisados identifica-se como dissertação, de modo que não constou na análise realizada acerca dos periódicos consultados.

No que se refere às características sócio-demográficas da amostra, identificou-se que na maior parte dos estudos (12) foram pesquisados os membros familiares, como a mãe, o pai, os filhos; ou seja, a família. Em seis pesquisas, participaram jovens imigrantes e/ou que tiveram algum familiar emigrado. Somente um estudo coletou dados com participantes homens e três estudos com participantes mulheres, sendo estas imigrantes. Restaram apenas duas omissões sobre este quesito, haja vista que um estudo tratava-se de um ensaio teórico, enquanto que o outro não constou o detalhamento dos participantes no

resumo; considerando que tal periódico não possui acesso gratuito ao texto na íntegra, este não pôde ser consultado.

Em relação à idade dos participantes, nos estudos que se pesquisou a família, a faixa etária variou entre 22 a 81 anos; todavia, em 11 estudos os autores não apontaram a idade dos membros familiares entrevistados. Quanto à faixa etária dos jovens pesquisados, esta variou entre 12 a 26 anos. Dos homens pesquisados, o estudo não mencionou a idade dos mesmos; enquanto que nas mulheres pesquisadas, a idade variou entre 20 a 84 anos de idade.

Conforme a leitura e análise dos artigos foram agrupadas em categorias semânticas, os seguintes temas encontrados: (1) Adaptação familiar ao novo contexto cultural; (2) Ausência de familiares; (3) Juventude e imigração familiar; (4) Manutenção das tradições culturais e familiares de origem e (5) Imigração e Projeto de vida familiar. A seguir serão apresentadas as categorias no Quadro 1:

Quadro 1: Categorias semânticas da Revisão de Literatura

TEMA	AUTORES	PRINCIPAIS ACHADOS
<p align="center">ADAPTAÇÃO FAMILIAR AO NOVO CONTEXTO CULTURAL</p>	<p>Sarriera, Pizzinato e Meneses, 2005; Machado, 1997 – Estudos Nacionais.</p> <p>Hope, 2011; Waters, 2011; Ryan, Sales, Tilki & Siara, 2009; Morrison & James, 2009; Engebriksen, 2007; Deepak, 2005 – Estudos internacionais</p>	<p>Dificuldades encontradas pelas famílias imigrantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diferentes papéis que são esperados pelos cônjuges e filhos na sociedade majoritária, em contraste com o contexto de origem. - Repercussões no relacionamento conjugal e educação dos filhos a partir da migração. - Saúde mental das famílias pesquisadas - Redes sociais das famílias - Desenvolvimento infantil frente à migração

TEMA	AUTORES	PRINCIPAIS ACHADOS
<p>AUSÊNCIA DE FAMILIARES</p>	<p>Soto (2012), Mercer (2012) Waters (2002) e Ximena (2005).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conflitos comunicacionais no subsistema parental a partir do descontentamento dos filhos quanto ao processo decisório da emigração dos pais - Luto, perda e sentimento de abandono como representação simbólica da ausência de familiares - Falta de suporte emocional dos adolescentes que não emigraram; bem como dos cônjuges que mantiveram-se afastados.
<p>JUVENTUDE E IMIGRAÇÃO FAMILIAR</p>	<p>Vargas (2009), Quin (2008) e Aksel <i>et al.</i> (2007)</p>	<p>Características peculiares à dinâmica familiar de adolescentes imigrantes, como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Limitações na rede de apoio social dos jovens - Baixa autoestima e autosatisfação destes a partir da imigração - Impacto no desempenho

		acadêmico - Dependência dos pais para atividades cotidianas x anseio por “liberdade”
TEMA	AUTORES	PRINCIPAIS ACHADOS
MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES CULTURAIS E FAMILIARES DE ORIGEM	Jardim, 2000.; Lask, 2000 e Freire, 1997	Estratégias de se preservar as tradições culturais e familiares com o contexto de origem dos emigrados, como exemplos: - Aprendizagem da língua materna - Visitas à pátria - Preservação dos costumes culturais e religiosos - Transmissões intergeracionais mediante ritos e costumes familiares.

TEMA	AUTORES	PRINCIPAIS ACHADOS
<p align="center">IMIGRAÇÃO E PROJETO DE VIDA FAMILIAR</p>	<p>Puerta e Masdéu (2010); Ryan (2008) e Estrada (1982)</p>	<p>Imigração como projeto de vida familiar, a partir da idealização de melhorias na qualidade de vida:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ascensão profissional Aspirações pessoais por parte dos imigrantes (casamento e constituição familiar). - Associam-se a estes estudos, discussões em torno dos papéis de gênero nas migrações, bem como do processo de aculturação entre as famílias pesquisadas.

De acordo com a análise das obras consultadas, é possível constatar um recente interesse pelo tema, haja vista as produções que tiveram maior número de publicações nos últimos 13 anos. Tal apontamento confirma o que Paiva (2012) reflete acerca da lacuna nas produções científicas da Psicologia Intercultural desde meados dos anos 80 até os primeiros anos de 2000 no que tange aos estudos sobre migração e adaptação cultural. No entanto, cabe salientar que tal revisão pautou-se somente na busca em três idiomas, o que não caracteriza de modo mais abrangente demais publicações, especialmente na língua francesa, cujas produções ocupam espaço sobressalente nos estudos internacionais.

De modo geral, os estudos consultados enfatizaram em grande parte o processo de aculturação e as dificuldades de adaptação das famílias migrantes, bem como o afastamento entre membros familiares quando apenas um dos cônjuges emigra, deixando os filhos por diversos motivos, mas principalmente por melhores condições de vida e ascensão profissional. Emergiram resultados no que se refere aos conflitos inerentes ao processo migratório, como o estresse de aculturação. Neste contexto, verificaram-se diversas ocorrências no que concerne as barreiras comunicacionais entre cônjuges e pais e filhos. Tal apontamento permite a reflexão sobre os motivos que levaram a imigração e o processo decisório de imigrar, nem sempre de comum acordo entre os membros familiares. Não obstante, constataram-se aspectos peculiares à adolescência de filhos imigrantes, especialmente quando a migração transcorreu de modo involuntário e indesejado para os jovens. Em resumo, muitos estudos apontaram as vicissitudes das identidades bi-culturais e teceram-se reflexões acerca da imigração, enquanto projeto de vida familiar.

5. MÉTODO

5.1 Caracterização da Pesquisa

A pesquisa proposta caracterizou-se como um estudo de abordagem qualitativa, tendo em vista a finalidade de investigar as mudanças ocorridas na dinâmica de famílias que imigraram para o Brasil, uma vez que a abordagem qualitativa possibilita apreender os significados, motivos, aspirações, crenças e atitudes dos sujeitos dentro do seu contexto. Este tipo de pesquisa se configura como um espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser quantificados (Minayo, 1998).

Em relação à temporalidade, trata-se de um estudo transversal (Sampieri, Collado, & Lucio, 2013), visto que foi realizado em um momento específico da vida dos participantes. Quanto aos objetivos, esta pesquisa apresentou um delineamento exploratório-descritivo, pois se propôs a conhecer com maior profundidade a temática proposta e descrever as características do fenômeno estudado (Kerlinger, 1980).

5.2 Participantes

Foram pesquisadas cinco (5) famílias imigrantes de diferentes nacionalidades, a saber: Americana, Argentina, Boliviana, Haitiana e Peruana. O acesso aos participantes se deu por meio de critérios de intencionalidade a partir da técnica de amostragem denominada “*snowball*” ou bola de neve. Esta consiste em localizar os participantes mediante indicações que progressivamente, integrarão outras pessoas a participar do estudo funcionando como uma cadeia de referências ou uma espécie de redes, cujas características se enquadrem nos critérios definidos até que seja alcançado o ponto de saturação dos dados (Marquezino & Araújo, 2014).

Os critérios de inclusão dos participantes foram os seguintes:

- a) Famílias estrangeiras que tinham imigrado para o Brasil há pelo menos 1 ano – a fim de evidenciar a condição legal de imigrantes;
- b) Pai e/ou mãe estrangeiros com pelo menos um filho nascido antes da migração;
- c) Os participantes deveriam apresentar as funções cognitivas preservadas, uma vez que sem tal condição, poderia inviabilizar-se a compreensão na aplicação dos instrumentos.

Salienta-se que a pesquisadora realizou em torno de dez (10) tentativas sem sucesso para encontrar os participantes do estudo que se enquadrassem nos critérios, com predominância de algumas características que não correspondiam aos aspectos delimitados, tais como:

I) Casal estrangeiro com filhos nascidos no país receptor;

II) Um dos cônjuges sendo estrangeiro e outro brasileiro.

Assim, diante da limitação para encontrar os participantes que se enquadrassem nos critérios definidos, conseguiu-se atingir o número de famílias estipuladas previamente, sendo entrevistadas cinco (5) famílias imigrantes, que correspondiam aos requisitos ora estabelecidos.

Além da rede de contatos da pesquisadora para encontrar os participantes, foram contatados e visitados alguns campos de pesquisa potenciais, como: A Pastoral do Migrante do município de Florianópolis/SC e de Porto Alegre/RS; Círculo Argentino no município de Balneário Camboriú/SC; Clínica Intercultural – no SAPSI – Serviço de Atenção Psicológica da UFSC; Base Missionária da JOCUM de Curitiba/PR; Associação Helênica de Santa Catarina em Florianópolis; Círculo Ítalo-Brasileiro de Santa Catarina/Florianópolis e Associação Nipo-Brasileira de Florianópolis/SC, bem como redes virtuais de imigrantes no estado de Santa Catarina.

Destes campos citados, uma (1) família participante foi encontrada a partir da Pastoral do Migrante de Florianópolis; uma (1) pelo Círculo Argentino; uma (1) pela rede virtual e duas (2) pela rede da pesquisadora. Aponta-se que todas as famílias participantes eram residentes de cinco (5) municípios diferentes do estado de Santa Catarina: Florianópolis, São José, Itajaí, Balneário Camboriú e Porto Belo.

5.3 Instrumentos

Para a realização desta pesquisa foram utilizadas três técnicas de coleta de dados: a) Questionário sócio-demográfico (Anexo 2); b) Entrevista semiestruturada (Apêndice 1) e o c) Mapa de Redes (Apêndice 2).

a) Questionário Sociodemográfico

Este instrumento foi desenvolvido por pesquisadores vinculados ao NEPeDI (Núcleo de Estudo e Pesquisa em

Desenvolvimento Infantil) da Universidade Federal de Santa Catarina. Todavia, a fim de contextualizar o fenômeno do estudo, o questionário foi adaptado, conforme se pode verificar no (Anexo 2). As questões norteadoras do instrumento investigaram informações demográficas, tais como o número de pessoas que residem no domicílio e idade das mesmas, composição familiar, escolaridade, profissão e ocupação, e demais aspectos acrescentados no que se refere aos dados quanto à história da migração familiar.

b) Entrevista semi-estruturada

Por se tratarem de questões que possibilitem o livre discurso dentro de temas sugeridos, Flick (2004) salienta que a técnica se pauta em um diálogo entre o entrevistado e o entrevistador, de modo que a postura explicitada pelo entrevistado pode ser melhor desenvolvida conforme o entrevistador considerar relevante. Biasoli-Alves (1998) complementa que a estrutura de uma entrevista semiestruturada comporta uma formulação flexível, de modo que a sequência e minuciosidade atribuem-se ao discurso dos sujeitos e da dinâmica que se estabelece naturalmente.

Os tópicos elencados para o roteiro da entrevista semiestruturada (Apêndice 1) nortearam os objetivos deste estudo sendo subdivididos em cinco temas centrais: (1) História da migração familiar; (2) Ciclo vital familiar e migração; (3) Mudanças na configuração e dinâmica familiar; (4) Sentimentos atribuídos à migração e (5) Rede social, os quais são sintetizados a seguir:

(1) História da migração familiar

Investigaram-se aspectos sobre os motivos que os membros familiares atribuíram à migração, bem como sobre o processo decisório no que se refere à escolha do país de destino, quem decidiu imigrar e como a decisão foi aceita ou não, pelos integrantes da família.

(2) Ciclo vital familiar e migração

Neste item buscou-se identificar as transições sucedidas no ciclo vital das famílias imigrantes por meio de informações como o tempo de união do casal e a idade do filho mais velho

quando a família migrou; além de contextualizar demais acontecimentos que pudessem exercer alguma influência no ciclo vital de famílias imigrantes.

(3) Mudanças na configuração e dinâmica familiar

A finalidade deste quesito foi apontar as principais mudanças ocorridas na estrutura (divórcio, saída dos filhos de casa, nascimento de outros filhos, falecimento de algum membro) e no funcionamento familiar (relações funcionais ou disfuncionais) dos participantes a partir da migração.

(4) Sentimentos atribuídos à migração

Investigaram-se os sentimentos atribuídos à migração pelos membros familiares, assim como os significados relacionados ao país de acolhimento, após a migração.

(5) Rede Social

Por fim, este item buscou encontrar informações a respeito do apoio social após a chegada ao país receptor, ou ainda, se existiam pessoas conhecidas pelos membros familiares no país de destino; além de investigar se houve mudanças nas atividades sociais realizadas pela família, após a migração.

c) Mapa de Redes

Este é um instrumento proposto por Sluzki (1997) que foi adaptado para a pesquisa científica, tendo como finalidade evidenciar o grau de intimidade e compromisso das redes pessoais significativas em uma dada situação, possibilitando a análise qualitativa de seu impacto no desenvolvimento humano (Moré & Crepaldi, 2012). Neste estudo, utilizou-se o presente instrumento a fim de identificar as redes percebidas como significativas para as famílias pesquisadas em todo processo de migração.

Quanto ao aspecto de sua composição, o Mapa de redes possui quatro quadrantes e três círculos concêntricos. Deste modo, os quadrantes são as divisões entre os campos da família, amizades, relações comunitárias e relações de trabalho ou estudo. Em relação à estrutura dos círculos, o interno contempla as relações de maior intimidade ou cotidianas; o círculo intermediário representa as relações

com menor grau de compromisso relacional, como as relações sociais ou de trabalho; enquanto que o círculo externo registra as relações ocasionais como conhecidos da escola, do trabalho ou familiares distantes. A seguir é apresentado o modelo geral do Mapa de redes proposto por Sluzki (1997), na Figura 2:

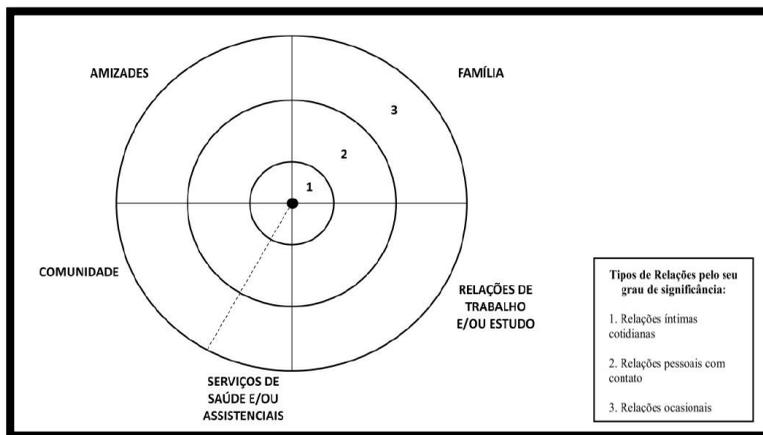


Figura 2: Modelo do Mapa de Redes (Sluzki, 1997).

No tocante à construção do Mapa de Redes, proposto por Sluzki (1997), este pode ser avaliado a partir de três dimensões: 1. Estruturais (tamanho, densidade, composição/distribuição, dispersão, homogeneidade/heterogeneidade e tipos de função); 2. Funções dos vínculos (companhia social, apoio emocional, guia cognitivo e conselhos, regulação social, ajuda material e de serviços, e acesso a novos contatos) e 3. Atributos dos vínculos (função predominante, multidimensionalidade, reciprocidade, intensidade/compromisso, frequência dos contatos e história).

Quanto aos aspectos estruturais da rede, Sluzki (1997) explica que o tamanho contempla o número de pessoas que integram a rede. Sobre isto, indica que as de maior efetividade costumam ser as de tamanho médio (entre 8 a 10 pessoas). Observa-se que um dos fatores preponderantes para a redução do tamanho das redes confere-se ao ato migratório. Outro aspecto que contempla a estrutura destina-se à densidade, a qual se relaciona com a qualidade relacional de seus membros. Por sua vez, a composição ou a distribuição, refere-se à posição que cada integrante ocupa no quadrante gráfico. A dispersão

contempla a distância geográfica entre o sujeito e os membros de sua rede, enquanto que o fator homogeneidade/heterogeneidade corresponde as variáveis de sexo, idade, cultura e nível sócio-econômico, os quais podem favorecer trocas ou desencadear conflitos.

No tocante às funções dos vínculos que se estabelecem na rede social significativa, compreende-se que a companhia social refere-se à realização de atividades conjuntas ou o estar juntos; à medida que o apoio emocional contempla os intercâmbios positivos que incitam a um clima de compreensão, empatia, simpatia, estímulo e apoio. O guia cognitivo e os conselhos propiciam o compartilhar de informações e proporcionam modelos de papel e referência. Já a regulação social preconiza as responsabilidades, neutralizando desvios comportamentais de modo a favorecer a resolução de conflitos. A ajuda material e de serviços fornece auxílio financeiro ou de serviços especializados, enquanto que o acesso a novos contatos possibilitam a abertura para a conexão de relações com novas pessoas ou redes (Sluzki, 1997).

A terceira dimensão do mapa de redes destina-se a análise dos atributos de cada vínculo. Para tanto, referem-se às funções que caracterizam predominantemente os vínculos; enquanto que a multidimensionalidade abarca o número de funções desempenhadas na rede. A reciprocidade indica se uma pessoa desempenha funções que recebe de outros; já a intensidade aponta o grau de compromisso com a relação. Por fim, a frequência dos contatos e a história da relação, abordam a manutenção dos vínculos criados e o modo pelo qual, as pessoas se conheceram (Sluzki, 1997).

Nesta pesquisa, o instrumento utilizado foi adaptado a fim de caracterizar as redes sociais da família e não somente do sujeito. Em vista disto, inseriu-se um círculo central no mapa contendo o genograma dos membros da família, de modo que cada membro seja representado por uma cor diferente com vistas à saliência de sua rede. Ressalta-se que alguns símbolos utilizados foram propostos por Minuchin (1982) e McGoldrick (1995) (Anexo 3), a fim de clarificar as referências que serão utilizadas no genograma.

Utilizaram-se alguns aspectos do modelo adaptado do Mapa de Redes delineado por Queiroz (2008), tais como o acréscimo destacado no quadrante da comunidade, pela religião (igreja) que contempla os representantes da comunidade religiosa, além da vizinhança, que compreende, além dos vizinhos, integrantes dos centros comunitários, conforme propõe por Sluzki (1997).

O critério de escolha das redes, como também a inclusão do quadrante e nível que as pessoas ficariam, foi estabelecido pelos

próprios participantes. A legenda, símbolo e cores utilizadas, podem ser exemplificados na Figura 03:

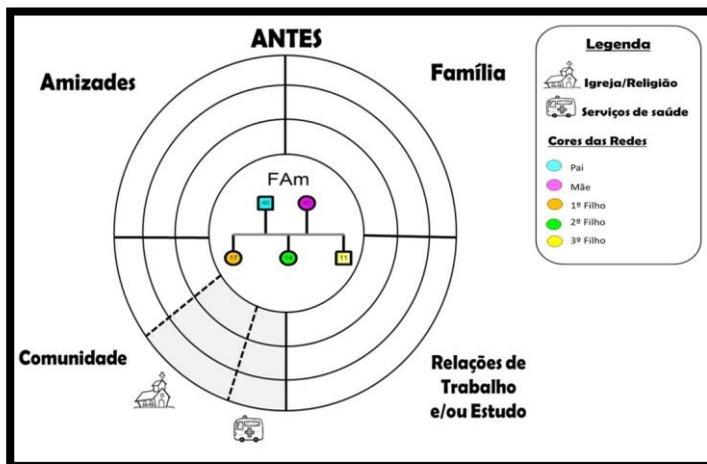


Figura 03: Exemplo do Mapa de Redes elaborado pela autora, adaptado do modelo de Queiroz (2008) - com o acréscimo do genograma da família imigrante no centro do mapa, das subdivisões do quadrante comunidade em religião/vizinhança/serviços de saúde.

Considera-se que o mapa de redes possibilita a melhor compreensão dos integrantes das redes sociais das famílias imigrantes, como pode também, auxiliar no processo de análise estrutural e dinâmico dos sujeitos pesquisados. Por conseguinte, avaliaram-se as características estruturais das redes das famílias imigrantes quanto aos fatores de tamanho, composição/distribuição e dispersão, em dois momentos distintos: Antes da migração e após a migração, o que foi possível identificar o movimento das pessoas que constituíram e as que constituem a rede social da família, registrando se houve aumento ou redução nos fatores estruturais. Para tanto, foram aplicados dois mapas por família.

5.4 Procedimentos de coleta de dados

Os participantes foram contatados pela pesquisadora a partir da banca examinadora de qualificação, tendo seguido os procedimentos éticos respaldados pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sob nº de parecer aprovado - 711.423. Desta forma, deu-se prosseguimento à coleta de dados, mediante o contato com as redes da pesquisadora, além da visita em algumas instituições previamente mencionadas.

Posteriormente à indicação dos participantes potenciais, o primeiro contato realizado ocorreu por ligações telefônicas, quando após a identificação da pesquisadora, do informante da rede e dos objetivos da pesquisa, era estendido o convite para a participação no estudo. Conforme o aceite dos familiares, a entrevista e a construção do mapa de redes foram agendados mediante a disponibilidade dos membros, visando à participação do maior número de componentes da família.

Convém salientar que duas entrevistas foram feitas num primeiro momento, com famílias imigrantes que não se enquadravam em todos os critérios propostos, a fim de testar os instrumentos. Após a adequação dos instrumentos, a pesquisadora iniciou a coleta de dados.

As entrevistas foram realizadas nas residências de todos os participantes, sendo previamente agendadas. Inicialmente foi lido com as famílias o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo 1), esclarecendo as dúvidas que surgiram, os objetivos, a relevância social e científica, os riscos da pesquisa, os cuidados éticos e o contato da pesquisadora e orientadora. A partir da concordância das partes e assinatura de um dos membros da família, foi aplicado o roteiro da entrevista semiestruturada (Apêndice 1), o mapa de redes (Apêndice 2) e por fim, o questionário sociodemográfico (Anexo 2). A ordem da aplicação dos instrumentos teve como finalidade favorecer a comunicação entre a pesquisadora e os participantes através da entrevista no primeiro momento, a qual trouxe subsídios para a construção do mapa de redes. Por fim, a aplicação do questionário permitiu um distanciamento dos participantes com a interação do conteúdo.

A coleta de dados teve como média de duração duas horas, mediante a aplicação dos instrumentos. A entrevista e a construção dos mapas de redes foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra garantindo a fidedignidade dos dados obtidos.

5.5 Considerações Éticas

Após aprovação na banca examinadora de qualificação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGP, o estudo foi submetido ao Comitê de Pesquisas com Seres Humanos da UFSC, conforme vigora a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado sob nº de parecer 711.423. Deste modo, deu-se prosseguimento à coleta de dados.

As famílias participantes que aceitaram fazer parte da pesquisa assinaram voluntariamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo 1), após serem esclarecidas sobre os objetivos do estudo. A pesquisadora leu conjuntamente com os membros presentes e assegurou os cuidados éticos no que se refere ao sigilo de sua identidade e que poderiam retirar seu consentimento a qualquer momento do estudo sem quaisquer prejuízos, caso considerassem necessário.

No que se refere aos riscos da pesquisa, foi mencionado aos participantes que além de ter o direito de interromper a participação em qualquer fase da coleta, a pesquisadora poderia encaminhá-los para os atendimentos na Clínica Intercultural vinculada ao Serviço de Atenção Psicológica – SAPSI da Universidade Federal de Santa Catarina.

Outras informações foram repassadas à família como o contato que poderia ser feito após a conclusão do estudo, por meio de entrevistas devolutivas a fim de informar aos participantes sobre os resultados obtidos.

Cabe salientar, que uma das medidas tomadas para preservar o nome das famílias participantes desta pesquisa e manter o sigilo das informações, todos os nomes citados nesta dissertação foram trocados, assim como os nomes de locais de trabalho/empresas das famílias.

5.6 Análise de Dados

Em consonância com os pressupostos epistemológicos e metodológicos adotados neste estudo, os dados obtidos foram analisados à luz da “Grounded Theory” (Strauss e Corbin, 2008), a qual possibilita integrar instrumentos de diferentes origens que excedem a narrativa. Neste sentido, delineou-se tal método de análise com o intuito de incluir e analisar os dados provenientes do Mapa de Redes e a entrevista semi-estruturada.

Salienta-se que a teoria proposta permite uma relação muito próxima entre a coleta de dados, análise e pressupostos epistemológicos

a que se destina o olhar do pesquisador, uma vez que os conceitos emergem a partir dos próprios dados e não são impostos por eles. Fundamentando-se em tais considerações, o processo de análise envolveu as seguintes etapas (Strauss & Corbin, 2008):

1 – Interação com os dados – Foram realizadas leituras sucessivas do conteúdo advindo das entrevistas e do Mapa de Redes, propiciando um “mergulho” nas informações, a fim de ampliar a compreensão do significado e do discurso que os participantes emitiram;

2- Codificação aberta – Os dados foram desmembrados, examinados e comparados, a partir da observância entre os aspectos comuns ou semelhantes, características diferenciais e inéditas entre o Mapa de Redes das famílias e as entrevistas;

3 – Criação de categorias – Estas foram nomeadas mediante a confluência de pontos nucleares, que se mantiveram na diversidade e complexidade dos dados. Tem-se como finalidade alcançar à representação dos significados dos códigos agrupados;

4 – Codificação axial – A partir das categorias elencadas, foram relacionadas as subcategorias e seus respectivos elementos de análise, os quais subsidiaram na descrição, compreensão e sustentação das principais categorias.

5 – Fenômeno central – Permitiu a triangulação dos dados, os quais foram obtidos mediante as entrevistas, mapa de redes e juntamente a literatura especializada, sustentaram a nomeação das categorias que, tomadas em seu conjunto, deram alicerce a uma compreensão integrada do fenômeno central, neste caso, das dimensões psicossociais da migração no ciclo de vida familiar.

6 RESULTADOS

A apresentação dos resultados foi dividida em três partes: A primeira refere-se à caracterização dos participantes, a segunda contempla os sistemas de categorias de análise a partir das narrativas que emergiram das famílias imigrantes durante a entrevista semiestruturada e a terceira exibe a análise dos mapas de redes das famílias, antes e após a migração.

6.1 Caracterização dos Participantes

A fim de apresentar os dados sociodemográficos obtidos por meio do questionário, tais como: Idade, escolaridade, ocupação, religião, país de origem, tempo de imigração e a fase do ciclo vital, elaborou-se o Quadro 2 para melhor visualização do perfil das famílias participantes. Conforme se observa na primeira coluna do Quadro 2, abaixo do nome da nacionalidade, é apresentada a abreviatura de cada família pesquisada, a fim de facilitar ao leitor a identificação dos participantes. Salienta-se ainda que, para preservar a identidade dos familiares, todos os nomes foram trocados.

Quadro 2: Dados sociodemográficos das famílias participantes do estudo.

Família	Nome	Idade	Escolaridade	Ocupação	Religião	País de origem	Tempo Imigração	Fase Ciclo Vital ao imigrar
Americana ¹ (F _{Am})	David	46	Ens. Superior	Pastor/Missionário	Evangélica	Canadá	01 ano	Família com adolescentes
	Anne	45	Ens. Médio	Do lar		EUA		
	Helenne	17	Ens. Fundam.	Estudante		Hungria		
	Louise	14	Ens. Fundam. Incompleto	Estudante		EUA		
	Benjamin	11	Ens. Fundam.	Estudante		EUA		
Argentina (F _{Ar})	Juan	52	Ens. Médio	Empresário Comercial	Católica	Argentina	13 anos	Família com adolescentes
	Stela	53	Ens. Médio	Empresária do ramo hoteleiro				
	Paloma	27	Ens. Superior	Bacharel em Comércio Exterior				
	Alfredo	25	Ens. Superior	Advogado e empresário do ramo hoteleiro				

¹ Optou-se por denominar a nacionalidade americana desta família, tendo em vista que a maioria dos membros familiares são americanos.

Família	Nome	Idade	Escolaridade	Ocupação	Religião	País de origem	Tempo Imigração	Fase Ciclo Vital ao imigrar
Boliviana (FB)	Murilo	39	Ens. Superior	Consultor de software	Católica	Bolívia	05 anos	Família com crianças
	Jade	39	Ens. Superior	Consultora de software e Professora de inglês				
	Pablo	11	Ens. Fundam.	Estudante				
	Tiago	8	Ens. Fundam.	Estudante				
Haitiana (FH)	Benôit	38	Ens. Médio	Auxiliar operacional	Evangélica	Haiti	01 ano	Família com crianças
	Marie	35	Ens. Médio	Do lar				
	Isabelle	9	Ens. Fundam.	Estudante				
	Louis	2	-	-				
Peruana (FP)	Miguel	56	Pós-graduação	Médico Pediatra	Católica	Peru	17 anos	Família com crianças
	Elisa	51	Ens. Superior	Do lar				
	Jorge	18	Ens. Superior Incompleto	Estudante				
	Pedro	15	Ens. Médio	Estudante				

Os dados apresentados apontam que a média de idade dos pais é de aproximadamente 45 anos, variando entre 36 e 53 anos, enquanto que a média de idade dos filhos é de aproximadamente 14 anos, variando entre 5 e 26 anos. No momento da coleta de dados, duas famílias eram constituídas com filhos adolescentes; outras duas com crianças e uma com filhos adultos jovens. Salienta-se que a composição de quatro famílias imigrantes caracteriza-se como família nuclear com pais

biológicos de todos os filhos, enquanto que a família haitiana é constituída como família recasada e com madrasta.

No que se refere à escolaridade, membros de quatro famílias possuíam o Ensino Superior Completo, com exceção da família haitiana, cujos membros completaram o Ensino Médio. No caso da família Argentina, os filhos possuíam o Ensino Superior completo, enquanto que os pais concluíram os estudos até o Ensino Médio.

Quanto à ocupação dos participantes, estas divergiram-se entre os segmentos comerciais, apresentados pela família Argentina e Boliviana; pelo segmento religioso – família Americana; pela área da saúde – família Peruana e pelo segmento operacional – família Haitiana. Salienta-se que três mães apresentaram como ocupação o cuidado do lar, de modo que nestas famílias, o provedor financeiro constituiu-se pelo esposo.

Todas as famílias declararam possuir uma religião, que neste caso, eram provenientes do Cristianismo, sendo três famílias católicas e duas evangélicas. As famílias Americana, Boliviana e Haitiana, consideraram-se como praticantes de seu credo religioso.

A predominância dos países de origem das famílias pesquisadas concentrou-se no contexto dos idiomas hispanófonos, caracterizado pelas famílias latino-americanas: Argentina, Bolívia e Peru. Enquanto que somente a família Americana, representou o contexto sociocultural da América Anglo-Saxônica, cuja língua predominante foi a inglesa e na região do Haiti, predominou-se o idioma crioulo-haitiano.

Em relação ao tempo de imigração, a média entre as famílias imigrantes foi de 07 anos e quatro meses. No entanto, as famílias Americana, Boliviana e Haitiana apresentaram tempo de imigração inferior a 10 anos; enquanto que a família Argentina e Peruana expuseram tempo superior a 10 anos.

No que tange ao tempo de união do casal, este foi compreendido a partir da união estável e/ou casamento dos cônjuges, de modo que a média de união do casal foi de aproximadamente 18 anos; entretanto, destaca-se que o casal da família Peruana manteve 10 anos de namoro e dois anos de noivado; diferente das outras famílias participantes que apresentaram uma média de 2 anos e meio entre namoro e noivado.

Quanto ao ciclo vital na época em que imigraram para o Brasil, três famílias estavam na fase com crianças, ao passo que duas imigraram com filhos adolescentes. Conforme já mencionado, o modelo teórico referente às divisões do ciclo vital familiar adotado neste estudo será o proposto pelas autoras Carter & Mcgoldrick (2001).

A seguir, será apresentada uma breve descrição da história de constituição familiar e da imigração das famílias participantes deste estudo, a fim de contextualizar melhor, informações que serão discutidas na análise de dados, apresentadas no item 7 – desta dissertação.

6.2 Síntese da História Familiar dos Participantes

Família Americana (FAM)

A família Americana é composta por David (46 anos), pastor de uma igreja evangélica batista, Anne (45 anos), responsável pelo cuidado do lar e auxiliadora do ministério religioso, Helenne (17 anos) a filha mais velha, Louise (14 anos) e Benjamin de 11 anos. O casal se conheceu em 1988, casando-se em 1991 nos Estados Unidos.

Logo após o casamento, imigraram para a Hungria na cidade de Budapeste. Realizaram diversas atividades religiosas e missionárias por mais de 50 países. Em Budapeste no ano de 1997, nasceu Helenne. Após o nascimento da criança, retornaram para os Estados Unidos onde permaneceram por 16 anos. Em 2000, nasceu a segunda filha do casal, Louise, e em 2003, Benjamin, ambos de nacionalidade americana.

As atividades profissionais realizadas nos Estados Unidos pautaram-se na continuidade do exercício religioso por meio da fundação de uma igreja e das práticas inerentes à ocupação de pastor. Em julho de 2013 a família imigrou para o Brasil, a fim de estabelecer uma igreja local segundo os mesmos princípios adotados nos EUA. Durante a entrevista, estiveram presentes todos os membros familiares; todavia, no momento da aplicação do Mapa de redes, o filho mais novo não pôde participar.

Família Argentina (FAR)

A família Argentina é constituída por Juan (52 anos), empresário comercial de uma loja de artigos de praia e artesanato, Stela (53 anos), empresária do ramo hoteleiro de uma pousada do litoral catarinense e os filhos: Paloma (27 anos) e Alfredo (25 anos). Em 1983 o casal se conheceu na Argentina quando Stela mudou-se de residência para o mesmo bairro que Juan, tornando-se vizinhos. Após dois anos entre namoro e noivado, casaram-se em 1985 na mesma cidade. A primeira filha do casal nasceu em 1987 na Argentina e, em 1989, nasceu o segundo filho, também no mesmo país. Por motivos econômicos,

tendo em vista a crise financeira da Argentina, imigraram para o Brasil em 2001 a fim de obter melhores condições de vida.

As atividades profissionais realizadas no país de origem por Juan e Stela pautavam-se na fabricação de artigos em cerâmica para a comercialização em *shoppings centers*. Após a imigração para o Brasil, a família realizou diversas ocupações, desde a prestação de serviços como faxinas e pinturas até comprarem uma fábrica têxtil. Posteriormente, estabeleceram uma loja de artigos de praia e cerâmica, bem como uma empresa do ramo hoteleiro em uma cidade do litoral catarinense. Durante a entrevista e a aplicação do Mapa de redes, estiveram presentes o casal e o filho mais novo, uma vez que a filha mais velha reside em outra cidade.

Família Boliviana (FB)

A família Boliviana é formada por Murilo (39 anos), representante comercial e consultor de *Software*, por Jade (39 anos), professora de língua inglesa e também consultora de *Software*, e dos filhos: Pablo (11 anos) e Tiago (08 anos). O casal se conheceu na Bolívia na mesma universidade que estudaram, sendo colegas de curso no ano de 1996. Em 2001, após 05 anos entre namoro e noivado, casaram-se no mesmo país. O primeiro filho nasceu em 2003, sendo diagnosticado com uma doença genética aos cinco anos de idade. Após três anos do nascimento de Pablo, nasceu o segundo filho do casal, também boliviano.

A família viajou para os Estados Unidos em 2008 para descobrir qual era a deficiência de Pablo. Ao certificarem-se do diagnóstico recebido, imigraram para o Brasil, a fim de obter tratamento médico para o filho, uma vez que na Bolívia, tal prescrição medicamentosa não se encontrava disponível. Antes da imigração, o casal administrava a oficina mecânica familiar e Jade era professora de inglês. Ao imigrarem para o Brasil, estabeleceram uma empresa de consultoria de *software* e Jade continua ministrando aulas particulares e em uma escola de língua inglesa. Durante a entrevista e a aplicação do Mapa de redes, todos os membros familiares estiveram presentes.

Família Haitiana (FH)

Benôit (38 anos), auxiliar operacional de uma empresa de utensílios culinários, Marie (35 anos), responsável pelo cuidado do lar, e

os filhos: Isabelle (9 anos) e Louis (2 anos), compõem a família haitiana. Benôit era viúvo de sua primeira esposa já tendo sua filha Isabelle quando conheceu Marie em 2008. O casal encontrou-se pela primeira vez em um culto na igreja onde frequentavam, na República Dominicana. Em 2010 se casaram e mudaram-se para o Haiti, onde nasceu o filho mais novo de Benôit. Tendo em vista as dificuldades financeiras que assolaram o país de origem nos últimos anos e a baixa qualidade de vida, a família imigrou para o Brasil em 2013. Todavia, Benôit imigrou antes da esposa e dos filhos, para conseguir um emprego e um local para a família residir. Após um ano no Brasil, Marie imigrou trazendo as crianças.

Antes da imigração, Benôit trabalhava como vendedor ambulante de acessórios e roupas, enquanto que Marie ocupava-se em uma confecção têxtil, na organização do estoque de roupas femininas. Após a vinda para o Brasil, Benôit passou a trabalhar como auxiliar operacional em uma empresa de utensílios culinários, enquanto que Marie mantém-se no cuidado das atividades domésticas e das crianças. Durante a entrevista e a aplicação do Mapa de redes, todos os membros familiares estiveram presentes.

Família Peruana (FP)

A família Peruana é composta por Miguel (56 anos), médico pediatra, por Elisa (51 anos), responsável pelo cuidado do lar, e pelos filhos: Jorge (18 anos) e Pedro (15 anos). Contudo, apenas o filho mais novo reside com os pais, tendo em vista a saída de casa do filho mais velho para cursar Medicina em outra cidade. O casal se conheceu através de amigos, em uma festa de aniversário. Tornaram-se amigos e depois de um ano, começaram a namorar. Após 10 anos de namoro e 02 anos de noivado, casaram-se no Peru em 1991. O primeiro filho do casal, Jorge, nasceu em 1996 no país de origem e em 1999 nasceu o segundo filho - Pedro, no Brasil, após dois anos de imigração.

Em 1997 a família imigrou para o Brasil por motivos econômicos, a partir de uma oferta de trabalho que Miguel recebeu para cursar especialização médica. Inicialmente imigrou sozinho e, passado dois meses, Elisa imigrou com o filho mais velho, que na época, tinha um ano e meio. Antes da imigração, Miguel atuava como pediatra em Lima e Elisa trabalhava no Poder Judiciário até o nascimento de seu filho. Ao imigrarem para o Brasil, Miguel continuou atuando como pediatra em uma unidade básica de saúde, enquanto que a esposa passou a dedicar-se às atividades do lar e no cuidado com os filhos. Durante a

entrevista e a aplicação do Mapa de redes, esteve presente somente o casal, tendo em vista que Jorge reside em outra cidade e o Pedro não pôde participar.

6.3 Apresentação das categorias, subcategorias e elementos de análise

O processo de análise das categorias foi realizado a partir dos conteúdos que emergiram através da entrevista semiestruturada e da aplicação do Mapa de redes. Conforme preconiza o método de análise qualitativa à luz da *Grounded Theory*, inicialmente propôs-se a interação com os dados, a partir de leituras sucessivas e criteriosas das narrativas dos participantes, o que possibilitou identificar num primeiro momento, os elementos de análise.

Posteriormente, tais elementos serviram como alicerce para verificar a integração entre os aspectos semelhantes e diferenciais que culminaram na criação das subcategorias, que num terceiro momento – Codificação axial (Strauss & Corbin, 2008), originaram as principais categorias a fim de responder aos objetivos deste estudo. Assim, mediante a integração dos dados coletados pela entrevista e o Mapa de redes, foi possível obter uma compreensão integrada do fenômeno central pesquisado.

Ao término dessas etapas, elencaram-se quatro categorias e as respectivas subcategorias e elementos de análise, os quais são exibidos no Quadro a seguir. Posteriormente apresenta-se a síntese das categorias que nortearam o presente estudo:

Quadro 3: Síntese das categorias, subcategorias e elementos de análise.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	ELEMENTOS DE ANÁLISE
1. História da migração familiar	1.1 Motivo da migração familiar	1.1.1 Econômico 1.1.2 Tratamento de saúde
	1.2 Participação dos membros familiares no processo decisório	1.2.1 País 1.2.2 Filhos
	1.3 Dificuldades no processo de adaptação	1.3.1 Documentação 1.3.2 Relacionamentos interpessoais 1.3.3 Língua 1.3.4 Escola 1.3.5 Trabalho/Financeiro
	1.4 Aspectos facilitadores no processo de adaptação	1.4.1 Práticas Religiosas 1.4.2 Apoio social 1.4.3 Iniciativas
	1.5 Avaliação da migração familiar	1.5.1 Antes da migração 1.5.2 Após a migração
2. Mudanças na dinâmica familiar	2.1 Transições no ciclo vital	2.1.1 Entrada e saída de membros familiares 2.1.2 Ausência dos membros familiares
	2.2 Vínculos	2.2.1 Fortalecimento dos vínculos familiares 2.2.2 Redução de atividades sociais
3. Significados atribuídos à imigração pela família	3.1 Diferenças culturais	3.1.1 Identidade cultural 3.1.2 Identidade social
	3.2 Significados atribuídos ao país de acolhimento	3.2.1 Receptividade 3.2.2 Qualidade de vida 3.2.3 Falta de comprometimento das pessoas 3.2.4 Desigualdades sociais
	3.3 Sentimentos vivenciados pelos membros familiares	3.3.1 Perdas 3.3.2 Estresse 3.3.3 Bem-estar
4. Mudanças nas redes significativas das famílias	4.1 Composição da rede antes da migração	4.1.1 Família 4.1.2 Amizades 4.1.3 Trabalho/ Estudo 4.1.4 Comunidade
	4.2 Composição da rede após a migração	4.2.1 Redução de redes 4.2.2 Formação de novas redes

CATEGORIA 1: “História da migração familiar”

Nesta categoria foram apresentadas narrativas que caracterizaram a história da migração familiar, consoante quatro eixos explicativos ao fenômeno: Motivos da migração familiar; participação dos membros familiares no processo decisório; dificuldades no processo de adaptação; aspectos facilitadores no processo de adaptação e avaliação da migração familiar.

Subcategoria 1.1 – Motivos da migração familiar

Identificou os principais motivos que mobilizaram as famílias participantes a imigrarem para o Brasil. Destes, citaram-se os motivos econômicos e tratamento de saúde.

Subcategoria 1.2 – Participação dos membros familiares no processo decisório

Esta subcategoria apresentou os aspectos desencadeados a partir da escolha de imigração e projeto de vida familiar pelos diferentes membros familiares e sua participação entre pais e filhos, implicados no processo.

Subcategoria 1.3 - Dificuldades no processo de adaptação

Foram destacadas as principais dificuldades vivenciadas pelas famílias a partir da imigração no país de acolhimento, entre as quais, sobressaíram-se: Dificuldades referentes à documentação, aos relacionamentos interpessoais, ausência dos membros familiares, idioma, escola, trabalho e questões financeiras.

Subcategoria 1.4 - Aspectos facilitadores no processo de adaptação

Identificou os recursos, estratégias de enfrentamento e aspectos gerais vivenciados pelos membros familiares, os quais serviram de subsídio para a família no processo de adaptação ao novo contexto cultural. Os aspectos facilitadores que emergiram, foram: As práticas religiosas, o apoio social e as iniciativas tomadas pelos participantes no enfrentamento às dificuldades encontradas.

Subcategoria 1.5 - Avaliação da migração familiar

Esta subcategoria refletiu a avaliação do processo migratório vivenciado pelos membros familiares, antes e após a migração; ou seja, apresentaram-se as expectativas familiares e as percepções levantadas ante ao processo de migração realizado.

CATEGORIA 2: “Mudanças na dinâmica familiar”

Esta categoria buscou congregar as principais mudanças ocorridas na dinâmica familiar dos participantes após a migração, as quais foram discutidas a partir das transições sucedidas no ciclo vital das famílias imigrantes, no que se refere à configuração familiar e aos vínculos familiares.

Subcategoria 2.1 – Transições no ciclo vital

Apresentou as mudanças relacionadas à entrada e saída de membros familiares, perpassando o ciclo vital em que se encontraram as famílias participantes no momento que imigraram para o Brasil.

Subcategoria 2.2 – Vínculos

Esta subcategoria descreveu as principais mudanças ocorridas no funcionamento familiar, a partir do fortalecimento dos vínculos familiares e da redução de atividades sociais realizadas pelas famílias.

CATEGORIA 3: “Significados atribuídos à imigração familiar”

Nesta categoria foram discutidos os principais significados atribuídos pela família frente à imigração, os quais se explicaram através das diferenças culturais, aos significados atribuídos ao país de acolhimento e aos sentimentos vivenciados pelos membros familiares.

Subcategoria 3.1 - Diferenças culturais

Apontaram-se comparações entre o país de origem contrastando características com o país de acolhimento, o que pode ser discutido dentro das questões de identidade cultural e identidade social, vivenciadas pelas famílias imigrantes.

Subcategoria 3.2 - Significados atribuídos ao país de acolhimento

Esta subcategoria descreveu as significações pelas famílias imigrantes ao país de acolhimento, desde concepções positivas quanto à receptividade e a qualidade de vida; quanto aos aspectos negativos, tais como a falta de comprometimento das pessoas e as desigualdades sociais.

Subcategoria 3.3 - Sentimentos vivenciados pelos membros familiares

Buscou-se identificar os sentimentos mais recorrentes aos membros familiares no tocante ao processo de imigração familiar, os quais puderam ser melhor explicados pelos sentimentos de perdas, estresse e bem-estar.

CATEGORIA 4 – “Mudanças nas redes significativas das famílias”

A presente categoria originou-se a partir da análise dos Mapas de redes aplicados. Estes tiveram como finalidade, identificar às mudanças ocorridas na composição das redes familiares antes e após a migração, nos diferentes campos: Família, Amizades, Trabalho/Estudo e Comunidade. Além disso, discutiu-se sobre a composição das redes após a migração, a partir da ausência de redes familiares e da formação de novas redes no país de acolhimento.

Subcategoria 4.1 - Composição da rede antes da migração

Identificou-se o tamanho, a composição/distribuição e densidade das redes sociais nos campos da família, amizades, trabalho/estudo e comunidade, das famílias participantes antes da migração.

Subcategoria 4.2 - Composição da rede após a migração

Analisou-se a ausência de redes dos membros familiares, bem como a formação de novas redes constituídas no país de acolhimento.

7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Salienta-se num primeiro momento, que a análise e discussão dos resultados tiveram como pressupostos epistemológicos, a perspectiva do Pensamento Sistemico, a partir da noção da Complexidade (Morin, 1997; Vasconcellos, 2013), que possibilitou integrar os diferentes aspectos presentes nas mudanças decorridas do processo migratório familiar dos participantes e da dinâmica relacional das redes estabelecidas antes e após a migração. Não obstante, utilizou-se também como aporte teórico para a compreensão do fenômeno, a epistemologia que norteia a Psicologia Intercultural (Berry, 2004; Dantas, 2012).

A seguir serão apresentadas as narrativas e o processo hermenêutico pelo qual se construiu o presente estudo, a partir das categorias, subcategorias e elementos de análise que contemplaram as dimensões psicossociais da migração no ciclo de vida familiar. Salienta-se que as categorias, subcategorias e elementos de análise estarão destacados em **negrito** ao decorrer de toda discussão teórica nesta dissertação.

CATEGORIA 1: HISTÓRIA DA MIGRAÇÃO FAMILIAR

*“Tem lugares que me lembram,
minha vida... Por onde andei!
As histórias, os caminhos,
O destino que eu mudei”.*

(In my Life – John Lennon)

A presente categoria buscou compreender a história da migração familiar dos sujeitos pesquisados. Deste modo, emergiram quatro subcategorias provenientes das narrativas dos participantes: A primeira refere-se aos *motivos da migração*, a segunda discute sobre a *participação dos membros familiares no processo decisório*, a terceira apresenta as *dificuldades no processo de adaptação*, a quarta identificam-se os *aspectos facilitadores no processo de adaptação* e, finalizando, a quinta reflete acerca da *avaliação da migração familiar* vivenciada pelas famílias participantes do estudo.

A subcategoria **1.1 Motivos da migração familiar** identificou os principais motivos que mobilizaram as famílias participantes a

imigrarem para o Brasil, conforme é apresentado no recorte do Quadro 4:

Quadro 4: Elementos de análise referentes à subcategoria 1.1 : A partir dos motivos encontrados para a migração familiar.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
1. História da migração familiar	1.3 Motivo da migração familiar	1.1.1 Econômico 1.1.2 Tratamento de saúde

O aspecto **econômico (1.1.1)** presente através das narrativas das famílias participantes, apareceu como o principal agente motivador para a migração familiar, desde as oportunidades de trabalho, a busca por melhores condições financeiras e as dificuldades econômicas encontradas no país de origem. O depoimento a seguir ilustra como motivo para a imigração familiar a ascensão profissional paterna:

*É, pra resumir um pouco, viemos por causa de uma oferta de trabalho, havia uma amiga que me falava que tinha vindo para o Brasil para fazer um curso complementar de enfermagem, no Norte do Brasil, e me falou que **havia muita procura para médicos na periferia do Norte**, assim entrei em contato com outro médico que sabia a respeito e confirmou a oferta. Assim fui convidado para ir a uma cidade do Acre chamada Taumaturco. (FP /Miguel – pai)*

Observa-se no relato da família Peruana, a ênfase conferida ao aspecto profissional, uma vez que no país de origem o pai já exercia sua profissão, todavia, a imigração tornou-se viável com vistas à ascensão e qualificação profissional a partir de uma oferta de trabalho recebida.

Neste sentido, destacam-se os fatores de atração que estão presentes nos fenômenos migratórios. Prado (2006) comenta que a oferta de emprego, a alternativa de estudo, a busca por melhores condições de vida, incluindo-se nisto, a segurança, bem como a transferência no trabalho, constituem-se aspectos influentes no processo de atração que permitem às pessoas a decisão de migrarem.

No que se refere aos fatores econômicos como precursores da migração familiar, encontraram-se resultados semelhantes nos estudos de Sarriera, Pizzinato e Meneses (2005); Estrada (1982); e Queiroz (2008), cuja similitude residiu em ofertas de trabalho recebidas, em grande maioria, pela figura paterna das famílias pesquisadas.

No cenário recente dos fluxos migratórios internacionais, o Brasil tem recebido um número expressivo de famílias imigrantes provenientes dos países da América Latina, cujas especulações apontam que além dos tratados internacionais que deliberam a livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos; um dos fatores mais atrativos para os imigrantes encontra-se no aspecto econômico, a partir das ofertas de mão de obra e do mercado de trabalho, tendo em vista que o país tem se consolidado como o novo polo de imigração internacional, ocupando a sexta classificação de maior economia mundial (Patarra & Fernandes, 2011).

Concomitante aos fatores de atração encontram-se os fatores de expulsão, os quais operam de modo recursivo no planejamento de vida e na história da migração familiar dos sujeitos. Como fatores de expulsão, pode-se pensar sobre as precárias condições de vida, as catástrofes naturais, ocorrências de guerras, ou ainda perseguições políticas, entre outros (Prado, 2006; Klein, 1999).

Observa-se que fatores de expulsão, tais como crises econômicas e precárias condições de vida, tornaram-se os principais motivos para a imigração de duas famílias pesquisadas:

Vimos para o Brasil por causa da crise da Argentina em 2001 (...) Ficou todo nosso dinheiro dentro do banco, aí começaram a fechar inúmeras empresas... Eu tinha uma empresa onde fabricávamos uns artigos para o shopping, mas o shopping não pagou mais, não comprava mais, a empresa que o meu marido era gerente fechou sem pagar a ninguém, ficaram devendo para ele, ele já tinha 40 anos e ninguém dava emprego para ele nessa crise Argentina (...) Então tivemos que mudar toda a nossa vida. (FAR/Stela - mãe)

Vimos por causa de trabalho. Lá estava muito difícil, pessoas passam necessidade... Na República Dominicana estava muito difícil dos haitianos trabalharem, daí pensamos no Brasil... (FH/Benôit - pai)

Tais discursos apontam os impactos políticos e sociais engendrados no país de origem das famílias imigrantes, cujas necessidades como falta de emprego e desigualdades econômicas estavam presentes, atuando como fatores críticos de expulsão. É importante destacar sobre a especificidade da família haitiana, haja vista que após o terremoto que assolou o Haiti em 2010 e em outubro do mesmo ano, uma epidemia de cólera se espalhou pelo país causando 4.000 mortes na população, o Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE recebeu 1.534 solicitações de refúgio de haitianos para o

Brasil, apenas no ano de 2011; motivo pelo qual, respalda-se o fluxo migratório expressivo dessa população, partindo em busca de melhores condições de vida (Amorim, 2012; Lima & Simões, 2012).

A família Americana apontou certa peculiaridade ao imigrar para o Brasil, que embora destacasse a busca por melhores condições econômicas, a dimensão religiosa esteve presente como aspecto motivador desses participantes:

*A gente veio para o Brasil para **começarmos uma casa de oração (igreja)** (...) O que queremos estabelecer aqui no Brasil vai demorar um pouco, mas que a longo prazo é o objetivo de trazer esta casa de oração 24 horas (...) tendo também um grupo de estudos bíblicos local, assim a pessoa que está no mercado de trabalho também pode exercer sua função lá, com seu coração voltado para a oração e adoração a Deus. (FAr/ Anne – mãe)*

No estudo realizado por Alves (2002) acerca do Transnacionalismo religioso, destacaram-se as motivações religiosas que alguns imigrantes americanos, entre estes, missionários e líderes religiosos, apresentaram como razões para deslocarem-se de um local para outro. Tais motivações podem associar-se ao relato da família Americana, por serem mencionadas razões inscritas no âmbito dos princípios e práticas religiosas dessa família, em particular.

Além dos motivos de migração expressos pelo fator econômico, esteve presente como aspecto precursor migratório, a busca por **tratamento médico (1.1.2)**, motivo este, encontrado especificamente em uma família pesquisada. Pode-se observar no relato, o caminho percorrido pelos membros familiares até definirem o país de acolhimento que garantissem a assistência de saúde necessitada:

*Quando meu filho mais velho fez cinco anos ele foi diagnosticado com uma doença genética e como **ele precisou de um tratamento médico que não estava disponibilizado lá na Bolívia**, então foi por isso que a gente começou a ter que correr atrás pra conseguir o tratamento pra ele, né? (...) Lembro que pensamos em outros lugares além do Brasil... Tenho uma prima que é embaixatriz lá no Reino Unido, amigos que moravam na Argentina, amigos no México, na Venezuela que ligavam pra nós, também tinha o primo do Murilo na Espanha, então pensamos em muitos lugares e possibilidades pra recorrer. Daí, conseguimos uma*

entrevista com um médico na área aqui no Brasil, mas na época ainda estávamos nos EUA (...) e lá disseram que seria feita uma pesquisa e que ia ser em Porto Alegre com a medicação que ele precisava (...) Então o que a gente fez? A gente vendeu o apartamento, o carro, tudo que a gente tinha e a gente veio pra cá, a gente se mudou! (FB/ Jade – mãe)

O depoimento da família Boliviana expressa a falta de recursos assistenciais no país de origem como desencadeador para a migração familiar. Segundo o Censo Demográfico 2010 do IBGE, registrou-se que a Bolívia encontra-se entre os principais países de origem dos imigrantes no contexto brasileiro, com aproximadamente 15.753 imigrantes bolivianos. Como fatores explicativos para tal demanda, citam-se a estrutura social deficitária na prestação de serviços de saúde e educação, assim como das desigualdades sociais significativas, tais como a miséria e a instabilidade política que afeta diversas regiões do país (Patarra & Fernandes, 2011).

Os motivos da migração familiar constituíram-se os pontos iniciais para a compreensão da história vivenciada pelas famílias pesquisadas, haja vista que o planejamento familiar para um novo contexto cultural pode suscitar a manifestação de eventos estressores quanto de aspectos facilitadores e de enfrentamento, frente às novas demandas implicadas no processo migratório.

A subcategoria **1.2 - Participação dos membros familiares no processo decisório** identificou os aspectos implicados na escolha de imigração e projeto de vida familiar na perspectiva dos diferentes membros familiares, conforme são apresentados os elementos de análise a seguir:

Quadro 5: Elementos de análise referentes à subcategoria 1.2 : A partir da participação dos membros familiares no processo decisório.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
1. História da migração familiar	1.2 Participação dos membros familiares no processo decisório	1.2.1 Pais 1.2.2 Filhos

Observa-se que em todas as famílias pesquisadas, os **pais (1.2.1)** foram os protagonistas principais pela decisão migratória, sendo que em três famílias participantes do estudo, a figura paterna foi quem

direcionou o ato de imigração e a escolha do país de destino, como se podem observar alguns relatos:

*(...) De modo imediatista, ele (esposo) chegou em casa e disse: “Vou para o Brasil” – “O que? Tá doido?” Disse eu; – “Eu vou sim, porque Maria me disse que lá eu vou ter tempo para estudar”. E foi assim que aconteceu... Ele veio antes para o Brasil para ver onde íamos morar, também para ver como que era o trabalho, foi uma coisa doida (...) Passado um mês ou dois eu vim, mas de forma incerta, eu não sabia se iria dar certo, assim que saiu o contrato foi quando vim (...) **Foi uma decisão muito rápida dele** e havia uma família, e eu, outra doida, concordei (...) Também estava trazendo além da mulher, o filho pequeno, foi muita responsabilidade e eu confiei plenamente. (FP – Elisa/Mãe)*

*Eu tive um amigo na República Dominicana que estava vindo para o Brasil e me incentivou a vir, já que tudo por lá, estava muito complicado. Então, foi assim que decidi... **A ideia era vir na frente e depois trazer a família** (...) Primeiro falei com minha esposa e ela disse que como não havia outra saída, que tudo bem, aceitava... (FH – Benôit/Pai)*

*A gente já tinha viajado muito com a família, viajamos durante dois meses pela Ásia, China, Coréia, Taiwan e viemos para o Brasil em duas ocasiões; viajamos por todo o país, sendo que eu e meu marido já havíamos viajado por mais de cinquenta países (...), só que foi uma direção de Deus para virmos pra cá. **Quem teve a ideia de migrar, além de Deus (risos), foi meu marido** provavelmente. (Fam – Anne/Mãe)*

Os relatos sugerem que a figura paterna constituiu-se como a principal referência para a provisão e o sustento familiar, indicando que o funcionamento de tais famílias possa caracterizar-se como aquelas de cunho tradicional e conservadoras, em que o homem responsabiliza-se pelo trabalho no papel de provedor e a mulher ocupa-se das atividades domésticas e do cuidado com os filhos, o que se verificou na história familiar destes participantes.

Korembaum (2003) destaca que a maioria das famílias migrantes ou em trânsito, mudam de país ou de cidade, em função de um de seus membros, geralmente o pai, visando melhores oportunidades profissionais e acadêmicas. Assim, Dantas e Paiva (2004)

complementam que muitas dessas famílias funcionam como o modelo de família patriarcal, cuja ocupação da mulher refere-se a tudo que é de “dentro” e o homem com as coisas que são de “fora”. Entende-se por de “dentro” os filhos e as atividades domésticas, e de “fora” o trabalho e o sustento.

Minuchin (1982) ao discutir sobre as relações hierárquicas estabelecidas nos subsistemas familiares destaca a importância de investigar quais são os papéis exercidos e como estes funcionam na dinâmica relacional de seus membros. Desta forma, os pais e os filhos ocuparão diferentes níveis de autoridade, consoante as regras que definem quem participa e como participa das decisões familiares, cuja função pauta-se em proteger e diferenciar os subsistemas.

Neste sentido, foi possível observar nos relatos trazidos como funciona a estrutura hierárquica das famílias pesquisadas no processo migratório, bem como o impacto pela decisão migratória e a dinâmica que se estabelece no subsistema filial, no sentido de discutir a participação dos **filhos (1.2.2)** no processo decisório de imigração. Os depoimentos a seguir ilustram a percepção de filhos adolescentes de duas famílias entrevistadas:

*Eu disse não. Absolutamente, não. **Eu não queria me mudar, deixar a minha casa, eu não queria sair desse ambiente onde já tínhamos uma casa de oração aberta 24 horas e ir para um lugar onde não tínhamos nada.** (FAm - Louise, 14 anos)*

Minha primeira reação foi “uau que empolgante, começar uma casa de oração no Brasil!!” Mas daí, pensei “Caramba, vou ter que deixar todos os meus amigos, minha casa...” (FAm - Helenne, 17 anos)

A Paloma quis vir a princípio, mas depois ela não gostou por ter deixado os amigos e fazer poucas amizades por aqui; porque uma coisa era vir de férias e outra coisa era vir a morar. (FAR – Stela/mãe)

Esses relatos expressam uma postura crítica e indesejada de filhos adolescentes de, num primeiro momento, imigrarem para outro país. Pode-se perceber a avaliação que Louise e Helenne apontam como justificativas para não imigrarem, ao mencionarem sobre a estabilidade que mantinham nos Estados Unidos e as amizades construídas. Já o depoimento de Stela salienta a disposição inicial da filha ao imigrar,

todavia apresenta as dificuldades que sentiu por ter deixado os amigos no país de origem.

Marandola (2008) argumenta que deixar o lugar-natal, implica abandonar os lugares de infância, juventude ou idade adulta, responsáveis pela formação pessoal, sobre os quais se fundamentam a identidade dos migrantes. Desta forma, é comum o surgimento de insegurança e ambivalência no processo migratório, pois sair dos territórios de segurança e estabilidade para lançar-se em um novo contexto cultural com pouca ou nenhuma familiaridade e controle, pode parecer ameaçador.

Na revisão de literatura de Becker e Martins-Borges (2014) acerca das repercussões da migração no ciclo de vida familiar, identificou-se que nem sempre o processo decisório de migração ocorreu de comum acordo entre os membros familiares, vindo a causar impactos consideráveis nas redes sociais de adolescentes imigrantes, que por vezes, não desejaram deixar o país de origem.

Corroboraram-se a estes dados, os estudos de Quin (2008) e Soto (2012) cujos resultados apontaram indicativos de conflitos comunicacionais no processo de preparação para a migração familiar com filhos adolescentes. As razões explicativas para tais impasses podem ir ao encontro do que Sayad (1998) sustenta ao refletir que os filhos assistem muitas vezes aos planos de seus pais imigrarem, sem ter uma participação direta, aumentando assim, o efeito de estranhamento ao chegarem a um novo contexto cultural.

Observou-se entre as famílias pesquisadas, que os filhos participaram de um modo mais passivo no processo decisório, submetendo-se à hierarquia do subsistema parental, embora que alguns, especialmente na fase da adolescência, apresentaram oposição e baixo contentamento em mudar-se de país. Todavia, não foram evidenciadas nas falas dos filhos da família peruana e boliviana contrariedades a respeito da decisão migratória.

A subcategoria **1.3 - Dificuldades no processo de adaptação** congrega as principais dificuldades vivenciadas pelas famílias migrantes no país de acolhimento, cujos elementos de análise, podem ser conferidos no Quadro 6:

Quadro 6: Elementos de análise referentes à subcategoria 1.3 : A partir das dificuldades no processo de adaptação vivenciadas pelas famílias imigrantes no país de acolhimento.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
1. História da migração familiar	1.3 Dificuldades no processo de adaptação	1.3.1 Documentação 1.3.2 Relacionamentos Interpessoais 1.3.3 Língua 1.3.4 Escola 1.3.5 Trabalho/ Financeiro

Após a chegada ao país de acolhimento, as famílias imigrantes vivenciaram dificuldades, entendidas aqui como decorrentes do processo de adaptação em um novo contexto cultural. Inicialmente, três famílias apontaram problemas quanto à **documentação (1.3.1)** e questões burocráticas, as quais são fundamentais para a manutenção da vida familiar e social. Os relatos a seguir detalham esses dados:

Vimos para uma cidade nova sem ter ideia de qual bairro iríamos morar (...) como não conheço ninguém aqui, não tinha fiador, foi quase impossível para nós alugarmos uma casa, assim se você se muda pra o Brasil sem conhecer ninguém, é difícil, pois todo mundo precisa de fiador. Ou você tem muito dinheiro e compra uma casa ou você tem um grande problema! (FAM – David/Pai)

Quando a gente chegou aqui (...) Bom, primeiro foi a história de alugar um apartamento, porque lá em Porto Alegre, a gente passou por umas cinquenta e poucas imobiliárias que alugam apartamento e não tínhamos nada de papel, documento direito e achamos uma que confiou na gente e alugamos um apartamento, foi por meio daquele amiga, Beatriz. (FB – Murilo/Pai)

As narrativas citadas apontam as dificuldades de documentação referente à moradia. Tanto a família Americana quanto a Boliviana pareciam não ter contatos a quem pudessem recorrer na chegada, o que dificultou as transações documentais no aluguel de um imóvel. Situações como essa estão presentes na vivência de muitos imigrantes ao chegarem ao país de acolhimento, o que varia de acordo com a legislação e os deveres previstos na normatização migratória vigente.

Nesta perspectiva, o estudo de Queiroz (2008) apresentou que as famílias migrantes no contexto brasileiro encontraram dificuldades no

que se referem às burocracias exigidas nas atividades rotineiras, tais como locação de imóvel e ingresso dos filhos na escola. Por tais motivos, é importante atentar para um adequado planejamento familiar, pois conforme Falicov (2001), a falta de preparo para a migração pode constituir-se um fator de risco para as famílias migrantes, tendo em vista o estado de vulnerabilidade dos imigrantes em um novo contexto, por vezes, desconhecido e com baixo acesso a redes de contato.

Ainda tratando-se das dificuldades de **documentação (1.3.1)**, citam-se as intercorrências que algumas famílias apresentaram especialmente no que se refere ao visto. Destaca-se aqui, a especificidade da família Boliviana, cujo motivo migratório compreendeu o tratamento médico do primeiro filho. Os relatos a seguir expressam tais impasses:

*O visto que tínhamos era só de saúde, pra acompanhar o nosso filho (...) Daí, ligamos pro Ministério do Trabalho e a gente falou com uma senhora que disse: “Aqui no Ministério a gente não pode fazer nada, não tem como fazer nada e você não pode trabalhar”, porque **no visto está escrito que não posso ter trabalho remunerado.** (FB – Murilo/Pai)*

*Os primeiros anos foram difíceis, né? **Estávamos ilegal no país, não conseguíamos a documentação!** (FAr – Juan/Pai)*

De acordo com a Lei Nacional nº 6.964/81 que define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, todo imigrante poderá requerer a concessão do visto, documento concedido pelas embaixadas e consulados brasileiros no exterior que autoriza o ingresso e a estada de estrangeiros no Território Nacional, desde que sejam satisfeitas as condições previstas na legislação vigente (Brasil, 1980). Encontram-se sete tipos de visto para legalização do estrangeiro, entre os quais a licença de trabalho, caracteriza-se como visto temporário. Entretanto, a legalização dos bolivianos em território nacional requer maior atenção, uma vez que até recentemente, o Estatuto do Estrangeiro só permitia a entrada de mão de obra especializada e de empreendedores. Aqueles que não apresentassem estas condições tinham como opção, casar-se com cônjuge brasileiro ou ter um filho nascido em território brasileiro. Contudo, em 2009 o Brasil buscou criar mecanismos para facilitar a regulamentação desta população e de outros imigrantes.

Percebe-se que as dificuldades iniciais dessas famílias imigrantes pautaram-se nos entraves relativos às questões burocráticas, especialmente de legalização ao chegarem no país de acolhimento.

Aponta-se que as dificuldades inerentes à **documentação (1.3.1)**, podem acentuar a vulnerabilidade, ameaçando a segurança e o funcionamento de membros familiares.

No que se refere às dificuldades de adaptação encontradas pelos participantes deste estudo, esteve presente em todas as famílias entrevistadas, os problemas advindos dos **relacionamentos interpessoais (1.3.2)** no país de acolhimento, especialmente àqueles referidos à falta de ajuda, limitações nas redes sociais e preconceitos. Diferentes membros da família americana apresentaram dificuldades encontradas pela falta de assistência e apoio no país de acolhimento, conforme se observam os relatos:

*Meu maior desafio tem sido as pessoas falarem “eu vou te ajudar”, mas eles nem sempre querem dizer isto, as pessoas não são ruins, nem mentirosas, elas falam que vão te ajudar e até desejam isso, **mas quando eu ligo ninguém te atende o telefone... Às vezes, dizem “sim claro, eu vou te ajudar”, mas não voltam a te procurar (...)** Então para mim é como se eu tivesse dificuldade de acreditar nas pessoas e se eles fazem alguma coisa, é uma grande bênção pra mim! Eu fico impressionado! (FAm – David/Pai)*

*Quando nós fizemos a matrícula na escola, os professores falaram que iriam nos ajudar, **mas no momento em que precisávamos de ajuda eles não nos ajudavam e isto foi difícil.** E como não havia ajuda, eu me sentava no fim da sala, abria o meu dicionário e estudava sozinha. (FAm – Helenne, 17 anos)*

Os discursos acima sugerem que a falta de assistência pode estar intimamente relacionada à falta de redes no novo contexto, pois, à medida que os vínculos passam a se fortalecer, torna-se mais facilitada a adaptação dessas famílias. Isto pode sugerir que a ausência de apoio social, seja no âmbito afetivo ou mesmo instrucional, caracteriza-se como um dos aspectos dificultosos para a adaptação em uma nova cultura. Outros depoimentos retratam estas dificuldades:

Nós realmente não conhecíamos ninguém quando chegamos (...) Tínhamos alguns amigos brasileiros, mas nenhum deles morava em Florianópolis. Uns eram de São Paulo e outros de Curitiba, são amigos muito queridos. Mas, aqui estamos sozinhos. (FAm – David/Pai)

Não tivemos apoio nenhum quando chegamos! (FP – Elisa/mãe)

Meneses e Sarriera (2005) comentam que o principal apoio para os imigrantes é oferecido pelos membros das redes sociais às quais pertence, sejam elas as de origem ou as novas que foram criadas na comunidade de acolhida. Todavia, a reconstituição da rede social é uma das grandes dificuldades enfrentadas para os imigrantes.

Phinney (2004) também destaca que os indivíduos e famílias passam por fases de adaptação ao imigrarem, as quais se desenvolvem concomitante ao ciclo de vida pessoal e familiar dos sujeitos. Logo, é a partir do estágio de exploração do novo contexto que, ao envolver-se em novas relações, acontece o momento de crise por meio de questionamentos constantes. Todavia, esta etapa é fundamental para que a consolidação e o fortalecimento no processo de adaptação aconteçam.

Outro aspecto presente nas dificuldades de adaptação nos relacionamentos interpessoais referiu-se ao predomínio do preconceito entre os filhos das famílias imigrantes, ocorridos no ambiente escolar, como se pode observar em algumas falas representativas:

Meu filho mais velho teve problemas com o bullying, (...) por serem estrangeiros, por manterem um pouco do sotaque na forma de falar, então os companheiros faziam piadinhas e o professor achando isto normal, mas nós protestamos e no final os professor e orientadores aceitaram nosso ponto de vista e entenderam. (FP – Miguel/Pai)

Depois de algumas semanas alguns garotos começaram a ficar com ciúmes dele (filho) e aí a classe se voltou contra ele, era uma turma pequena de oito crianças... Começaram a fazer muita piada, então ali deixou de ser um ambiente seguro para aprender a língua, eu diria que a língua portuguesa não progrediu em nada para ele naquele tempo, porque era muito arriscado tentar, faziam piada dele toda hora, então a primeira experiência escolar foi muito ruim. (FAM – Anne/Mãe)

As narrativas elencadas pela família Peruana e Americana revelam as dificuldades que os filhos passaram ao ingressar na escola devido ao preconceito presente pelo sotaque e pela própria condição de estrangeiros. Segundo Calvo (2006) o período de assentamento ou de adaptação é, muitas vezes, marcado pelo preconceito e marginalização,

haja vista que as diferenças caracterizadas pela condição de outra cultura pode se tornar uma ameaça ao país ou local de acolhimento.

Os dilemas encontrados pelos indivíduos e famílias migrantes, consistem em grande parte, no processo de recepção ao país de acolhimento, em que algumas vezes a perspectiva de estranhamento acontece, desencadeando atos de hostilidade, menosprezo e discriminação frente à alteridade, os quais contribuem para a manutenção da exclusão, do estresse psicológico e social, afetando o bem-estar e a qualidade de vida dos indivíduos (Magalhães, 2010; Stampino, 2007; Coutinho, & Ramos, 2012).

Além dos aspectos discriminatórios, pode igualmente estar presente a percepção de sentir-se incompreendido pelo país de acolhimento. Na fala de Helenne, a seguir, pode-se refletir que não obstante aos episódios de preconceito vivenciados, evidencia-se a falta de apoio e compreensão, conforme expõe a narrativa:

*Tem algumas pessoas que ao conversar querem te machucar **fazendo piadinhas**, mas eu não deixo ninguém me machucar, nem fazer esses comentários. É por isso que com alguns eu não gosto de conversar, pois sei que vão falar alguma coisa... E acho que às vezes, não é que eles sejam ruins, mas é que eles não sabem o que fazerem comigo ao dialogar...*
(FAM - Helenne, 17 anos)

Percebe-se que as dificuldades relacionais implicadas no relato acima, articulam-se às “*piadinhas*” e a incompreensão do país de acolhimento na interação com a adolescente, o que faz com que Helenne limite seu contato com algumas pessoas. Conforme Ramos (2009), a migração constitui um processo complexo, vivenciado pelo indivíduo de um modo mais ou menos traumatizante ou harmonioso, principalmente a partir dos recursos psicológicos e sociais do imigrante e das condições de acolhimento do país receptor. Assim, se os fatores de exclusão, preconceito e hostilidade estiverem presentes, podem contribuir para o isolamento, a insegurança e abalo na saúde mental dos indivíduos.

Outro aspecto observado nos resultados deste estudo reporta-se às dificuldades relacionadas com a **língua (1.3.2)** no país de acolhimento. A família Haitiana comentou que, além da língua materna, aprendiam no país de origem, o idioma francês, inglês e espanhol; contudo, apropriar-se do português, tem sido dificultoso, conforme indicam as narrativas:

*Falo melhor em espanhol, porque **minha língua mesmo é o crioulo**. Lá no Haiti a gente aprende, além do crioulo, o francês, o inglês e o espanhol. (...) **Pra mim, o português é o mais difícil**. Eu falo um pouco, o importante é que eu comunico, meio misturado com o espanhol, mas tem que falar (...) Acho que eles (filhos) tão sentindo dificuldade, é com o idioma... (FH – Benôit/Pai)*

***Eu falo em crioulo, tenho um pouquinho de dificuldade em falar o português**, mas eu entendo quase tudo, só que consigo me comunicar mais no espanhol, estou aprendendo aos poucos o português, mais na escola. (FH – Isabelle, 09 anos)*

Os relatos do pai Benôit e de sua filha Isabelle, permitem refletir sobre as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem de uma nova **língua (1.3.2)**, no caso, o português. Portanto, compreende-se que a língua atue como uma parte integrante do desenvolvimento psíquico, inserida na construção da linguagem simbólica do sujeito (Martins-Borges, 2013). Desta forma, as dificuldades vivenciadas pelos imigrantes podem não se pautar somente na questão cognitiva de aprendizagem de um novo idioma, mas na dimensão significativa e identitária, imbuída no processo.

Outras famílias apontaram sobre as características atribuídas ao sotaque da **língua (1.3.2)** portuguesa. Os relatos a seguir ilustram a respeito:

*O que eu **achei complicado foi aprender o português**. Ainda é complicado. Eu leio, escrevo, mas o sotaque, não tem como. O brasileiro quando vai a Argentina pega o sotaque de gringo rapidinho, **mas aqui o sotaque de português é diferente. É difícil de pegar.** (FAR – Juan/pai)*

*(...) Não conseguia entender muito no início, porque **o sotaque de vocês é diferente**, um pouco cultural, hoje eu não percebo a diferença, **no início não conseguia entender bem porque a língua de vocês é suave**, não tem a vocalização do espanhol... (FP – Elisa/mãe)*

Destaca-se a ênfase conferida pela Família Argentina e Peruana a respeito da especificidade da língua portuguesa no que tange ao sotaque das pessoas. Pode-se pensar que o sotaque remeta-se a um fator de diferenciação dentro da língua, o qual sinaliza para o outro, a própria identidade linguística e alteridade daquele que vem de “fora”, de outro

contexto cultural. Segundo Liebl (2008) o fato dos migrantes manifestarem dificuldades em adquirir a língua, pode restringir-lhes o pertencimento ao contexto cultural vigente.

Em vista disto, a família Americana aponta as dificuldades em não ter adquirido totalmente o português, relacionando a adaptação ao país de acolhimento com o domínio do idioma. Os relatos a seguir exemplificam esta reflexão:

Aprender o idioma tem sido um processo muito lento para mim, o que me frustra, isto me causa insegurança, eu acredito que minha adaptação por completo somente vai acontecer quando eu aprender o idioma... Tenho algumas amigas brasileiras, mas elas não vivem aqui, e nossa conversa ainda acontece em inglês (...) A língua ainda tem sido um dos maiores desafios. (FAm – Anne/mãe)

Era difícil eu falar com as pessoas que eram legais pra mim, porque eu não conseguia me comunicar (...) Havia uma garota na escola que tinha uma relação legal comigo e estava passando por uma situação difícil e com ela eu conversava, pois ela falava em inglês. (FAm – Helenne, 17)

As dificuldades decorrentes do aprendizado da nova língua repercutiram sentimentos de frustração e insegurança na adaptação cultural de Anne e provocaram problemas de socialização de Helenne. Conforme explica a mãe americana, sua *adaptação só vai acontecer quando aprender o idioma*”.

Assim, Rodrigues (2012) sinaliza que os membros de um grupo, para se diferenciar de outros grupos, farão da língua seu principal símbolo identitário, ou seja, quem desconhece a língua fica excluído do grupo, ao passo de que aquele que a domina, o integra. Logo, a língua não é apenas a ferramenta própria de cada membro da sociedade, mas sua posse significa o pertencimento ao grupo, sociedade, cidade ou país. Pode-se pensar que a ausência de domínio de uma nova língua, pode predispor a falta de inclusão em um grupo do país de acolhimento, tanto da mãe quanto da filha americana.

Outro aspecto que chama a atenção nas dificuldades relacionadas à **língua (1.3.2)** refere-se ao processo dos membros familiares em adquirir a nova língua. No caso da família Peruana, o pai salienta que sua aprendizagem ocorreu de modo mais rápido que sua esposa, conforme se pode observar o relato:

Eu me adaptei mais rápido, talvez (...) na verdade aprendi o português aqui no Brasil através das consultas e da comunicação. Acredito, porque eu saía para os atendimentos. Já a Elisa, ficava em casa... (FP – Miguel/Pai)

O participante atribui que sua adaptação linguística foi favorecida a partir da inserção no contexto laboral, o que lhe permitiu maior contato e comunicação com o país de acolhimento, enquanto que o processo de aprendizagem de sua esposa pode ter sido mais lento, já que suas atividades destinavam-se ao cuidado do lar e dos filhos. Semelhantemente ao caso da família Peruana, observou-se que a aquisição do idioma pela família Americana foi mais facilitada para o pai e os filhos, já que estes estudavam e o pai ocupava-se com o trabalho; enquanto que para a esposa, o processo foi mais lento, uma vez que a ocupação laboral restringia-se às atividades domésticas e familiares.

Situações assim são comuns no caso de migrações familiares, pois como esclarece Sluzki (1997), o processo de adaptação ao novo ambiente, e neste caso, da aprendizagem de um novo idioma, pode ser vivenciado de modo e intensidades diferentes pelos membros familiares, podendo emergir desequilíbrios interpessoais nas relações, os quais implicarão na estrutura familiar consoante aos papéis e funções exigidos em cada subsistema que podem ser alterados pelo evento da migração na trajetória dessas famílias.

Outro dado evidenciado pelas famílias participantes refere-se às dificuldades de adaptação na **escola (1.3.3)**, vivenciadas pelos filhos imigrantes. Com exceção da família Haitiana, as demais apresentaram dificuldades referentes à escolarização. Num primeiro momento, expõem-se os problemas entre os professores e colegas de classe, conforme exibem algumas narrativas:

Eu odiei a escola... Os professores eram loucos e os alunos eram loucos... Naquela escola a gente não conseguiu aprender direito, se adaptar, eu não queria nem conversar com os outros alunos, eu não gostava deles... (FAM - Louise, 14).

(...) Tinham momentos que eu ficava muito brava com os professores, porque eu entendia que eles falavam para os alunos que “eu não gosto de te ensinar”, “eu não gosto de

você”, então obviamente os alunos não iriam gostar de ouvir coisas daqueles professores. (FAM – Helenne, 17).

(...) Um dia meu filho pediu que eu comprasse um estojo, pra guardar lápis, canetinhas, eu comprei tudo e carrinhos também, porque ele gostava de brincar e daí, ele levou no primeiro dia e no segundo dia os colegas esconderam dele, porque eram todos mais velhos do que ele. Eu também comprei uniforme da escola estadual pra eles como fazia na Argentina, mas ninguém ia com uniformes, só eles iam... (FAR – Stela/Mãe)

As narrativas acima ilustram parte do cenário nacional no tocante à dinâmica escolar disponibilizada às famílias estrangeiras que, de acordo com o Censo Escolar do IBGE (2010), registrou-se um aumento de 45% no número de matrículas de alunos estrangeiros. Em 2010 foram matriculados 41 mil estudantes (7% do total de matrículas da Educação Básica), opondo-se a 28 mil em 2007. Desse total, 23.964 frequentavam a rede pública e 17.952 a rede privada. Estes dados permitem retratar o aumento do número de alunos estrangeiros, sendo importante pensar acerca do processo adaptativo e integrativo para esta população, bem como a dinâmica instaurada de acolhimento, os recursos e métodos acadêmicos utilizados no cenário brasileiro.

Em vista disto, os depoimentos da família Americana, referiram-se à primeira experiência escolar que os filhos tiveram no país de acolhimento. Pode-se atentar que as dificuldades no estabelecimento de vínculos no contexto escolar dificultou a adaptação acadêmica e as relações sociais entre os pares. Já para a família Argentina, a mãe recorda que, além dos impasses que o filho mais novo enfrentou na escola com seus colegas, as regras delimitadas pela escola pareciam ser mais flexíveis.

Corroborar-se a tais achados, o estudo de Aksel, Giin e Cengeli (2007) com famílias com filhos adolescentes que imigraram para locais culturalmente distintos da Turquia, em que se verificou o impacto na frequência escolar e conflitos estudantis no processo de adaptação dos jovens. Sobre isto, Prado (2006) salienta que pelo abandono do país de origem, os filhos, especialmente aqueles que estão na adolescência, tem dificuldades em aceitar o novo colégio do país majoritário pela perda dos amigos que ficaram.

Atribui-se ainda a **dificuldade de adaptação escolar (1.3.3)** no processo de alfabetização decorrente do idioma vigente, cujo depoimento da família Peruana ilustra a temática:

Quando chegamos em Florianópolis, eles (filhos) tiveram problemas de adaptação quanto à escola. Eles falavam o espanhol em casa, porém na escola, falavam o português com um pouco de sotaque, daí, eles tiveram um pouco de problema com a alfabetização. (FP – Miguel/Pai)

Evidencia-se no relato que os problemas adaptativos na escola estavam relacionados à delimitação de idiomas distintos falado em ambientes diferentes. Por ora, falava-se espanhol em casa, enquanto que na escola, o idioma vigente era a língua portuguesa; motivo que acentuou a dificuldade na alfabetização do idioma no país de acolhimento. Todavia, oportuniza-se que a família mantenha uma coerência na escolha de uma língua compartilhada pelos membros no contexto familiar, embora que num primeiro momento, transcorram dificuldades adaptativas na escola.

Resultados semelhantes também foram encontrados no estudo de Barreto, Soares, Silva, Cury e Soares (2011) que investigou sobre a inserção de imigrantes na escola; bem como na revisão de literatura de Aronowitz (1984) acerca dos ajustamentos sociais e emocionais de crianças migrantes.

Ao considerar as dificuldades no processo de adaptação percorridas, apontam-se ainda as questões referentes ao **trabalho/financeiro (1.3.5)**. Três famílias abordaram a falta de trabalho e dificuldades financeiras ao chegarem ao país de acolhimento, como exemplificam os relatos:

A dificuldade que tivemos em nossa família, foi mais a questão do dinheiro, porque no nosso caso, a gente veio sem nada. Porque quando tu sai com patrimônio é até fácil, né? Com dinheiro tu crias raízes em qualquer lugar. (FAr - Alfredo, 25)

Só a parte do trabalho a princípio a gente ficou preocupado, porque lá na Bolívia o Murilo tinha uma oficina de carros e ficou com o irmão dele. Era a única forma que a gente tinha de se sustentar (...) Então quando viemos ficamos muito preocupados com o aluguel, porque nós pagamos um mês de hotel, íamos tentar até um segundo mês se não conseguíssemos um apartamento pra alugar, só que uma hora o dinheiro acaba, né? E daí, o dinheiro que a gente vendeu nosso apartamento lá na Bolívia, era o dinheiro que a gente tava comendo, né? (FB – Jade/Mãe)

Eu tive dificuldade quando cheguei sozinho aqui. O início até conseguir trabalho, não foi fácil. Não tinha dinheiro pra mim, muito menos pra mandar pra lá! Logo pensei “quero voltar pro Haiti!” Mas, nem passagem pra voltar eu tinha... Custava uns 3000 e pouco, eu não tinha esse dinheiro. Eu cheguei a passar fome (...) Depois, como eles vieram, eu tenho mais três pra sustentar e 1.200 reais pra pagar 800,00 reais de aluguel, água, luz, alimentação... E ainda mandar dinheiro pro meu pai pagar sua casa lá na República Dominicana, não sobra nada! (FH – Benôit/Pai)

As narrativas apontam à falta de trabalho e as dificuldades financeiras das famílias após a migração, constituíram-se desafios expressivos. Chama a atenção o aspecto de “*vir sem nada*”, conforme depoimento da família Argentina, representado por Alfredo. Tal discurso ilustra o processo pelo qual também vivenciaram a família Boliviana e Argentina.

Esses achados se assemelham aos estudos de Marin e Pozobon (2010) cuja análise do choque cultural evidenciado pelas famílias migrantes pautou-se, especialmente, nas dificuldades para encontrar trabalho e habitação, bem como na documentação e questões burocráticas. Também na pesquisa de Sarriera, Oliveira, Hofstaetter e Hermel (2005), o desemprego foi apontado como um elemento que obstaculiza a inserção sociocultural em famílias hispano-americanas, somado as dificuldades no reconhecimento dos diplomas e currículos, os quais são exigidos para fins comprobatórios da titularidade no mercado de trabalho.

Convém salientar, que além das dificuldades de conseguir trabalho e manter-se economicamente, a família Haitiana mencionou os desafios de enviar remessas financeiras para os familiares no país de origem. Esta situação é comum na realidade de famílias imigrantes, que dentre as várias motivações para imigrar, também apontam o auxílio financeiro para os familiares que não imigraram, o que se coaduna com as pesquisas de Martínez (2009); Caplan (2007); Soto (2012) e Mercer (2012), em que as remessas financeiras constituíram-se um dos objetivos prementes para as melhores condições de vida dos familiares que ficaram no país de origem.

Ainda no que se refere às dificuldades de **trabalho/financeiro (1.3.5)**, a família Argentina discorreu sobre as experiências que tiveram

ao chegar no Brasil, no que concerne às condições desfavoráveis e de exploração:

É que tem gente muita esperta, que vê que você precisa de trabalho e te pega pra trabalhar e só quer te pagar vinte pila por dia. Isso nós vimos muito e tivemos que fazer, tivemos que trabalhar assim, porque não tínhamos. E era preciso alimentar a eles e tudo e trabalhamos 10% pelo que se pagava e nós trabalhamos. Então, há pessoas de muito dinheiro que se aproveitam disso. Mas, isso foi durante pouco tempo, graças a Deus. (FAr – Stela/Mãe)

Observa-se que a vulnerabilidade desencadeada pela condição de imigrante, expõe a família a condições ocupacionais adversas, com vistas ao sustento dos membros familiares. Segundo Coutinho e Ramos (2012) a migração envolve múltiplos fatores que poderão dificultar a adaptação na sociedade de acolhimento, tais como, as condições sociais fragilizadoras e de exploração no campo laboral, dificuldades na comunicação e moradia. No que tange aos aspectos financeiros, verificou-se que de um total de 266 imigrantes e respectivos familiares, 74,8% o salário recebido encontrava-se aquém do mínimo exigido; o horário de trabalho compreendia períodos longos sob condições inóspitas; além de poucos incentivos e garantias aos direitos do trabalhador.

Muhlen, Dewes e Leite (2010) também identificaram que os eventos estressores na imigração de famílias estrangeiras, como o desemprego e o aprendizado de uma nova língua, constituíram-se como as principais fontes de estresse que ameaçaram ou perturbaram o funcionamento das famílias pesquisadas no processo de adaptação cultural.

A subcategoria **1.4 - Aspectos facilitadores no processo de adaptação**, reuniu os recursos e estratégias de enfrentamento vivenciados pelas famílias imigrantes frente ao processo adaptativo ao novo contexto cultural, os quais podem ser conferidos no Quadro 7:

Quadro 7: Elementos de análise referentes à subcategoria 1.4 : A partir dos aspectos facilitadores vivenciados pelas famílias imigrantes no processo de adaptação do país de acolhimento.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
1. História da migração familiar	1.4 Aspectos facilitadores no processo de adaptação	1.4.1 Práticas Religiosas 1.4.2 Apoio social 1.4.3 Iniciativas

A vivência da religiosidade foi um aspecto observado em duas famílias pesquisadas, as quais atribuíram à dimensão do Sagrado, o auxílio em momentos de crise e a esperança em situações adversas. A família Haitiana, representada pelo pai, menciona as **práticas religiosas (1.4.1)** exercidas:

*Me ajudou muito participar dessa igreja batista daqui quando cheguei (...) Eu ia pra igreja e Deus me ajudava (...)
Eu acredito que quando você precisa, Ele nunca te deixa, Ele te ajuda! (FH – Benôit/Pai)*

O envolvimento da família Haitiana com a igreja parece funcionar como uma estratégia de enfrentamento do tipo religioso no processo de adaptação vivenciado, uma vez que além da participação eclesial, emergem percepções de senso religioso, ao mencionar que “quando você precisa, Ele nunca te deixa, Ele te ajuda!”. Essa concepção vai ao encontro do que propõe Amatuzzi (2000) acerca das experiências religiosas, as quais se tratam de acontecimentos marcantes que o sujeito estabelece em relação ao Sagrado, atribuindo significados e expectativas.

Walsh (2003) salienta que o exercício da religiosidade mediado pelas crenças e práticas religiosas pode atuar enquanto recurso ao enfrentamento de crises familiares, especialmente àquelas que se encontram num estado de vulnerabilidade, entre as quais, destaca-se a migração. Esta reflexão corrobora aos achados de Sarriera *et al* (2005), ao identificar que a adoção de uma religião ou a prática de um forte senso de espiritualidade, apresenta-se como um importante indicativo de bem-estar psicológico de famílias imigrantes.

Por sua vez, o relato da família Americana relacionou as **práticas religiosas (1.4.1)**, como a oração, enquanto um recurso adotado frente a situações difíceis e sem esperança, conforme se pode observar a seguir:

Sabe, quando você olha as nações da terra onde se vê opressão e olha para as dificuldades, parecendo não ter esperança, mas daí... Você adora a Deus e olha pra Ele e vê o quanto Ele é grande, isto te enche de fé e te capacita a fazer grandes orações, pois você está diante de um grande Deus. (FAm – Anne/Mãe)

O discurso da família Americana, representado pela mãe, apresenta o predomínio de senso religioso mediado pela prática das orações em momentos difíceis. Sugere-se que a atividade religiosa mencionada, permite obter uma perspectiva positiva frente a situações desfavoráveis. De acordo com Peres, Simão e Nasello (2007), as práticas religiosas ou rituais religiosos como a oração, depoimentos de experiências com o Sagrado, leituras bíblicas e preces, são compreendidas como estratégias que promovem a autoconfiança do sujeito em lidar com as adversidades e estabelecer comportamentos de aprendizagem positiva.

Foram encontrados nos estudos de Portes e Rumbaut (2006) e Assunção (2011), indicativos de que as práticas religiosas e o apoio das igrejas constituem-se subsídios significativos na adaptação cultural de imigrantes no auxílio à integração com a comunidade local e no apoio prestado a situações adversas. Além disto, Vasquez e Ribeiro (2007) verificaram que a religiosidade serviu para a construção de sentido ao processo de migração vivenciado por imigrantes e seus familiares em um ambiente desfavorável, vinculando tal processo à experiência da espiritualidade mediada pela crença no Sagrado.

Outro elemento facilitador no processo adaptativo contemplou o **apoio social (1.4.2)** recebido na imigração. Com exceção da família Peruana, as demais apontaram diferentes modos de auxílio vivenciados no país de acolhimento. Duas famílias mencionaram a ajuda que receberam no que se refere à documentação, visto e moradia:

*(...) Aí, a atendente me disse: “Eu conheço um Padre. O nome dele é Gabriel, **procura por ele, que ele ajuda os migrantes**”. (Murilo – pai) (...) Sabe, foi como se ele tivesse nos aguardando! Quando a gente abriu a porta, eu fico assim, emocionada... Porque ele disse: “Ohh que bom que vocês chegaram!” Era como se ele soubesse que a gente ia ir lá. **Eu lembro dele dizendo: “A gente vai dar um jeito, a gente vai fazer isso, vamos tentar o visto pela residência permanente, se conseguirmos por um***

*ano, depois fica mais fácil para conseguirem permanente e assim, pronto.” (...) **Pra nós que estávamos muito abalados, porque a gente não sabia o que fazer, ele apareceu, abriu os braços e disse que iria nos ajudar nisso e que estava conosco.** (FB – Jade/Mãe)*

*Chegando aqui, tivemos a graça de encontrar pessoas que foram maravilhosas, como o Padre Gabriel e a Beatriz **que nos ajudou com o aluguel do apartamento...** Então, no sentido de facilitar a nossa permanência aqui e nos encaminhar para aquilo que precisamos, principalmente essas duas pessoas foram muito importantes. (FB – Jade/Mãe)*

*Quando chegamos em Balneário Camboriú eu tava procurando uma igreja pra ir, **cheguei lá e o pastor me ajudou!** Ele me disse que tinha uma pousada e **me ajudou com a história do visto, falou que tinha um lugar que eu poderia ficar**, então eu fiquei muito agradecido, pois me lembrou da República Dominicana, lá eu era de uma igreja Batista! (FH – Benôit/Pai)*

Os aspectos referentes à documentação tais como o visto e à moradia, constituíram-se como fatores de dificuldades vivenciadas pelas famílias Boliviana e Haitiana, como se discutiu previamente na subcategoria 1.3. Todavia, o apoio recebido por representantes religiosos e contatos da rede familiar, favoreceu a resolução das dificuldades encontradas e reforçou o sentimento de segurança.

Compreende-se por apoio social, a interface entre o indivíduo e o sistema social, cuja finalidade é auxiliar a pessoa na adaptação a determinadas situações de estresse, tais como o ajustamento social (Siqueira, Betts & Dell'Áglio, 2006), e neste caso, da migração. Além disto, visa ressaltar os aspectos positivos das relações sociais e os vínculos estabelecidos na percepção de autoconfiança e obtenção de recursos para adaptação ao meio, bem como o compartilhar de informações e o auxílio em momentos de crise (Andrade & Vaitsman, 2002; Bao, Hass & Pi, 2007).

No que tange aos efeitos das relações sociais, as famílias Boliviana e Haitiana também destacaram aspectos de apoio emocional ou afetivo que estiveram presentes em grupos de amigos e instituições religiosas, conforme se apresentam os relatos:

Não conhecia ninguém quando vim. Mas, Deus sempre colocou pessoas em meu caminho para ajudarem, não deixou faltar nada! (...) A igreja, o pastor e os irmãos, foram nossos maiores apoio! Isso aqui em Balneário (...) Aqui recebemos apoio de oração, ajuda financeira e amizade das pessoas. (FH – Benôit/Pai)

(...) A gente conheceu um casal de amigos que tinha um grupo de amigos, a maioria argentinos, eles tinham um grupo de amigos espanhóis falantes, então eles que convidavam a gente, então foi vindo além dos argentinos, alguns mexicanos, espanhóis, chilenos, um grupo bem grande, mas no princípio só mulheres. Nos reuníamos pra tomar um chá e conversar e daí, fomos convidando os esposos também... (FB – Jade/Mãe)

O discurso da família Haitiana representado pelo pai apresenta características de apoio emocional por se tratar da qualidade e interação dos vínculos recebidos através da “*amizade das pessoas e apoio de oração*”. De modo semelhante, a família Boliviana apontou que o grupo de amigos favoreceu a interação positiva mediante atividades conjuntas de entretenimento. Presume-se que a partir da integração social compartilhada por meio das relações, o senso de pertença ou pertencimento atue enquanto um fator protetivo e facilitador no processo de adaptação cultural. Além disto, a família haitiana também mencionou o apoio financeiro recebido pelos membros da igreja.

O apoio instrumental esteve presente nos depoimentos das famílias Americana e Argentina, em que alguns membros familiares foram auxiliados na aprendizagem da língua portuguesa. O depoimento do filho mais novo da família Americana salientou a ajuda dos professores e colegas, enquanto que a mãe comentou sobre o auxílio na comunicação acerca de atividades cotidianas no país de acolhimento. Por sua vez, na família Argentina, o filho mais novo relatou sobre a importância de um colega de classe no processo de aquisição da língua:

O que me ajudou muito, isso na segunda escola, que quando eu falava coisas erradas, meus amigos davam risada, mas eles também me ajudavam a corrigir, os professores me ajudavam bastante, principalmente a professora de português, isto me ajudou muito com o idioma e por já ter amigos tive uma experiência melhor com as pessoas. (FAm – Benjamin, 11 anos)

Quando estou no mercado, as pessoas são muito legais comigo! Às vezes eu tinha a dificuldade de encontrar determinada coisa e teve um dia em que uma mulher me pegou pela mão e me levou até o lugar que procurava um alimento, eu não conseguia me comunicar, ela não falava o inglês, mas ela estava comprometida a me ajudar, eu amei isso, foram várias as vezes que este auxílio aconteceu. (FAM – Anne/Mãe)

Quando a gente veio morar no Brasil, eu tava na oitava série e eu tive um colega que gostava de falar espanhol que trabalhava com turismo aqui na nossa região, daí ele vinha na minha casa e me ensinava português; eu tava o dia inteiro com ele falando, então eu aprendi a falar mais rápido português que a minha irmã. (FAR – Alfredo, 25 anos)

Os relatos expressam diferentes situações de auxílio conferidas na aprendizagem de uma nova língua. Destaca-se que a percepção em relação ao outro de disponibilidade e comprometimento em ajudar, associa-se aos recursos que o migrante encontra para lidar com situações difíceis, contribuindo para a promoção da autoestima e autoeficácia.

Segundo Marandola e Dall Gallo (2010) o apoio social fornece aos migrantes um espaço de segurança, novas aprendizagens e uma estratégia para a adaptação e sustentabilidade em um novo contexto cultural. Deste modo, pode atuar no amortecimento ao impacto das mudanças territoriais por permitir o incremento da autoestima, senso de eficácia, autoconfiança e possibilitar o senso de pertença que se estabelece a partir da identificação e cooperação entre os integrantes da rede social (Léver & Martínez, 2007; Pasqua & Molin, 2009).

Estudos de Prado (2006) e Queiroz (2008) que investigaram as repercussões da migração no sistema familiar observaram que o apoio social constituiu-se um fator protetivo frente aos desafios decorrentes da mobilidade com vistas à inserção social de famílias migrantes.

Ainda no que se refere aos aspectos facilitadores no processo de adaptação ao país de acolhimento, as **iniciativas (1.4.5)** de trabalho, percepções positivas e estratégias para o ajuste relacional familiar, foram mencionadas por diferentes famílias imigrantes. Inicialmente são apresentados relatos da família Argentina cuja ênfase norteia as iniciativas ocupacionais vivenciadas:

Montamos algo muito pequeno, com 35 reais nós compramos silicone em Itajaí, uma sacola de gesso e eu

comecei a fazer fôrma de artigos de cerâmica, depois terminamos vendendo para todo o litoral do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Bom, com o dinheiro que nós lucramos do trabalho e também, meu marido pintava, Alfredo disse uma vez pra mim: “mãe, tem meu uniforme da escola? Corta as mangas de camisa porque eu consegui emprego”. Ele com 14 anos. Daí, eu falei “emprego de que?” Ele me disse “entregador de pizza, como se fosse um emprego de gerente da Toyota!”. Estava todo orgulhoso. Na época, a Julieta trabalhava em loja, então, nós quatro sempre trabalhamos (...) Se vieses trabalhar decentemente é um país que te abriga (...) Eu vim pra cá sem dinheiro, mas trabalhando eu consegui! (FAR – Stela/Mãe)

Qualquer um que vem com vontade de trabalhar, consegue! Aqui todos gringos que vieram, se sentiram bem, não tem problema econômico. Todos que vieram tem sua lojinha, seu restaurante... Tem que trabalhar! (FAR – Juan/Pai)

Enfatizam-se nos discursos citados, as **iniciativas (1.4.5)** de trabalho ao migrarem, enquanto um motivador para a ascensão profissional e planejamento de vida. Verifica-se que a disposição frente às situações novas e aos desafios decorrentes da migração, favoreceu resultados satisfatórios no âmbito laboral dessa família, tendo permitido maior engajamento familiar a partir de um objetivo comum, no caso, a mudança na própria condição laboral visando uma melhor qualidade de vida.

Walsh (2003) salienta que a imigração familiar constitui desafios de perda e adaptação através do entrelaçamento do velho com o novo em busca de continuidade e mudança; assim, reflete sobre a importância dos membros familiares buscarem novos modelos de interação humana baseadas em iniciativas e criatividade diante de situações, às vezes, inesperadas ou adversas.

Dentre as **iniciativas (1.4.5)** discutidas, as percepções positivas frente aos desafios e modos relacionais adotados, como a comunicação, constituíram-se aspectos facilitadores no processo adaptativo cultural. Logo, reconhecer a experiência subjetiva e relacional através das capacidades inerentes às emoções positivas, como a esperança, o otimismo e a espiritualidade permitem identificar os recursos individuais e familiares imbuídos no processo. Algumas narrativas ilustram a respeito:

Eu sempre fui otimista, sempre pensando que vai ser melhor e quando eu vejo que aqui é assim também, para mim é ótimo, pois se eu chego num lugar que eu gosto, é bom, e mesmo que as coisas não dão certo tu vais aprendendo. Se meus filhos falam que algo deu errado digo: “tu vais aprender, que mesmo do ruim podemos aprender uma coisa boa.”. (FP- Elisa/Mãe)

*Eu e Louise somos muitos diferentes comparados com outros adolescentes! **Falamos com nossos pais**, somos adolescentes, mas podemos ser adolescentes diferentes, mesmo quando morávamos lá, Deus nos ajudou. **Temos um modo de pensar diferente, o que tem nos ajudado a enfrentar as coisas!** (FAm – Helenne, 17)*

*Eu sempre enfatizei muito a comunicação, **determinamos que se algum de nós tivesse algum problema a gente falaria sobre isso**, eu sinto que isto ajudou! (FAm – David/Pai)*

Os discursos mencionados exibem aspectos da experiência subjetiva ao refletirem sobre formas de significar os acontecimentos da vida, com um olhar que enfatize novas aprendizagens frente aos desafios e estimule estratégias relacionais, como a comunicação, discorridas pelo discurso de David e Helenne na família Americana.

Conforme Sluzki (2003) a migração pode gerar conflitos e dissonâncias entre os membros familiares, de modo que a família deva desenvolver novas habilidades e percepções relacionais. Neste sentido, comunicar ao outro sobre seus sentimentos e dificuldades vivenciadas, pode constituir-se um meio protetivo para a relação, sendo capaz de atenuar a sobrecarga emocional, queixas e possíveis ressentimentos que algumas vezes, prevalecem no contexto familiar migratório.

Por fim, a subcategoria **1.5 – Avaliação da migração familiar** buscou refletir sobre as expectativas familiares e as percepções ante ao processo de migração realizado. Os elementos que sustentaram esta subcategoria estão apresentados no Quadro 8:

Quadro 8: Elementos de análise referentes à subcategoria 1.5 : A partir da avaliação da migração familiar vivenciada pelas famílias imigrantes no país de acolhimento.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
1. História da migração familiar	1.5 Avaliação da migração familiar	1.5.1 Antes da migração 1.5.2 Após a migração

Quatro famílias pesquisadas teceram reflexões a respeito do processo migratório e no que se refere às expectativas sustentadas **antes da migração (1.5.1)**, observa-se a possibilidade de adquirir valores materiais e modos de superação no aspecto ocupacional que desenvolviam, conforme se evidenciam os relatos da família Haitiana e Americana:

Queria trabalhar, juntar um dinheiro e comprar uma casa pra morar com minha esposa e meus filhos... (FH – Benôit/Pai)

(...) Aqui parecia o lugar onde nossa família iria se superar, ser bem sucedida naquilo que estaríamos fazendo! (FAM – Anne/Mãe)

A ênfase atribuída ao aspecto ocupacional e à busca por melhores condições materiais representaram as expectativas iniciais dessas famílias. Estes achados vão ao encontro dos resultados advindos de Coutinho e Ramos (2012), cuja amostra (n = 266) de imigrantes residentes na cidade de Genebra/Suíça, apresentaram os valores materiais e a possibilidade de aquisição como maiores motivadores para a imigração e expectativas.

Por sua vez, a família Boliviana apresentou expectativas **antes da migração (1.5.1)**, no que se refere ao tratamento médico do filho mais velho, como é ilustrado a seguir:

(...) Buscamos muitas soluções até encontrar o tratamento dele que acabamos encontrando por aqui... Sabia que não tinha uma cura, mas tratamento tem. (FB – Jade/Mãe)

Observa-se que as famílias Americana, Haitiana e Boliviana, apresentaram como maiores expectativas antes de chegarem ao Brasil, os mesmos fatores que as motivou no processo migratório, os quais

foram percorridos no elemento temático (1.1.1) e (1.1.2). Não obstante, outra expectativa depositada na migração, foi ilustrada pelo desejo do filho mais novo da família Americana, no planeamento de uma festa de despedida e a possibilidade de aprendizagem de uma nova língua:

Ele (filho mais novo) só queria saber se haveria uma festa de despedida com os amigos (...) uma das coisas que ele também falou foi: “Quer dizer que vou poder falar dois idiomas?” E eu falei que sim e ele disse que legal!!!” (FAM – Anne/Mãe)

Interessante observar no relato representado pela mãe, as expectativas sustentadas pelo filho face ao ritual de despedida e a motivação para a aprendizagem de um novo idioma como fatores atrativos no planeamento da imigração. Sobre isto, Koremblum (2003) argumenta que a reunião para despedir-se dos amigos e da família auxilia na finalização de uma etapa e estimula a continuidade de uma nova fase que se aproxima. Os rituais de despedida contribuem na elaboração familiar das relações sentidas, como perdas e distanciamentos; neste sentido, a função essencial desses ritos é garantir um suporte social e emocional que facilite o processo de mudança e transformação vivenciado pela família, assegurando o seu desenvolvimento (Prado, 2005).

Por outro lado, no que se remete às percepções **após a migração (1.5.2)**, com exceção da família Argentina que não esclareceu este aspecto, todas as demais salientaram no momento atual, maior estabilidade e adaptação ao país de acolhimento, a partir da superação das dificuldades iniciais e da retrospectiva da migração familiar. Alguns discursos representam a respeito:

Agora que já se passaram cinco anos, eu acho que a gente já se adaptou né? Não me desespero mais em pensar “o que vamos fazer amanhã? Estamos mais estabilizados (...) Acho que a gente não tem muito problema com as crianças na escola, agora a gente tem um outro tipo de trabalho também, estamos mais tranquilos... A gente tá fazendo consultoria aqui em casa, nós trabalhamos em casa, o Murilo também abriu uma empresa, então acho que estamos mais tranquilos... (FB – Jade/Mãe)

Eu sinto que agora estou começando a aprofundar minhas raízes, estou ficando mais relaxado, os primeiros seis meses eu estava muito estressado, tudo era difícil e tudo deu

errado. Eu sempre pensei que depois de uns seis meses eu poderia relaxar e aconteceu, agora eu não preciso gastar tanta energia para viver aqui, só pelo fato de ir ao mercado me tomava imensa energia, agora já estamos no ritmo onde podemos fazer essas coisas. (FAM – David/Pai)

Olha, é estranho, porque não é fácil você largar tudo, deixar teus pais e o lugar onde você viveu... E perceber que as coisas lá, ficaram difíceis, piores de se viver. Então, vir pra cá, foi uma mudança! Foi uma questão de circunstância também,... Ficar aqui no início, sem minha família foi o pior! Hoje estou feliz! Acho que valeu à pena! (FH – Benôit/Pai)

Eu acho que fomos bem sucedidos, nós tínhamos problemas, sempre pequenos, fáceis de resolver (...) Quem é estrangeiro sempre vai ser visto de forma diferente, e os problemas que me surgiram não foram graves, as soluções vieram com diálogos, foi um processo bem sucedido, mas nem tudo foi tão fácil. (FP – Miguel/Pai)

Nos relatos apresentados, observam-se percepções positivas no momento atual dessas famílias em relação ao processo migratório realizado. As famílias Boliviana e Peruana evidenciaram um melhor ajustamento ao contexto majoritário. Infere-se que o aspecto de tempo de imigração contribua para o processo adaptativo dessas famílias, uma vez que possuem cinco e dezessete anos respectivamente de imigração, diferente da família Americana e Haitiana, que possuem um ano de imigração no país de acolhimento.

No caso da família Haitiana, foi específica a questão da ausência dos membros da família nuclear num primeiro momento, tendo em vista que o pai imigrou previamente que a esposa e os filhos. Além disto, observou-se o predomínio de vulnerabilidade social no país de origem dessa família, fazendo-os imigrar por melhores condições de vida, o que parece estar sendo alcançado no momento atual.

De modo geral, os depoimentos representados pelos membros familiares, apontaram aspectos satisfatórios a partir da conquista de uma estabilidade material, ocupacional e afetiva após a migração. Todavia, não ocultaram dificuldades percebidas nos primeiros momentos em que chegaram ao país de acolhimento.

Segundo Marin e Pozobon (2010) no processo migratório há um período de idealização ao novo contexto cultural em que muitas vezes, os imigrantes frustram-se posteriormente, por nem sempre alcançarem

de imediato o que havia sido proposto. No entanto, com o passar do tempo e com a dedicação, os sonhos profissionais e aspirações em estudar, bem como dominar uma nova língua e auxiliar com remessas financeiras os familiares que ficaram, podem tornar-se possíveis, a partir dos recursos internos e externos encontrados.

Outro dado que emergiu **após a migração (1.5.2)**, contemplou a possibilidade de reflexão quanto às dimensões existenciais e relacionais mantidas anteriormente e as mudanças instauradas após a chegada ao país de acolhimento, conforme se observa a seguir:

*(...) Normalmente os adolescentes são orgulhosos demais, pensam apenas em si mesmos, **mas ao vir para cá me fez pensar, me fez ser mais humilde, o que me fez pensar como era a minha vida antes de vir, o modo como eu tratava e interagia com os meus amigos e pessoas** (FAM – Helenne, 17 anos)*

O depoimento de Helenne parece demonstrar que a migração propiciou novos significados às dimensões existenciais, especialmente na fase desenvolvimental em que se encontra. Entende-se que a adolescência desperta questionamentos, críticas e ambivalências, todavia, quando fatores não-esperados ocorrem, tais como a migração, a mudança de alguns padrões comportamentais puderam ser revisitados como *“ser mais humilde”* e refletir acerca dos vínculos criados.

Martins-Borges e Pocreau (2009) ao enfatizarem sobre a coerência e o sentido vivenciado pelo imigrante em sua elaboração psíquica, mencionam que a produção de sentido é essencialmente uma experiência de coerência que o migrante estabelece consigo mesmo e com o mundo externo. Implica, portanto, na criação de vínculos e nas relações estabelecidas entre as diversas dimensões do ser. Deste modo, pode-se pensar que o processo migratório oportunizou novas produções de sentido para Helenne, tendo despertado também, diferentes padrões relacionais com sua rede social.

Em síntese, a primeira categoria discutiu características que nortearam a história da migração familiar dos participantes, consoante à compreensão dos seguintes fenômenos: **(1.1)** Motivo da migração familiar, **(1.2)** Participação dos membros familiares no processo decisório, **(1.3)** Dificuldades no processo de adaptação, **(1.4)** Aspectos facilitadores no processo de adaptação e **(1.5)** Avaliação da migração familiar.

Em relação aos aspectos que motivaram a migração das famílias (1.1), o fator econômico prevaleceu em quatro famílias pesquisadas. Estes achados correspondem ao que foi encontrado na literatura nos estudos de Patarra & Fernandes (2011); Queiroz (2008); Prado (2006); Sarriera *et al* (2005) e Estrada (1982), enquanto que somente uma imigrou visando o tratamento de saúde.

No que se refere à participação dos membros familiares no processo decisório (1.2), observou-se que a figura paterna foi quem mais influenciou no ato de imigração e na escolha do país do destino; ao passo que as mães consentiram com a mudança, ocupando-se das atividades domésticas e do cuidado com os filhos. Estes, por sua vez, participaram de forma mais passiva no processo decisório, todavia alguns filhos manifestaram diferentes posicionamentos na escolha: Nas famílias imigrantes com filhos adolescentes emergiram questionamentos, conflitos e dúvidas; enquanto que para as famílias imigrantes com filhos pequenos, não foram evidenciadas contrariedades a respeito.

As dificuldades no processo de adaptação (1.3) contemplaram problemas com a documentação, tais como o visto e a moradia, observados em três famílias deste estudo. As limitações nas redes sociais, falta de ajuda e preconceitos foram algumas dificuldades encontradas pelas famílias nos relacionamentos interpessoais ao imigrarem. Além disso, a aquisição da língua e a adaptação escolar constituíram-se elementos que obstaculizaram o processo adaptativo dos participantes. Salienta-se que os dois elementos estavam intimamente relacionados, pois algumas dificuldades escolares relacionam-se ao domínio restrito do português. Outro elemento dificultoso para a adaptação familiar pautou-se nas questões de trabalho e de âmbito financeiro, sinalizado em três famílias pesquisadas.

Dentre os aspectos que facilitaram o processo adaptativo (1.4) no país de acolhimento, o apoio social constituiu-se como o recurso mais encontrado pelas famílias imigrantes, tanto na função emocional e afetiva, quanto na instrumentalização recebida, especialmente para a aprendizagem da língua brasileira. As práticas religiosas como a oração e a participação em cultos também foram elementos que auxiliaram no processo adaptativo e nas produções de sentido elaboradas na história da migração familiar. Ainda, as iniciativas pessoais como o otimismo e modos relacionais adotados no sistema familiar, como a comunicação; constituíram-se aspectos facilitadores no processo adaptativo cultural.

Por fim, a avaliação da migração familiar (1.5) apresentou que as expectativas antes da migração destacaram a possibilidade de adquirir

valores materiais e melhores oportunidades ocupacionais. Em seguida, as percepções que emergiram após a migração contemplaram aspectos satisfatórios a partir da conquista de uma estabilidade material, ocupacional e afetiva, aludindo-se a uma melhor adaptação ao país de acolhimento. Salienta-se que o processo migratório continua sendo discutido nos capítulos que se seguem.

CATEGORIA 2: MUDANÇAS NA DINÂMICA FAMILIAR

*“Que a família comece e termine sabendo onde vai...
E que o homem carregue nos ombros a graça de um pai,
Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor...
E que os filhos conheçam a força que brota do amor!”*

(Oração pela família – Pe. Zezinho)

Esta categoria apresenta as principais mudanças ocorridas na dinâmica familiar dos participantes após a migração: Inicialmente apontam-se as transições no ciclo vital, a partir da organização familiar ao chegarem no país de acolhimento; em seguida, discute-se a respeito da ausência dos membros que não imigraram. Por fim, identifica-se o fortalecimento dos vínculos entre os subsistemas e reflete-se acerca da redução de atividades sociais da família.

Na primeira subcategoria **2.1 – Transições no ciclo vital** foram discorridas as mudanças sucedidas quanto à entrada e saída de membros familiares, a partir da fase do ciclo vital em que se encontraram as famílias no momento que imigraram para o Brasil. Além disso, refletiu-se sobre o impacto para os participantes perante a ausência dos membros familiares que não imigraram, conforme se visualiza no Quadro 9:

Quadro 9: Elementos de análise referentes à subcategoria 2.1 : A partir das transições no ciclo vital vivenciadas pelas famílias imigrantes no país de acolhimento.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
2. Mudanças na dinâmica familiar	2.1 Transições no ciclo vital	2.1.1 Entrada e saída de membros familiares 2.1.2 Ausência dos membros familiares

Em relação às transições no ciclo vital a partir da **entrada e saída de membros familiares (2.1.1)**, três famílias – Boliviana, Haitiana e Peruana, imigraram com filhos pequenos, terminologia

adotada segundo a caracterização de Carter e McGoldrick (1995). Destas, somente uma teve o nascimento de mais um filho nascido no país de acolhimento, conforme se observa o relato:

Eu me casei velha já, namoramos dez anos, dois anos de noivado, então devíamos ter dois anos e meio de casados quando viemos para o Brasil, só que meu filho mais velho é que nasceu no Peru e veio pra cá com um ano e meio (...) eu lembro porque ele usava fraldas (...) Logo depois que chegamos ao Brasil teve o nascimento do segundo filho (FP – Elisa/Mãe)

Ao chegarem ao Brasil ocorreu o nascimento do segundo filho da família Peruana, modificando o sistema familiar a partir de novas funções desempenhadas pelos membros. Além disso, oportuniza-se considerar a fase do ciclo vital que a família encontrava-se anteriormente, no momento da emigração. Compreende-se que o nascimento do primeiro filho ocorreu no país de origem, de modo que a família Peruana estivesse na fase com filhos pequenos quando migrou.

Prado (2006) também aponta que na maioria das vezes, as crianças pequenas têm mais facilidade para as mudanças, uma vez que as dimensões simbólicas e de afeto relacionam-se principalmente aos cuidadores diretos ou à família nuclear. Assim, quando estes migram, a criança leva com ela o que considera de mais significativo sentindo-se segura.

Ainda no que se refere à **entrada e saída de membros familiares (2.1.1)** as famílias Americana e Argentina encontravam-se na fase de famílias com filhos adolescentes ao imigrarem, cujos relatos exemplificam:

Já faz algum tempo que estamos aqui, mas quando a gente chegou, a Paloma tinha 14 pra 15 anos e o Alfredo tinha 12 para 13. Hoje a Paloma tem 27 e o Alfredo, 25. Já se foram 13 anos! (FP – Stela/Mãe)

Quando viemos, a Helenne tinha 16, a Louise, 13 e o Benjamin tinha 10. (FAm – Anne/Mãe)

Observa-se que os filhos mais velhos encontravam-se na adolescência quando a família migrou. Desta forma, pode-se refletir que é comum nas famílias migrantes com filhos adolescentes, a ocorrência de conflitos e dificuldades, haja vista que estes já possuem atividades e rede social própria no país de origem, como os amigos e namorados (as)

(Quin, 2008; Soto, 2012, Prado, 2006). Tais ocorrências são possíveis de observar no elemento **3.3.1** – sobre as **perdas** vivenciadas pelos adolescentes no país de acolhimento na página 113.

Alguns autores sinalizam que a migração com filhos adolescentes parece constituir-se como a fase mais dificultosa no ciclo vital familiar, pois seus membros têm que lidar com múltiplas transições e conflitos simultaneamente (Aksel *et al*, 2007; Vargas, 2009; Prado, 2006). Como exemplos citam-se a própria adolescência dos filhos – estressor horizontal desenvolvimental e as repercussões decorridas do ato migratório – estressor horizontal imprevisível.

Além das transições no ciclo vital familiar, observaram-se ainda algumas mudanças na **entrada e saída de membros familiares (2.1.1)** no que tange ao falecimento de membros que imigraram junto com a família nuclear e a saída da filha mais velha de casa, conforme segue o depoimento:

Pra cá, além de meus pais, veio também a irmã da mãe do meu marido que o criou e que para mim, eu considero minha sogra e o esposo dessa tia, que é como meu sogro. Todos faleceram aqui. Ficou o primo-irmão do Juan com a mulher (...) Depois que já estávamos no Brasil, também teve a saída de casa da Paloma com 20 anos. (FAR – Stela/Mãe)

As mudanças ocorridas no sistema da Família Argentina representada pela mãe, compreende o falecimento de membros familiares, os quais em outro momento, além da dimensão afetiva auxiliaram no âmbito financeiro, como expõe Stela: *Eles venderam tudo na Argentina e investiram aqui. Por isso, nós temos uma residência em Itapema.* Não obstante, a saída da filha mais velha de casa prenuncia um novo estágio no ciclo vital da família - **Lançando os filhos** (ver Figura 1 – pg. 39), que por sua vez, implica numa reorganização familiar alterando a estrutura e a dinâmica do sistema.

É importante situar os eventos desenvolvimentais, bem como os imprevisíveis na dinâmica familiar, uma vez que o ajuste às novas situações afetam os membros da família de modo diferente a partir do estágio do ciclo vital em que se encontram. Conforme Bagno (2007) as mudanças que ocorrem em famílias imigrantes podem ser potencializadas justamente pelo reajustamento a uma nova cultura, tendo em vista o caráter vulnerável em que se encontram alguns membros. Assim é oportuno observar a fase do ciclo de vida no momento da imigração e o desencadeamento das mudanças no sistema após a mobilidade.

Outro dado que emergiu dentre as transições no ciclo vital refere-se à **ausência dos membros familiares (2.1.2)** para algumas famílias imigrantes. Observam-se alterações no funcionamento familiar em decorrência da falta dos membros da família ampliada, como se pode verificar o relato a seguir:

É se bem que mudou a rotina, sim, porque é uma coisa bem diferente, não ter a família perto, isso é uma coisa muito estranha, a gente sente muitas saudades. Lá era diferente, por exemplo, uma vez por semana a gente almoçava com meus pais, outro dia da semana a gente almoçava com meus sogros, então a gente sempre tinha esse contato, as crianças tinham esse contato com os avós, então pra nós enquanto família, nós quatro, tudo bem, somos bem unidos, mas essa falta assim de não ter ninguém perto, nem primos, nem amigos, pais, avós, os priminhos deles é bem complicado, porque qualquer coisa “ah, estou precisando de alguma coisa” ou “ah, vou deixar eles com os avós”, então, ter a família por perto ajuda muito. (FB – Jade/Mãe)

A ausência de membros familiares, tais como os avós, sogros e primos parece constituir-se como pontos de flutuação no sistema familiar. Na perspectiva sistêmica, as flutuações aludem às perturbações/criises no sistema que desencadeiam um processo de auto-organização buscando encontrar outras formas de funcionamento a partir de soluções possíveis. Ou seja, entende-se que a falta desses membros constitua-se como eventos perturbadores ou estressores na dinâmica familiar, de modo que após a imigração, a família deverá encontrar novas formas de funcionar para garantir a auto-organização do sistema.

Pode-se pensar ainda, que além das dimensões afetivas provocadas pela ausência dos membros que não imigraram, a falta de apoio em “*não ter ninguém por perto*” possa representar um entrave no processo de adaptação familiar no país de acolhimento. Neste sentido, Ramos (2009) compreende que a migração origina diversas rupturas no processo de partilha e de construção de sentido, dentre os quais, a falta de suporte familiar daqueles que não migraram pode contribuir para a disfuncionalidade da família migrante entre múltiplos aspectos. Isto, porque a separação da vida comunitária e familiar do país de origem reduz seus membros a uma família nuclear, a qual deverá assegurar sozinha as responsabilidades partilhadas até anteriormente pela família extensa e pela comunidade. Logo, a ausência dos laços familiares pode significar a perda da proteção física, psicológica e da tradição.

McGoldrick (2003) também sinaliza que a ausência da família estendida diminui a riqueza das relações familiares com os membros que migraram, tendo em vista que algumas experiências importantes no ciclo vital podem não ser compartilhadas. Não obstante, a possibilidade de encontrar figuras de identificação que atuem enquanto modelo de crescimento pessoal e como rede de ajuda seja reduzida.

Verificou-se também, que a ausência entre os próprios membros da família nuclear Haitiana no primeiro ano de imigração do pai ao país de acolhimento até a chegada dos filhos e da esposa, constituiu-se como um evento estressor na dinâmica familiar entre seus membros:

O problema foi ter que ficar longe um ano deles. Era como se eu vivesse um ano sem ter minha esposa, foi difícil! Eu via tanta mulher por aí e a minha estava longe (...) Hoje eu sou muito feliz com eles aqui! (FH – Benôit/Pai)

Esta família em específico passou por um processo migratório que diferiu das demais, haja vista que Benôit imigrou antes da esposa e dos filhos para o Brasil até se estabelecer economicamente para a chegada destes. Todavia, a ausência da família nuclear repercutiu dificuldades na dimensão afetiva no subsistema conjugal e parental; além da falta de apoio marital no cuidado com os filhos.

Na revisão de literatura de Becker e Martins-Borges (2014) que compreendeu as dimensões psicossociais da migração no ciclo de vida da família, verificaram-se alguns estudos que analisaram o impacto da migração para a família nuclear quando alguns membros não imigram, o que refletiu no sentimento de sofrimento, abandono e falta de suporte emocional, observados nas pesquisas de Mercer (2012), Soto (2012), Waters (2002) e Ximena (2005).

Na dimensão simbólica das famílias imigrantes, tendo em vista o afastamento de seus membros seja no próprio sistema nuclear ou extenso, podem repercutir sentimentos de luto ou perda no processo relacional da família. Desta forma, os membros familiares terão que encontrar novos padrões de funcionamento para garantir a auto-organização familiar. Tais padrões de funcionamento podem ser compreendidos como mudanças ocorridas no estabelecimento dos vínculos familiares, cuja subcategoria 2.2 demonstra a seguir.

A subcategoria **2.2 – Vínculos**, apresenta as principais mudanças vivenciadas na dinâmica familiar dos participantes a partir da imigração, conforme se observa no Quadro 10 os elementos de análise proeminentes:

Quadro 10: Elementos de análise referentes à subcategoria 2.2: A partir dos vínculos estabelecidos pelas famílias imigrantes no país de acolhimento.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
2. Mudanças na dinâmica familiar	2.2 Vínculos	2.2.1 Fortalecimento dos vínculos familiares 2.2.2 Redução de atividades sociais

Todas as famílias pesquisadas apontaram que a imigração favoreceu o **fortalecimento dos vínculos familiares (2.2.1)** entre seus membros. Alguns relatos expressam que pelo fato da rede social ter diminuído nos primeiros momentos de chegada ao país de acolhimento, a família tornou-se mais próxima e coesa compartilhando atividades em comum:

Eu ainda não tenho nenhum amigo, mas eu não fico deprimida por causa disto, desde que chegamos aqui nossa família está mais próxima. Antes, nos EUA, eu nunca ficava em casa, não porque eu não gostava da companhia da família, mas é que eu tinha amigos. Aqui eu não tive escolha (risos), mas hoje eu realmente gosto de ficar com minha família... (FAm – Helenne, 17 anos)

(...) não que nossa família seja perfeita, mas o que eu sinto é que nossa família está mais forte como nunca esteve, tem sido uma experiência de conexão (FAm – David/Pai)

Na Argentina meu marido saía 04 da manhã, 04.30h para trabalhar e não víamos ele, só chegava à noite. Quando chegamos aqui não tínhamos dinheiro, mas estávamos juntos. Porque, nós tomamos café da manhã todos juntos, na hora do almoço... Então, começamos a ficar mais juntos, mais unidos. Se nós temos que fazer algo, consultamos sempre os quatro. (FAR – Stela/Mãe)

Chama a atenção o processo de causalidade recursiva vivenciado pelos membros das famílias citados, cujas decorrências da migração desencadearam mudanças na rede social de Helenne, que por sua vez, repercutiram alterações na relação estabelecida com sua família nuclear Americana. Além disso, o pai salienta que mudar-se de país possibilitou maior fortalecimento dos vínculos familiares, sugerindo maior proximidade entre pais e filhos. Para a família Argentina,

observa-se que as mudanças ocupacionais, especialmente da figura masculina, oportunizou maior envolvimento com os demais membros, de modo que as atividades rotineiras, tais como os períodos de refeição, fossem compartilhados com a presença de todos.

Em face disto, é comum a tendência das famílias fecharem-se sobre si mesmas nos primeiros momentos após a imigração (Prado, 2006; McGoldrick, 2003). Tal comportamento pode responder às novas exigências encontradas, aumentando o nível de ansiedade entre os membros familiares de modo que estando juntos, seja uma alternativa para garantir a proteção, coesão e o apoio frente aos desafios encontrados em um novo contexto cultural. Uma das alternativas encontradas pela família Americana pautou-se no auxílio mútuo entre seus membros, uma vez que a vulnerabilidade e estresse familiar estiveram presentes no processo adaptativo. Neste sentido, o apoio e a união, constituíram-se aspectos facilitadores de enfrentamento. O relato de Louise representa esta análise:

Quando viemos para o Brasil não tínhamos com quem conversar, então tínhamos que ser educados com os nossos pais, principalmente porque nos tornamos vulneráveis, assim não podíamos ser grossos uns com os outros, seria muito malvado isso! A gente precisou se ajudar! Nos unimos mais... (FAM – Louise, 14 anos)

A percepção da adolescente indica que o sentimento de vulnerabilidade compartilhado pela família caracteriza um evento estressor na dinâmica entre seus membros, de forma que as estratégias relacionais como “*ser educado*” e “*não ser grosso uns com os outros*”, poderiam contribuir para a funcionalidade familiar. Pode-se refletir que a compreensão mútua, a flexibilidade e a empatia sejam modelos de interação adequados em períodos de crise e ansiedade vivenciados pelos integrantes da família.

Ao discutir sobre os impactos da migração na dinâmica familiar, Sluzki (1997) analisa que durante o período adaptativo no país de acolhimento, a família pode encontrar-se num estado crítico de vulnerabilidade, cujos subsistemas estejam sobrecarregados, tendo em vista os processos de luto, perdas, restrições na rede social e novas exigências implicadas no reajustamento cultural. Por conseguinte, é importante que o sistema familiar compartilhe as dificuldades encontradas, mantendo uma postura empática e legitimadora das experiências de dissonância vivenciadas pelos seus membros.

Se por um lado a migração propiciou o fortalecimento dos vínculos familiares, por outro, desencadeou a **redução das atividades sociais (2.2.2)** dos vínculos estabelecidos. Três famílias – Americana, Boliviana e Haitiana –, mencionaram a respeito das mudanças ocorridas após a chegada ao Brasil quanto às atividades de lazer e envolvimento comunitário, conforme se observam os relatos:

Acontece que lá passeávamos aos finais de semana e nós tínhamos uma casa de campo muito grande com piscina e íamos muito para lá e aqui por mais que trabalhemos muito, não passeamos mais. Ficamos na loja, tem as coisas da Pousada e não saímos (FAr – Stela/Mãe)

A gente tinha uma vida mais social, agora, pouco né? (FB – Murilo/Pai)

(...) Só que não temos muito tempo para o lazer... Só trabalho! Culto só aos domingos! Mas, claro, encontramos os amigos finais de semana, às vezes, em almoços, coisas assim (FH – Benôit/Pai)

Sugere-se que, nas famílias Argentina e Haitiana, um dado importante que parece explicar a redução das atividades sociais familiares refere-se às atividades laborais; tendo em vista, que as ocupações com a “Pousada” e o “trabalho” aparecem como variáveis significativas no processo. Observa-se que as mudanças no cotidiano desses participantes podem interferir na dinâmica relacional familiar após a imigração.

Marandola e Gallo (2010) salientam que pela necessidade laboral dos migrantes em garantir as necessidades básicas de provisão e estabilidade econômica, estes raramente despendem seus dias ou horas de folga em atividades de lazer e convívio social. Muitos se concentram no trabalho, em geral com longas jornadas, e nas remessas financeiras destinadas aos familiares do país de origem. Neste estudo, somente a família Haitiana mencionou enviar remessas para seus familiares que não imigraram.

Pode-se pensar também, que a redução das atividades sociais, especialmente àquelas direcionadas ao lazer e ao envolvimento comunitário, possa repercutir posteriormente no desgaste emocional e na ocorrência de conflitos entre os membros familiares, como bem pontuou Sluzki (1997) quanto às sobrecargas afetivas que são potencializadas no

processo de adaptação cultural. Todavia, tais impasses não foram observados nos relatos das famílias pesquisadas.

De modo geral, a segunda categoria se propôs a explicar as mudanças na dinâmica familiar consoante às **transições no ciclo vital (2.1)** e a dimensão dos **vínculos (2.2)** estabelecidos pelas famílias ao imigrarem. Em relação à subcategoria **(2.1)**, verificou-se que a entrada e saída de membros familiares no que se refere à fase do ciclo vital compreenderam especificidades entre as três famílias que migraram com filhos pequenos e as duas famílias que migraram com filhos adolescentes. Além disto, o falecimento de alguns membros e a saída de casa da primeira filha na família Argentina, constituíram-se mudanças na organização e no funcionamento desse sistema.

Ainda na subcategoria **(2.1)** contemplaram-se os impactos advindos da ausência de membros familiares que não imigraram. Assim, a família Boliviana apontou a falta de apoio da família extensa no cuidado com os filhos e que a ausência do contato com os pais, avós e primos limitou o compartilhar de algumas experiências cotidianas e afetivas no ciclo vital familiar. Enquanto que para a família Haitiana, a ausência dos filhos e da esposa que não imigraram no primeiro ano que Benôit chegou ao Brasil, constitui-se como os maiores entraves na dimensão afetiva no subsistema conjugal e parental; além da falta de apoio marital no cuidado com Isabelle e Louis, que foi mencionado pela mãe.

Além de tais aspectos, a subcategoria **(2.2)** discutiu que o fortalecimento dos vínculos familiares esteve presente em todas as famílias pesquisadas, tornando o sistema familiar mais coeso no compartilhar de atividades em comum, tais como as refeições e momentos juntos, como também, no auxílio mútuo frente às dificuldades encontradas em um novo contexto cultural. Compreende-se que esta seja uma alternativa encontrada para garantir a proteção e o apoio emocional, reforçando o senso de pertencimento entre as famílias participantes. Não obstante, verificou-se a redução das atividades sociais vivenciadas pelos integrantes familiares; especialmente no que tange ao lazer e o envolvimento comunitário. Um aspecto que parece explicar tais situações reporta-se à dedicação para as atividades laborais, haja vista que as ocupações com o trabalho apareceu como indicativos importantes no processo de três famílias pesquisadas.

Deste modo, dando seguimento à discussão dos dados, será apresentada a terceira Categoria – *Significados atribuídos ao processo de imigração familiar*, que abordará as diferenças culturais entre o país de origem das famílias e o país de acolhimento; assim como os

significados atribuídos ao país receptor e os sentimentos vivenciados na imigração pelos participantes.

CATEGORIA 3: SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À IMIGRAÇÃO FAMILIAR

*“Amigos eu ganhei, saudades eu senti partindo...
E às vezes eu deixei você me ver chorar, sorrindo!
(...) Em paz com a vida, e o que ela me traz,
Na fé que me faz, otimista demais,
Se chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi!”*

(Emoções – Roberto Carlos)

A terceira Categoria discorre sobre os significados atribuídos ao processo de imigração familiar, consoante ao entendimento das diferenças culturais, as quais se referiram à identidade cultural e social das famílias imigrantes. Posteriormente, analisaram-se os significados atribuídos ao país de acolhimento, cujas temáticas nortearam aspectos de receptividade, qualidade de vida, crescimento profissional/financeiro, falta de comprometimento das pessoas e desigualdades sociais. Por fim, identificaram-se os sentimentos vivenciados pelos membros familiares, dos quais se salientaram as perdas, o estresse e o bem-estar no processo migratório realizado.

A primeira subcategoria **3.1 – Diferenças culturais** apresentou as comparações entre as características do país de origem e do país de acolhimento. Assim, verificaram-se aspectos que nortearam a construção da identidade cultural e social das famílias pesquisadas, conforme pode ser visualizado no Quadro 11:

Quadro 11: Elementos de análise referentes à subcategoria 3.1 : A partir das diferenças culturais vivenciadas pelas famílias imigrantes no país de acolhimento.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
3. Significados atribuídos à imigração familiar	3.1 Diferenças culturais	3.1.1 Identidade cultural 3.1.2 Identidade social

As famílias Americana, Argentina e Peruana mencionaram atributos diversos em relação à **identidade cultural (3.1.1)** no que concernem às diferenças de valores, normas e comportamentos sociais, especificidades atribuídas ao ensino e ao trabalho entre o país de origem e o país de acolhimento. Inicialmente, a família Peruana pontuou sobre as diferenças entre os comportamentos sociais, denominando como “choque cultural” a experiência vivenciada após a chegada ao Brasil:

Temos a visão que no Brasil tudo é mais liberal, eu por ser mais conservadora, sofri um choque, um choque cultural! (...) Pois as coisas não eram como os nossos costumes que são mais reservados (...) No Peru as pessoas são mais conservadoras, mais fechadas. Mas, também, educadas (...) o povo do Peru é muito amável, mas talvez mais sério. (FP – Elisa/Mãe)

Observa-se a ênfase conferida ao estranhamento inicial relatado por Elisa ao chegar no país de acolhimento, uma vez que os costumes relacionais entre as culturas parecem divergir entre os padrões conservadores experienciados no país de origem em contraste com os padrões “liberais” da cultura majoritária.

Conforme Berry (2004) a identidade cultural faz menção ao conjunto complexo de crenças e atitudes que as pessoas têm sobre si mesmas em relação ao pertencimento de seu grupo cultural; geralmente essas questões vêm à tona quando os migrantes entram em contato com outra cultura. Desta forma, os desafios imputados no processo migratório residem na negociação entre os próprios valores, crenças, estilo de vida, e demais questões identitárias quando confrontadas com outras referências culturais. Por conseguinte, os indivíduos e famílias migrantes têm que lidar com um duplo quadro de referência, sentido e pertencimento de modo contínuo em seu cotidiano (Phinney, 2004; Dantas *et al*, 2010).

Verificou-se que as famílias pesquisadas vivenciaram momentos de crise ao terem sua **identidade cultural (3.1.1)**, por vezes, confrontada na sociedade vigente. As narrativas a seguir demonstram características divergentes entre o país de origem e o país receptor, especialmente no que se refere aos padrões comportamentais, escolares e de trabalho:

De onde eu venho eu diria: “Me desculpe, mas eu não vou ter como te ajudar”, e a gente compreende, não ficamos bravos, não machuca ninguém! Então tem coisas culturais

que são diferentes e essas diferenças são mais difíceis pra mim do que aprender as coisas práticas da vida. (FAM – David/Pai)

Lá nos EUA as pessoas são mais organizadas com os horários e encontros, eu prefiro assim, eu gosto de fazer as coisas nos horários combinado, e isto não acontece por aqui, isto me perturba (FAM - Helenne, 17 anos)

Lá (Argentina) você põe um artigo no jornal e aparecem 20 camareiras, você faz uma entrevista e depois você escolhe. Aqui você bota um artigo no jornal e fica rezando todo dia para que apareça uma. E quando aparece dizendo que vai vir, no outro dia você espera que chegue, mas não chega. Então é muito diferente... (FAR – Stela/Mãe)

(...) A exigência escolar na Argentina é mil vezes maior que aqui (...) O ensino de lá é mais forte também. Eu, aqui no primeiro ano, tava vendo coisa que lá eu vi na sétima série. (FAR – Alfredo, 25 anos)

Observa-se que os hábitos culturais quanto aos relacionamentos são contrastivos entre o país de origem das famílias e os padrões estabelecidos no país de acolhimento. Interessante refletir que a pontualidade e o modo de transmitir as informações de forma direta no país de origem, como apontam Helenne e David, parecem não corresponder a forma de agir das pessoas no contexto majoritário. Assim, pode-se atentar aos sentimentos de incerteza e irritação, evidenciados pelos participantes no momento de crise/choque cultural apresentados.

De modo semelhante, a família Argentina representada por Stela, expõe sobre as diferenças de mão de obra no âmbito de trabalho, o que parece descontentá-la ao defrontar-se com a realidade pós-migração. Além das diferenças laborais, Alfredo aponta que as exigências curriculares na escola eram divergentes, sendo percebidas como mais “forte” no país de origem, ao passo que já nutria conhecimentos prévios de conteúdos escolares quando abordados no país majoritário.

Phinney (2004) explica que a migração resulta na exposição e confronto a diversos aspectos culturais entre valores, estilo de vida e credos religiosos das famílias e sujeitos migrantes, o que implica no questionamento das normas e valores aprendidos anteriormente. Sendo

assim, o processo migratório pode desencadear mudanças na identidade individual, cultural e étnica dos migrantes.

Destaca-se que os atributos da **identidade cultural (3.1.1)** vivenciados pelas famílias imigrantes, entendem-se a partir do sentimento de pertença de um sujeito a um país ou ao estado soberano (Phinney, 2004). Geralmente, a adoção de costumes e da língua são fatores constitutivos deste processo identitário; de modo que a identidade cultural esteja intimamente relacionada ao processo migratório, tendo em vista que a mudança para outra sociedade e cultura coloca à prova o modo de ser, de ver o mundo, de se perceber e de se relacionar, vindo à tona, a questão de quem se é (Dantas, 2012). Observa-se que alguns exemplos como “*Lá nos EUA as pessoas são mais organizadas com os horários e encontros*” e “*A exigência escolar na Argentina é mil vezes maior que aqui*”, foram compreendidos como aspectos norteadores da identidade cultural dessas famílias.

Verificaram-se ainda, outras diferenças culturais entre o país de origem das famílias e o país de acolhimento. Os relatos a seguir demonstraram contradições entre os relacionamentos interpessoais vivenciados:

Nos EUA, os objetivos, a tarefa, é mais importante do que o relacionamento, aqui no Brasil as pessoas são mais importantes do que as tarefas (FAM – David/Pai)

(...) Lá é assim, se o pai tá em casa, tu liga se pode ir... É diferente. Lá tem formalidades. Aqui não (FAR - Alfredo, 25 anos).

As famílias Americana e Argentina mencionam que os padrões de relações sociais são diferentes entre os países. A ênfase quanto às formalidades e às tarefas são creditadas ao país de origem, enquanto que no país de acolhimento, as relações sociais parecem ser privilegiadas e informais.

Por fim, evidenciou-se também que a identidade cultural da família Americana foi confrontada pelas atividades rotineiras no país receptor, conforme se observa o discurso a seguir:

O mercado imobiliário, que é muito diferente dos EUA. Lá você olha o jornal e aluga uma casa, aqui você tem que ir de companhia pra companhia, de imobiliária pra imobiliária... O processo é diferente! (...) Em cada país as coisas acontecem de forma bem diferente, o pagamento das despesas (...) Eu quase me matei tentando abrir uma conta

bancária (risos), pois aqui você tem seis números como senha, no Banco Itaú, mas se eu for na loja, no mercadinho, eu uso apenas quatro dos números da senha no cartão de crédito, mas ninguém nunca me disse... Então a primeira vez que fui ao mercado meu cartão bloqueou, eu insisti que aquele era o código, mas não resolveu, então eu tive que voltar para o banco e aprender aquele processo... Aprender essas coisinhas é complicado, tudo é diferente, você não sabe falar com a pessoa do caixa que te atende por causa do idioma e o seu cartão bloqueia, isso se torna vergonhoso... Parece que você não tem dinheiro! (FAM – David/Pai)

Verifica-se que além das questões burocráticas inerentes à migração, os detalhes da rotina são alterados e postos em xeque. Esta discussão coaduna-se ao que Dantas (2012) menciona que mudar-se de país impõe ao migrante múltiplas perdas, que além das familiares e das amizades, as normas sociais, o trabalho, o ambiente físico e a memória social são rupturas expressivas para os sujeitos. É necessário, portanto, ajustar-se a um novo local e aprender novos códigos sociais, uma vez que a forma de agir pode não se tornar adequada ao contexto majoritário. O que antes era parte da rotina, agora se torna um desafio diário.

Do mesmo modo que a identidade cultural das famílias imigrantes foi confrontada com os impactos decorrentes do contato com o país receptor, a **identidade social (3.1.2)** dos participantes tornou-se motivo de questionamentos, incertezas e conflitos. A narrativa da família Boliviana representada pelo pai sustenta a ambivalência identitária vivenciada num círculo de amigos brasileiros:

O mais engraçado é que quando a gente fazia um churrasco junto no grupo de amigos que fizemos, aí tu chegava e falava: “Eu sou esposo da Jade” e tu não eras ninguém lá, tu eras o “esposo da Jade” (risos) (FB – Murilo/Pai)

Chama a atenção a fala de Murilo ao salientar que no grupo de amigos, a percepção destes para consigo era de alguém que não significava outra coisa, senão ser esposo “da Jade”. Observa-se uma incongruência entre a autoimagem e os aspectos identitários que lhe foram constitutivos, que num segundo momento, parecem não corresponder ou ser reconhecido pelo novo grupo social. Segundo Tajfel (1983) compreende-se a identidade social enquanto o autoconceito que um sujeito tem a partir de como significa seu pertencimento num grupo,

conjuntamente ao reconhecimento emocional e de valor associado àquela pertença.

Se por um lado, o aspecto contrastivo entre grupos heterogêneos favorecem questionamentos para a definição de si mesmo, por outro, pode desencadear uma autoimagem negativa para o imigrante se o grupo receptor agir de modo preconceituoso ou com rejeição; comportamentos tais, concebidos como uma defesa contra aqueles que se apresentam de forma ameaçadora à posição social e à identidade grupal (Suda & Souza, 2006; Tajfel, 1983). Esta reflexão pode ser ilustrada a seguir pelo depoimento da família Peruana:

Quem é estrangeiro sempre vai ser visto de forma diferente (...) Sendo médico na comunidade você já tem o respeito, mas na sociedade médica a coisa é diferente, **eles não sabem se tu és um bom médico**, e tudo isto interfere com certeza. **Eu tive inclusive problemas com outros médicos pediatras que tinham preconceito com quem vinha de fora (...)** (FP – Miguel/Pai)

As implicações apontadas por Miguel em decorrência da imigração apresentaram dificuldades vivenciadas na área profissional ao sentir preconceito de outros colegas médicos, justamente por estes desconhecem a competência técnica “*com quem vinha de fora*”. Percebe-se que a **identidade social (3.1.2)** do participante encontrou-se por ora, questionada e conflitiva no entorno laboral.

Pussetti (2010) argumenta que a experiência migratória propicia o questionamento da construção identitária em nível social, haja vista que nem sempre se considera o imigrante como alguém que também é um emigrante, ou seja, alguém proveniente de um contexto que possuía ligações, afetos, uma posição social específica, dotado de um contexto histórico e social significativos.

Com efeito, estar entre dois universos culturais significa travar diferentes jogos de espelho realizados pelo olhar do outro. Tais reflexos podem afetar de forma positiva ou negativamente o sentimento de competência e valorização do *self*, que perpassando a dimensão do autoconceito, constituem a base da formação identitária do migrante (Dantas, 2012) e, neste caso, de sua identidade social.

A subcategoria **3.2 – Significados atribuídos ao país de acolhimento** abordou concepções sobre o país receptor desde os aspectos positivos quanto àqueles tidos como insatisfatórios, os quais podem ser conferidos no quadro 12:

Quadro 12: Elementos de análise referentes à subcategoria 3.2: A partir dos significados atribuídos ao país de acolhimento pelas famílias imigrantes.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
3. Significados atribuídos à imigração familiar	3.2 Significados atribuídos ao país de acolhimento	3.2.1 Receptividade 3.2.2 Qualidade de vida 3.2.3 Falta de comprometimento das pessoas 3.2.4 Desigualdades sociais

Verificou-se que quatro famílias pesquisadas apontaram a **receptividade (3.2.1)** como um significado importante no país de acolhimento. O destaque conferido à hospitalidade dos brasileiros em receberem as famílias imigrantes em seus lares emergiu em alguns relatos:

Aqui o primeiro lugar que você vai é a casa das pessoas, e isto é belo, essa coisa da hospitalidade brasileira! São tão hospitaleiros e receptivos que você se sente muito importante! (FAm – David/Pai)

Eu gosto da cultura daqui, das pessoas, me adaptei muito rápido... E também, falando nos relacionamentos, uma coisa boa é que aqui é assim... “vamo na casa de fulano, tu aparece lá, bate palma e é nós” (FAr – Alfredo, 25 anos)

O bom é que as pessoas aqui são muito amáveis (...) Elas são muito humanas, mas por não conhecer aquele jeito delas tu estranha. Porém, quando elas te convidam para um café na casa delas, elas falam sério mesmo, elas realmente estão te convidando para tomar um café, não é da boca para fora, elas são muito amáveis e tu te sentes bem, apesar de tu ser estrangeiro (FP – Elisa/Mãe)

A receptividade concebida pelas famílias Americana, Argentina e Peruana foram exemplificadas pelo aspecto da hospitalidade dos brasileiros. Tal comportamento, embora suscite um estranhamento inicial como mencionou a família Peruana: “por não conhecer aquele jeito delas tu estranha”, parece ser compreendido como um aspecto positivo da cultura majoritária, tendo em vista que o sentir-se “bem” e “importante” podem contribuir para o melhor ajustamento. Estes achados relacionam-se ao estudo de Rodrigues, Strey e Pereira (2007), cujo aspecto da receptividade/hospitalidade constituiu-se um dos

atributos característicos da população brasileira, mencionado por jovens adultos imigrantes.

Outro fator observado entre as famílias imigrantes pautou-se na dimensão afetiva e de auxílio ao próximo compreendida como um modo de receptividade encontrado no país receptor. Apresentam-se a seguir algumas falas representativas:

Também gosto da receptividade dos brasileiros e de como as pessoas são calorosas, as pessoas são apaixonadas pelas coisas que elas fazem. Na igreja, quando elas falam transmitem essa paixão... (FAm - Louise, 14 anos)

(...) gosto do calor das pessoas daqui, da educação (...) existe um sentimento, uma cultura de ajudar, as pessoas são ajudadoras, amo isto! (FAm – Anne/Mãe)

A recepção é muito boa! Quando cheguei na igreja aqui, fui muito acolhido pelas pessoas! Os abraços, o carinho, é um povo caloroso! E nós haitianos, é como no Brasil, somos acolhedores e também adoramos futebol! (FH – Benôit/Pai)

As representações do país de acolhimento nortearam a concepção de calor humano, carinho, paixão e ajuda. Os relatos parecem demonstrar que a afetividade e os costumes culturais majoritários, como de prestar auxílio e acolher os estrangeiros, é algo percebido como pontos positivos. Identifica-se, portanto, a satisfação das famílias quanto ao tratamento e apoio obtido pelos brasileiros, especialmente nos relatos de Anne e Benôit, que caracterizam a receptividade encontrada.

Além da receptividade a dimensão da **qualidade de vida (3.2.2)** também se constituiu como um dos significados vinculados ao país receptor por todas as famílias pesquisadas. Como pontos satisfatórios atribuíram-se principalmente neste quesito, a garantia da saúde, alimentação, educação, segurança e trabalho. Alguns relatos exemplificam a respeito:

Outra coisa que gostamos daqui, é que lá no hospital infantil temos um bom atendimento pro Pablo, tem uma boa equipe, tem uma enfermeira que atende muito bem ele... (FB – Jade/Mãe)

Quanto à saúde, eu acho que o Brasil está bem, vejo como um ponto positivo, porém com a arrecadação que tem,

poderia fazer muito mais. Acho que o atendimento digno existe, mas poderia estar melhor (FP – Miguel/Pai)

Pra eles (filhos) é muito bom! Eles dão uniforme, mochila, caderno, caneta, todos materiais... Não se paga nada! Dão refeições e aos finais de semana, dão leite, pão... E tem segurança dentro da escola! Não é um ambiente perigoso. E lá não tem isso! Lá eles não dão nada. (FH – Benôit/Pai)

(...) O Brasil para nós, é um país grande, muita gente, então pra nós que temos comércio e pousada, por mais que o país tenha crise, sempre tem pessoas que têm dinheiro, é o que sempre falo (...) A mão de obra é tão fraca, tão fraca, que qualquer um que vem com vontade de trabalhar, consegue. (FAR – Juan/Pai)

As famílias representadas atribuem ao país de acolhimento à garantia de direitos básicos, como a saúde qualificada, segurança, educação, alimentação, e trabalho. Entende-se que tais fatores relacionam-se à qualidade de vida na medida em que expressam noções relativas ao âmbito laboral, bem-estar, acesso à saúde, educação, alimentação e proteção (Coutinho & Ramos, 2009).

Para a OMS (2002), a qualidade de vida é entendida como um conceito holístico que congrega o conjunto de recursos sociais, individuais e físicos necessários ao indivíduo para a concretização de seus objetivos e aspirações, bem como para a satisfação de suas necessidades em diferentes níveis. Por assim dizer, aponta-se para uma dimensão ora subjetiva ao contemplar valores não materiais como a satisfação de vida, felicidade, solidariedade e inserção social; como também, para uma dimensão que alude a elementos materiais, os quais visam ao conforto e o suprimento de necessidades, tais como a alimentação, saúde, educação, trabalho e lazer (Coutinho, & Ramos, 2009).

Os depoimentos mencionados apontam que a garantia da saúde é vista como um aspecto positivo pelas famílias Boliviana e Peruana. No relato de Jade observa-se que o “*bom atendimento para o Pablo*” também é decorrido da “*boa equipe e da enfermeira que o atende muito bem*”; tal depoimento vai ao encontro do que Miguel salienta ao dizer que “*o atendimento digno existe, mas poderia estar melhor*”.

Já a família Haitiana apontou que o fornecimento de alimentação, materiais escolares e uniforme são aspectos satisfatórios atribuídos ao país de acolhimento. Além desses, o fator creditado à

segurança é presente nas falas; quanto a isto, observam-se comparações feitas entre o país de origem e o país receptor. Supõe-se que pela condição econômica desfavorável encontrada no país de origem dessa família, a qualidade de vida encontrada na cultura majoritária foi concebida enquanto um aspecto positivo, além de ter se constituído um dos motivos da imigração.

Diante disto, Marandola e Dall Galo (2010) ao identificar elementos que tornam a condição migrante vulnerável, entre os quais se destacam as questões econômicas, ambientais, legais, familiares e simbólicas advindas do país de origem; a busca por uma melhor qualidade de vida torna-se o objetivo de muitos sujeitos e famílias migrantes.

Concomitante aos fatores de saúde, alimentação e segurança, a família Argentina apontou sobre a oportunidade de inserção laboral no país receptor com vistas ao crescimento financeiro. O relato de Juan denota uma perspectiva otimista neste quesito ao afirmar que *“pra nós que temos comércio e pousada, por mais que o país tenha crise, sempre tem pessoas que têm dinheiro”*. Associa-se a estes achados o estudo de Sarriera *et al* (2005), cujas famílias imigrantes apontaram o trabalho e o incremento das rendas financeiras como indicativos de qualidade de vida, o que também se constituiu como motivo central no processo migratório dos participantes pesquisados.

Além dos aspectos satisfatórios relacionados ao país de acolhimento, **a falta de comprometimento das pessoas (3.2.3)** é compreendida como um aspecto negativo no país receptor sob a ótica das famílias Americana e Argentina. Estas manifestaram descontentamento em relação à pontualidade e o compromisso em cumprir encontros previamente agendados. Alguns relatos são ilustrados:

Um choque cultural para mim é marcar um horário para sair com alguém... Porque eu odeio quando as pessoas dizem que irão fazer determinada coisa em tal dia e na hora, desmarcam e dizem que tem outro compromisso! Sempre que eu tentei combinar com as pessoas é assim que as pessoas agem, assim eu tenho medo de sair e planejar as coisas com as pessoas, porque já fiquei muito desapontada (FAM – Helenne, 17 anos)

Aqui a gente tá no litoral, então o pessoal aqui não quer trabalhar, não tem comprometimento. Tu marca com

*alguém às 08h e ela chega no outro dia às 10h.
Pontualidade, não tem... (FAR – Alfredo, 25 anos)*

Tanto para Helenne quanto para Alfredo, a pontualidade é um aspecto insatisfatório creditado ao país de acolhimento. Pode-se inferir que o comportamento de atrasar-se ou desmarcar um encontro previamente combinado é entendido como pouco caso para essas famílias provenientes dos Estados Unidos e da Argentina. Outro aspecto levantado por Alfredo remete à representatividade da região litorânea como justificativa para a falta de comprometimento das pessoas.

Pode-se refletir que os padrões relacionais devem ser contextualizados a partir de sua inserção cultural e das construções históricas e sociais respectivas. Logo, a família Argentina representada pela mãe também apontou o desgosto quanto à falta de comprometimento no trabalho das pessoas brasileiras, conforme segue o relato:

Como te falou Alfredo sobre a falta de comprometimento das pessoas, não vendíamos muito e eu pedia cem jogos de tapete e eles me traziam dois. Nós dependíamos dessas vendas para poder comer (FAR – Stela/Mãe)

O relato de Stela apresenta como aspecto negativo, a falta de compromisso e disciplina no âmbito laboral. Entende-se que a indústria têxtil familiar dependia de fornecedores, conforme indicado pela família anteriormente; assim, a não entrega de materiais implicaria em prejuízos financeiros e de provisão para o lar.

Num estudo intercultural entre trabalhadores alemães e brasileiros, Carvalho & Trevisan (2011) identificaram que a falta de pontualidade e objetividade em concluir uma tarefa dentro de prazos estabelecidos, bem como a cadência para executar uma atividade e a disciplina em cumpri-la nos preceitos preconizados pela organização, eram características presentes no trabalho de brasileiros. Por outro lado, as representações do brasileiro por operários alemães, levaram em conta também a dimensão relacional enquanto um valor positivo. Isto, porque, os atributos de receptividade, afetividade e flexibilidade eram marcas expressivas que contribuía para a produtividade.

Por fim, as **desigualdades sociais (3.2.4)** constituíram-se como um dos significados negativos encontrados no país de acolhimento. Quatro famílias – Argentina, Boliviana, Haitiana e Peruana evidenciaram que o custo de vida, a corrupção, a falta de investimento

na educação e o analfabetismo foram encontrados no país receptor. Inicialmente alguns relatos ilustram sobre a problemática do custo de vida:

(...) tudo é caro! Algumas coisas a gente vai trazendo, a roupa quando a gente vai pra lá, a gente tem a possibilidade de trazer, sabe, até agora não conseguimos entender o porquê da roupa ser tão cara, tudo bem que a gente compre parcelado, mas o valor é alto... (FB – Jade/Mãe)

Morar aqui é lindo, mas é muito caro (FH – Benôit/Pai)

Um ponto negativo que acho é que é tudo muito caro. Tu paga muito imposto, aquele imposto que tu paga, não vem de volta pra ti, não tô falando só em dinheiro, em obras, não se tem estrada... Mês passado eu fui a São Paulo de carro e acho que nunca mais vou de carro pra lá, São Paulo é um buraco, as ruas são cheias de buraco, as ruas não são asfaltadas, o trânsito é um caos, então, nossa!! Eu acho muito caro, tu paga e não vem de volta (FB – Murilo/Pai)

Os relatos das famílias Boliviana e Haitiana retratam uma crítica feita ao custo de vida do país majoritário em detrimento ao retorno governamental dispensado à infraestrutura e condições adequadas ao trânsito, como pontuou Murilo. Esta reflexão associa-se ao relato da família Peruana, a seguir, cuja tônica reside no descontentamento frente à corrupção e o baixo investimento direcionado a educação:

Eu vejo os políticos com uma grande cara de pau, eles roubam grande parte de nossos impostos, é uma porcentagem de roubo absurda, e este imposto já volta pouco para o povo, tem muito descaso, trabalhamos tanto para o governo e não há devolução (...) Às vezes eu falo com uma mãe “olha, vamos conversar mais com teu filho, vamos ver a caderneta” e me surpreende que muitas pessoas, e não são poucas as que não sabem ler, ou seja, o problema do analfabetismo é grande, no Peru é menor o analfabetismo, sendo que é um país menos desenvolvido. Com um país tão grande, um PIB grande, e os políticos não estão colocando a educação no lugar certo, é o que eu vejo, e isto para manipular a massa, pois com a educação não haveria tanta manipulação, pois as pessoas saberiam melhor como se movimentam as coisas. (FP – Miguel/Pai)

O depoimento do pai expressa a aversão à corrupção política observada no cenário nacional. Entende-se que a corrupção política contemple a deterioração moral de um sistema de governo por permitir a utilização da função pública com vistas à apropriação ilegal de recursos públicos, por parte do político ou do funcionário público para fins de obtenção de ganhos privados (Pereira, 2002).

A subcategoria **3.3 – Sentimentos vivenciados pelos membros familiares** teve como finalidade apresentar os sentimentos mais recorrentes pelos membros familiares no que se refere ao processo de imigração familiar. O quadro 13 exhibe os elementos temáticos que serão discutidos:

Quadro 13: Elementos de análise referentes à subcategoria 3.3: A partir dos sentimentos vivenciados pelos membros familiares.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
3. Significados atribuídos à imigração familiar	3.3 Sentimentos vivenciados pelos membros familiares	3.3.1 Perdas 3.3.2 Estresse 3.3.3 Bem-estar

Todas as famílias pesquisadas apontaram como sentimento presente no processo de imigração familiar, as **perdas (3.3.1)** em relação aos amigos e parentes, falecimento de pessoas significativas no país de origem, sendo discutidas também, algumas estratégias utilizadas para lidar com este sentimento. No que se refere às perdas entre amigos que não imigraram, alguns relatos são demonstrativos:

Eu sinto falta de minhas amigas, mas elas não podem imaginar, compreender o que eu estou passando vivendo aqui! (FAM – Anne/Mãe)

(...) Falo com os meus amigos por Skype, e eles me contam das coisas legais que tinham feito na semana, coisas que eu faria com eles, e tudo o que eu posso falar é que eu fico na frente da TV vendo filmes... Tenho saudades da nossa turma! (FAM – Helenne, 17 anos)

Só sinto uma lembrança, porque eu tenho muito bons amigos na Argentina. Nós falamos pela internet, eles vem pra cá e nossos filhos se dão muito, eles também vão pra lá. Sinto saudades desses amigos, de domingo quando fazíamos algo juntos, dos almoços... (FAr – Stela/Mãe)

O distanciamento provocado pela imigração parece repercutir sentimentos de saudosismo ante as perdas vivenciadas pelas famílias Americana e Argentina. Observa-se que as memórias das atividades compartilhadas entre os amigos continuam preservadas, assim como as dimensões afetivas parecem preencher um espaço significativo na história familiar e individual dessas participantes ao mencionarem que “*sentem saudades*” dos amigos e da turma oriundos do país de origem.

As perdas ou afastamento das referências fundadoras, do quadro ou “envelope” cultural e a ruptura dos laços significativos podem fragilizar a identidade e comprometer o planejamento futuro dos imigrantes (Martins-Borges & Pocreau, 2009). Desta forma, elaborar o sentimento de perda ou luto, demanda um processo de reorganização interna e familiar, tendo em vista a dificuldade de encontrar sentido na experiência migratória nas etapas iniciais de ajustamento (McGoldrick, 2003). Para a autora supracitada é comum que nos primeiros tempos de adaptação, os membros familiares experimentem sentimentos de tristeza, saudosismo, vazio e desamparo, os quais poderão ser elaborados de forma e num tempo diferenciado mediante o processo individual de cada um.

Dentre vários estudos que têm contemplado a migração familiar, e, sobretudo, a adaptação cultural de sujeitos e famílias imigrantes (Soto, 2012; Martínez, 2009; Coutinho & Ramos, 2012; Becker & Martins-Borges, 2014; Calvo, 2006) o sentimento de luto ou perda, salienta-se enquanto um aspecto premente neste processo. Isto, porque a migração envolve perdas materiais, psicológicas e sociais que resultam na elaboração de um luto.

As famílias Americana e Peruana relataram o receio da perda de entes queridos após a imigração, como também a tristeza frente o falecimento de pessoas significativas que ficaram no país de origem. Algumas narrativas são ilustrativas:

Dia 23 de dezembro do ano passado meu sobrinho morreu, isto tocou meu coração por eu estar muito distante, mesmo não sendo muito próxima dele eu me sinto muito culpada por estar distante de minha família (...) Isso foi ficou muito claro para mim que as perdas vão existir nesse processo de

morar distante, e mesmo se tratando dos pais do meu marido, eles têm 78 anos, e o fato de fazermos a escolha de ficar muito tempo no Brasil, é que eles vão morrer enquanto nós estivermos por aqui. Isso deixou claro e óbvio pra mim que as dificuldades da distância são grandes... (Choro) (FAM – Anne/Mãe)

Agora que fez um ano que o irmão da minha melhor amiga faleceu para mim foi muito difícil não estar lá com ela, quando ele morreu aos nove meses de vida eu estava com ela e agora no aniversário de morte não pude estar ao lado dela, foi difícil para mim. (Choro e silêncio). (FAM – Helenne, 17 anos)

O que me preocupa é o fato de minha mãe estar já idosa e eu estar longe dela (...) (FP – Elisa/Mãe)

Observa-se nos relatos que o sentimento de perda pelo falecimento de pessoas queridas e o distanciamento dos vínculos predis põem outros sentimentos, como de tristeza, culpa e angústia pela condição migratória dessas famílias. Os relatos de Anne e Helenne evidenciam o impacto das perdas sofridas pelo fato da distância imposta pela imigração, enquanto que o depoimento de Elisa demonstra o receio e a angústia da perda de familiares no futuro.

Para Falicov (2001) é inevitável que o surgimento de outras transições do ciclo vital aconteça para os membros familiares, sejam estas esperadas ou não; todavia, o impacto desses eventos pode acentuar-se quando o imigrante não pode comparecer e participar dos rituais de amigos e familiares deixados no país de origem, por exemplo, na morte de algum parente. Tal situação pode aumentar o sentimento de culpa dos familiares migrantes, levando-os a repensar sua nova trajetória de vida e questionar se devem ou não retornar para seu país de origem.

Ainda no que tange ao sentimento de **perdas (3.3.1)** vivenciado pelas famílias, Falicov (2001) discute sobre as perdas ambíguas, muito comuns em processos migratórios. Tal conceito refere-se ao sentimento de ambivalência presente em situações de perdas, que neste contexto refere-se ao sentimento de luto causado pelas pessoas fisicamente ausentes, mas psicologicamente presentes, que por meio de estratégias que favoreçam a continuidade desses vínculos, o outro se torna presente. Assim, quanto maior for à frequência desses contatos, seja por meios telefônicos ou virtuais, o desejo de aproximação e reencontro se tornam

mais fortes sustentando as relações afetivas norteadas pela distância. A seguir são apresentadas algumas narrativas representativas:

A gente continua se dando muito bem com os parentes e os amigos que ficaram, o problema é a saudades! Mas, falamos com eles por telefone aos finais de semana (FH – Benôit/Pai)

Sinto falta da família, minha mãe, irmã, sobrinho e alguns amigos, o bom é que hoje temos a internet, embora falte um abraço. Quando queremos ver o país e sentimos saudades, viajamos, e isto é o nosso melhor remédio! (FP – Elisa/Mãe)

Tenho saudades dos meus irmãos, tios, primos e amigos (...) Às vezes viajamos anualmente, mas nem sempre é possível, então esta ausência do contato familiar e este crescimento junto a família, apesar de existir meios de comunicação, Skype, correio, internet, não é a mesma coisa, faz falta. Então, essa parte acho que todo estrangeiro sente (FP – Miguel/Pai)

Os relatos apresentam estratégias utilizadas pelas famílias Haitiana e Peruana na manutenção dos vínculos antes às perdas de amigos e familiares deixados no país de origem. Observa-se que os meios de comunicação, como a internet e o telefone, auxiliam no processo; embora “*falte um abraço*” ou ainda, “*não é a mesma coisa*”. Compreende-se que as estratégias adotadas pelos familiares são meios para garantir a continuidade do afeto entre aqueles que não imigraram, todavia, os depoimentos sugerem que a falta da presença física, do toque e da companhia podem se constituir aspectos difíceis de ajustamento. Em vista disto, tanto Elisa quanto Miguel sustentam que o reencontro quando possível, é uma das melhores formas encontradas para manter as relações no país de origem.

Estudos de Soto (2012), Martínez (2009) e Calvo (2006) ao analisarem as dimensões familiares do processo migratório, verificaram que os contatos telefônicos, programas virtuais e correspondências, são meios eficazes utilizados entre os membros familiares imigrantes para a conservação de relacionamentos mantidos à distância. Além disto, as remessas financeiras e presentes materiais enviados aludiram a formas simbólicas de afeto para suprir as carências decorridas pela ausência.

Concomitante ao sentimento em relação às perdas vivenciadas pelas famílias imigrantes, o **estresse (3.3.2)** atribuído à imigração esteve presente nos depoimentos expressos por três famílias – Americana, Boliviana e Peruana. Identificou-se que a mudança para outro país esteve relacionada ao desgaste emocional desencadeado pela adaptação cultural, conforme se observam alguns relatos:

*Eu sinto que nós como família já tínhamos um entendimento do que poderia ser com a mudança para o Brasil, mas **hoje faz um ano e um dia que estamos aqui e eu tô cansado! É uma grande mudança e um grande ajustamento nas nossas vidas...** (FAM – David/Pai)*

*Eu fiquei com medo, eu pensava “**meu Deus, é uma nova escola, um novo país, uma nova língua, como eles vão se comunicar?**” No princípio eles ficavam mais na deles e não falavam e depois eu vi que eles já estavam falando!
(FB – Jade/Mãe)*

*A adaptação foi difícil, e isto criou uma certa tensão no relacionamento familiar, depois de três anos veio a se tornar **insuportável** (FP – Miguel/Pai)*

Os depoimentos refletem que o estresse parece estar estreitamente ligado ao processo de adaptação cultural vivenciado por essas famílias, tendo em vista as apreensões em aprender uma nova língua e novos hábitos. Compreende-se que as mudanças decorridas da migração exigem novos padrões sociais, que por sua vez, modifica a dinâmica familiar de seus membros. No caso da família Peruana, “isto criou uma certa tensão no relacionamento familiar” vindo a se tornar “insuportável”.

Segundo Mühlen, Dewes e Leite (2010), eventos são caracterizados como estressores na medida em que eles sobrecarregam ou excedem os recursos adaptativos da pessoa. Considera-se, portanto, que a adaptação a um novo país pode desencadear um abalo na saúde mental dos migrantes ou provocar um desgaste psicológico, uma vez que os desafios impostos pela imigração, como aprender uma nova língua, conseguir um emprego ou ajustar-se a diferentes padrões culturais, torna-se um desafio cotidiano.

Entretanto, vale ressaltar que a avaliação de um evento como sendo estressante ou não, no caso da imigração familiar, irá depender das condições de como ocorre essa mudança, do nível econômico, da

fase do ciclo vital em que se encontra, dos valores culturais, entre outros, os quais podem se tornar aspectos facilitadores ou dificultosos na adaptação cultural (Prado, 2006).

Para a família Americana o **estresse (3.3.2)** vivenciado correspondia também ao sentimento de incompreensão, falta de apoio e frustração, como se pode observar em alguns relatos:

(...) Era difícil falar com os meus amigos de lá, que não mudaram de país, a maioria deles nunca tinha nem entrado num avião, então eles não entendiam as dificuldades porque eu passava aqui, eles não podiam sentir o que eu estava sentindo (FAm - Helenne, 17 anos).

Ao falar com minhas amigas elas pensavam que sou uma heroína, mas isso não me ajuda, pois eu não me sinto assim, me sinto fraca, frustrada e estressada! (FAm – Anne/Mãe)

O estresse apontado pode relacionar-se ainda com o sentimento de não ser compreendido como Helenne expressa: “(...) eles não entendiam as dificuldades que eu passava aqui (...) não podiam sentir o que eu estava sentindo”. A incompreensão, a solidão e a insegurança são sentimentos comuns na trajetória de sujeitos e famílias migrantes que deixam seu país de origem e precisam encontrar novos padrões de funcionamento ao inserir-se em outra cultura. Somado a isto, não é raro que as atitudes discriminatórias, a exclusão social, as dificuldades de recurso e estruturas de apoio sejam recorrentes na sociedade majoritária, acentuando os fatores de estresse, risco e vulnerabilidade (Ramos, 2008; Coutinho & Oliveira, 2010).

Se por um lado, a imigração familiar predispõe sentimentos de tristeza em relação às perdas e estresse, por outro, também pode permitir a ampliação do *self* e a transformação de valores e padrões estabelecidos. Neste sentido Dantas (2012) apresenta a metáfora da palavra “crise” em chinês, formada por dois ideogramas, em que um representa perigo e outro significa oportunidade, a migração pode constituir-se um fenômeno bem-sucedido e adaptativo.

As oportunidades ampliam a dinâmica interna dos sujeitos e dos membros familiares na medida em que novas aprendizagens e experiências são adquiridas, o que contribuiu para o sentimento de **bem-estar (3.3.3)**, mencionado por todas as famílias deste estudo. Observa-se a satisfação e o desejo de permanência atribuída ao país receptor, conforme se apresentam alguns relatos:

Mas, eu realmente gosto de morar aqui, eu não penso em me mudar, não quero voltar; eu quero ficar aqui! Quero visitar os EUA, mas não quero voltar a morar lá (FAM – Anne/Mãe)

Me sinto bem. Gosto das pessoas, do ministério que estamos envolvidos, do lugar que moramos, da comida... (FAM – Helenne, 17 anos)

Só penso em crescer aqui (...) Gosto muito daqui. Talvez eu pense na Argentina pra passar férias, mas pra voltar não (FAR – Alfredo, 25 anos)

Me sinto ótima. Eu acho que, primeiro, eu nunca me senti estrangeira. Nunca senti esse preconceito. Se me fizeram eu não percebi, porque eu sou tão feliz de morar aqui, que não percebo (FAR – Stela/Mãe)

As narrativas representadas pelas famílias Americana e Argentina apresentam a satisfação que sentem ao residir no país de acolhimento. O bem-estar é avaliado pelos participantes a partir de uma perspectiva positiva obtida por meio das relações estabelecidas, do contexto geográfico, da gastronomia, dos padrões culturais majoritários que são vivenciados e do desejo de permanência no país.

O bem-estar subjetivo se pauta em investigar o que leva as pessoas a avaliarem suas vidas de forma positiva. Este não é visto como um único elemento, mas contempla tanto um julgamento cognitivo de satisfação de vida quanto uma avaliação afetiva do humor e das emoções, como suas reações a eventos vivenciados (Diener, Oishi, & Lucas, 2003). No processo migratório, o bem-estar constitui uma importante variável, pois permite identificar as fontes responsáveis pela satisfação experimentada, cujos relatos, a seguir, são demonstrativos:

Nós vivemos mais tranquilos, buscamos a Deus, vamos a igreja e temos amigos... Agora já tenho trabalho, minha esposa ainda está em casa cuidando das crianças, porque o bebê ainda não tem creche pra ir ou alguém pra deixar, mas logo vai começar a trabalhar também. Aqui é muito bom! (FH – Benôit/Pai)

Eu estou gostando muito daqui,... Agora já tenho amigos e as coisas ficam mais fáceis. (FAM – Benjamin, 11 anos)

(...) Mas eu me sinto muito bem, bem adaptado no trabalho, bem adaptado com os meu filhos na escola, o mais velho já esta na universidade; me sinto bem com minha família aqui, agradeço a oportunidade de morar e trabalhar no Brasil, eu acho muito bom (FP – Miguel/Pai)

O **bem-estar (3.3.3)** acompanha as conquistas de trabalho, amizades, envolvimento na igreja e nas práticas religiosas, bem como a adaptação escolar e familiar no país receptor. Pode-se pensar que estas experiências se caracterizam como fontes facilitadoras para o bem-estar experimentado na imigração. Corrobora-se a estes achados os estudos de Sarriera *et al* (2005), Meneses & Sarriera (2005) e Maia (2002) cuja análise aponta que a presença da rede de apoio social constituída pelas amizades, igrejas/denominações religiosas e o envolvimento com a comunidade, proporcionam um melhor bem-estar e adaptação cultural de imigrantes ao país de acolhimento.

Diante do exposto, a construção delineada na Categoria 3 apresentou os principais significados conferidos à imigração pelas famílias participantes, a partir de três eixos explicativos: **(3.1)** Diferenças culturais, **(3.2)** Significados atribuídos ao país de acolhimento e **(3.3.)** Sentimentos vivenciadas pelos membros familiares.

Em relação à primeira subcategoria **(3.1) - Diferenças Culturais**, quatro famílias mencionaram comparações entre as características do país de origem e do país receptor. Verificou-se que os hábitos culturais quanto aos comportamentos, valores e modos de se relacionar socialmente tornaram-se contrastivos entre as famílias imigrantes e o contexto majoritário; sendo que num primeiro momento, o estranhamento inicial foi percebido como um “choque cultural” para algumas famílias. Além disso, observou-se que essas diferenças influenciaram no processo adaptativo dos participantes, pois o que antes fazia parte da rotina, atualmente tornou-se um desafio, uma vez que a forma de agir nem sempre correspondia aos códigos sociais vigentes.

Além da identidade cultural discutida na primeira subcategoria **(3.1) - Diferenças Culturais**, a identidade social de algumas famílias encontrou-se por vezes questionada frente a autoimagem profissional e individual de alguns membros familiares, parecendo não obter o mesmo reconhecimento pelo novo contexto cultural. Todavia, os relatos expressos na primeira subcategoria, evidenciaram maiores aspectos referentes à identidade cultural do que em relação à identidade social.

Por sua vez, a segunda subcategoria **(3.2) – Significados atribuídos ao país de acolhimento** identificou a receptividade e a qualidade de vida como significados satisfatórios atribuídos ao país receptor; enquanto que a falta de comprometimento com as pessoas e as desigualdades sociais foram compreendidas pelas famílias como fatores negativos encontrados no país vigente. Destacou-se por todos os participantes que o acolhimento brasileiro dispensado ao estrangeiro, bem como o calor humano e a hospitalidade constituíram-se aspectos importantes no processo de adaptação cultural. Entretanto, a falta de pontualidade e de compromisso em cumprir encontros previamente agendados, bem como o custo de vida e a falta de investimento na educação brasileira foram citados como fatores desfavoráveis.

A subcategoria **(3.3) – Sentimentos vivenciados pelos membros familiares** apresentou que o sentimento em relação às perdas de amigos e parentes que não imigraram, esteve presente em todas as famílias pesquisadas. Os achados deste quesito constituíram-se como perdas ambíguas, à medida que embora as pessoas significativas estivessem ausentes, encontravam-se presentes de modo simbólico na história de vida das famílias imigrantes. Desta forma, algumas estratégias eram utilizadas a fim de manter os vínculos, tais como o contato telefônico e virtual; como também, viagens ao país de origem quando possível. Além das perdas, o estresse vivenciado pelos participantes pareceu estar estreitamente relacionado ao processo de adaptação cultural vivenciado por essas famílias, tendo em vista as apreensões em aprender uma nova língua e novos hábitos sociais.

Finalmente, ainda na subcategoria **(3.3)**, o sentimento de bem-estar mencionado por todas as famílias pesquisadas, relacionou-se à satisfação de vida e ao desejo de permanência no país de acolhimento. Concomitantemente, as conquistas de trabalho, estabelecimento de novos vínculos, envolvimento na igreja e com as práticas religiosas, bem como a adaptação escolar e familiar no país receptor caracterizaram-se como recursos para o bem-estar experimentado das famílias no processo migratório.

Com vistas ao aprofundamento da discussão sobre as dimensões psicossociais da migração familiar, investiga-se a seguir, a estrutura das redes sociais significativas antes e após a migração dos participantes, cujo título da Categoria 4 denomina-se: *Mudanças nas redes significativas familiares*.

CATEGORIA 4 – MUDANÇAS NAS REDES SIGNIFICATIVAS DAS FAMÍLIAS

*“Se cada estrela no céu é um amigo na terra
A força do acaso do encontro é uma constelação, lumiar,
De que planeta você é?
Eu faço o que você quiser em troca do teu amor
Posso te dar o que eu sou, amigo é um cobertor
Bordado de estrelas - de estrelas...”*

(Certos Amigos – Expresso Rural)

A última categoria foi elaborada a partir da construção dos mapas de redes conforme Sluzki (1997), tendo como finalidade complementar os dados provenientes da entrevista semiestruturada quanto às mudanças ocorridas nas redes sociais das famílias imigrantes em diferentes momentos: Antes e após a migração. Num primeiro momento investigou-se a composição da rede nos quatro campos - Família, Amigos, Trabalho/Estudo e Comunidade. Em seguida, analisou-se a composição da rede após a migração, no que se refere às mudanças estruturais da mesma. As dimensões analisadas das redes significativas pautaram-se nas características estruturais de tamanho, composição/distribuição e dispersão; além disso, os mapas de redes de cada família com os respectivos genogramas podem ser conferidos na seção de apêndice 2 desta dissertação.

A seguir será apresentada a **subcategoria 4.1 – Composição da rede antes da migração** com o mapa geral das famílias participantes, conforme os elementos temáticos exibidos no Quadro 14.

Quadro 14: Elementos de análise referentes à subcategoria 4.1: A partir dos sentimentos vivenciados pelos membros familiares.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
4. Mudanças nas redes significativas das famílias	4.1 Composição da rede antes da migração	4.1.1 Família 4.1.2 Amizades 4.1.3 Trabalho/Estudo 4.1.4 Comunidade

O quadrante da **família (4.1.1.)** reuniu informações quanto ao número de pessoas da rede dos participantes antes da migração, assim como evidenciou aspectos da composição da rede com base nos níveis

de proximidade representados pelos círculos do mapa. A dispersão também pôde ser observada, já que os membros estão distribuídos entre os níveis e há um maior número no primeiro círculo neste primeiro momento. A Figura 4 apresenta o mapa geral dos participantes com destaque para o quadrante da família, conforme se pode visualizar:

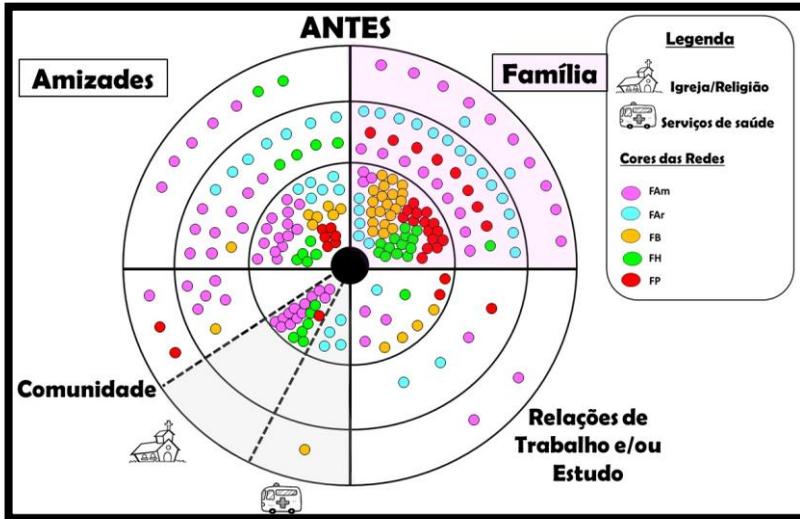


Figura 4: Mapa geral das famílias antes da migração com destaque ao quadrante da família.

Observa-se que o tamanho total da rede antes da migração obteve 216 pessoas, cuja parcela do quadrante da família correspondeu a 100 contatos desse total, representando 46,2% da rede social. Os participantes mais citados no círculo interno foram os pais, irmãos e sogros(as); enquanto que no círculo intermediário obteve-se maior prevalência dos avós. Já no círculo externo, apontaram-se os tios e primos.

Verifica-se, portanto, a maior composição de pessoas indicadas no círculo interno do quadrante familiar, que indica o grau de relações íntimas. Deste modo, Sluzki (1997) explica que as redes muito concentradas podem ser menos efetivas e flexíveis por contribuir para a dependência de seus membros. Por outro lado, ter pessoas mais próximas pode constituir-se um aspecto facilitador frente a situações de crise. Estes dados, se tomados em conjunto com as categorias anteriores,

reforçam que a proximidade e a frequência de contatos com os familiares do país de origem caracterizou-se como um recurso na obtenção de auxílio com as atividades cotidianas, tais como cuidar dos filhos, dividir as tarefas domésticas e compartilhar as dificuldades encontradas favorecendo o apoio emocional enquanto estavam no país de origem.

Por sua vez, observou-se uma dispersão no mapa geral das famílias no período anterior à migração, uma vez que há uma distribuição dos contatos entre os níveis, apresentando maior concentração no quadrante da família no primeiro círculo. Sugere-se que a rede significativa dos participantes esteja mais relacionada aos familiares e amigos neste primeiro momento, ou seja, antes da migração.

Assim, no que tange às **amizades (4.1.2)** estabelecidas antes da migração, observa-se a composição da rede com maior predomínio de pessoas no círculo interno, seguidamente do círculo intermediário e do círculo externo, como se pode verificar na Figura 5:

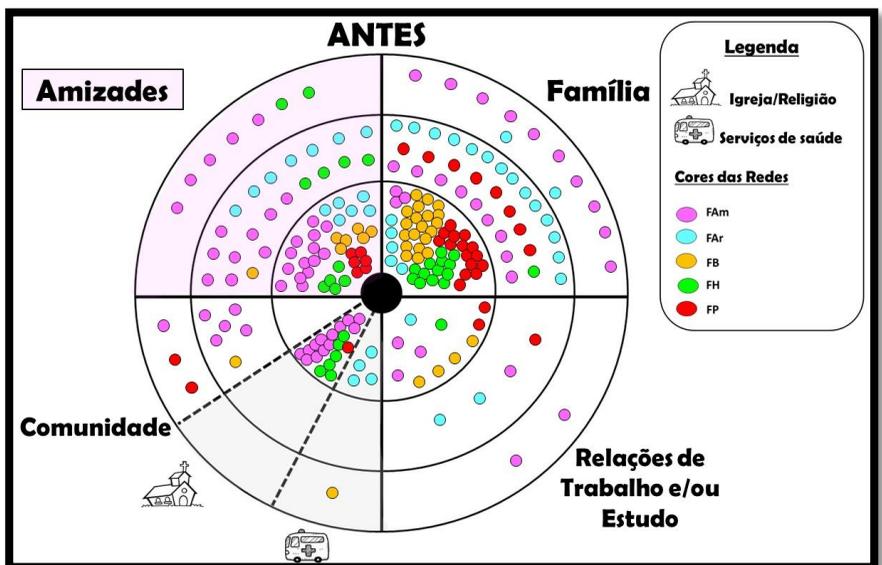


Figura 5: Mapa geral das famílias antes da migração com destaque ao quadrante das amizades.

O tamanho da rede no quadrante das amizades correspondeu a (n = 65) pessoas, representando 30% do total de contatos citados no mapa. Novamente, a composição da rede indicou que o círculo interno

obteve maior predomínio de pessoas citadas; sobre isto, os participantes mencionaram que os tipos de apoio recebidos dos amigos do país de origem, pautaram-se na participação conjunta de atividades, resolução de conflitos e conselhos. Tais achados relacionam-se ao que Sluzki (1997) salienta ao argumentar que a rede significativa constitui-se uma fonte de recursos para o sujeito no enfrentamento de adversidades.

A rede significativa quanto ao **trabalho/estudo (4.1.3)** foi caracterizada por colegas de trabalho, superiores, professores e colegas de escola das famílias imigrantes. Pode-se visualizar um número reduzido de contatos nesse quadrante ($n = 17$) com representação de 8% no total, cuja Figura 6 é demonstrativa:

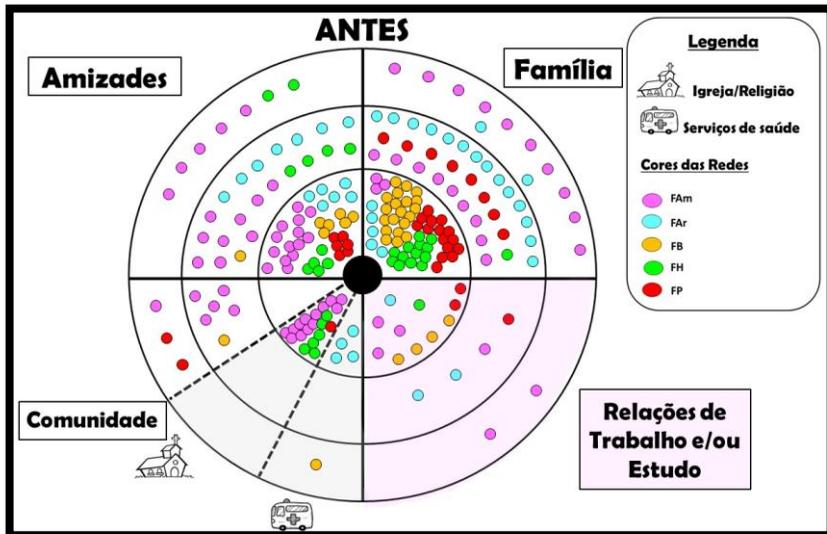


Figura 6: Mapa geral das famílias antes da migração com destaque ao quadrante do trabalho/estudo.

As famílias Boliviana e Americana citaram como contatos significativos os professores e colegas de aula, enquanto que as demais famílias mencionaram colegas de trabalho, supervisores e funcionários. Observa-se o predomínio de contatos no círculo interno na composição da rede, sugerindo uma vinculação maior entre os membros; na sequência apresentou-se maior distribuição de pessoas no círculo intermediário e externo. Pode-se também dizer que este quadrante

obteve um destaque na dispersão ante os demais, tendo em vista a maior distância das famílias e os contatos da rede.

Conforme apontado nas entrevistas, todos os membros familiares eram profissionais liberais ou autônomos no momento anterior à migração, o que pode justificar o menor número dispensado de contatos citados neste quadrante. Além disto, a principal referência para o sustento e provisão do lar concentrava-se no papel paterno exercido pelo pai; enquanto que as esposas dedicavam-se aos cuidados com os filhos e as atividades domésticas.

Relaciona-se aos resultados demonstrados neste quadrante – **trabalho/estudo (4.1.3)** os motivos da migração familiar evidenciados na Categoria 1 – página 72; haja vista que a motivação econômica e as metas de trabalho, constituíram-se as principais razões para a imigração. Isto também pode explicar o número reduzido de contatos no campo apontado no momento anterior à migração.

Em relação às redes significativas estabelecidas na **comunidade (4.1.4)**, as famílias atribuíram maior concentração de contatos no campo da igreja e da vizinhança, conforme se pode observar na Figura 7:

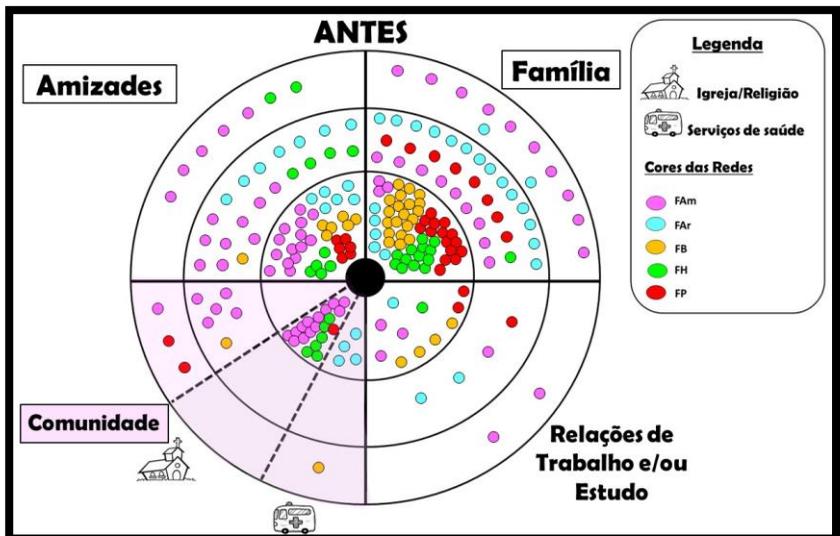


Figura 7: Mapa geral das famílias antes da migração com destaque ao quadrante da comunidade.

Foram citadas 34 pessoas no campo da **comunidade (4.1.4)** como integrantes das redes significativas das famílias; o que representou 15,7% do total da rede antes da migração. No que tange ao aspecto da composição, verificou-se maior concentração no círculo interno caracterizado pela igreja. Posteriormente, o quadrante da comunidade compreendido ainda pela vizinhança, constituiu-se um dos campos mencionados com distribuição entre os círculos intermediário e externo. Além disso, os serviços de saúde foram representados para algumas famílias entre os níveis de proximidade interna e externa. Observa-se a dispersão do campo presente em relação aos demais, tendo em vista a distância entre os sujeitos citados, bem como o tamanho reduzido de contatos quando comparado aos outros quadrantes.

As pessoas das redes familiares que foram mencionadas no campo da **comunidade** referiram-se às autoridades religiosas, tais como o pastor e padre; assim como, ao grupo de jovens e “irmãos” da instituição religiosa. No espaço da vizinhança – situado no quadrante da comunidade, foram mencionados contatos dos escoteiros e vizinhos da região que residiam.

Feijó (2006) salienta que as comunidades religiosas podem consistir em fontes de apoio e resiliência, pois o investimento na própria espiritualidade, através da fé, bem como da ajuda mútua e o compartilhar de dificuldades, torna-se um fator contributivo frente às crises experimentadas pelas famílias. Neste estudo, conforme os dados abordados na subcategoria 1.4 – *Aspectos facilitadores no processo de adaptação* ao país receptor, as práticas religiosas e o apoio decorrente das igrejas, auxiliou no ajustamento cultural vivenciado pelos participantes.

Por fim, a subcategoria **4.2 – Composição da rede após a migração** analisou as características estruturais de tamanho, composição e dispersão das redes familiares após a vinda para o país de acolhimento, consoante às mudanças nas redes significativas dos participantes conforme é detalhado:

Quadro 15: Elementos de análise referentes à subcategoria 4.2: A partir da composição da rede após a migração.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ELEMENTOS DE ANÁLISE
4. Mudanças nas redes significativas das famílias	4.2 Composição da rede após a migração	4.2.1 Redução de redes 4.2.2 Formação de novas redes

Após a migração, todas as famílias pesquisadas apresentaram uma **redução (4.2.1)** significativa no tamanho geral de suas redes, de modo com que o número total de pessoas correspondeu a ($n = 132$), ou seja, reduziram-se 84 contatos, o que representa 61% de decréscimo da rede anterior à migração. O campo de contatos mais reduzido contemplou o quadrante da família, de modo que somente a família Argentina indicasse membros familiares na rede significativa após a vinda para o Brasil. Para melhor visualização dos dados, a Figura 8 exibe o mapa geral das famílias após a migração:

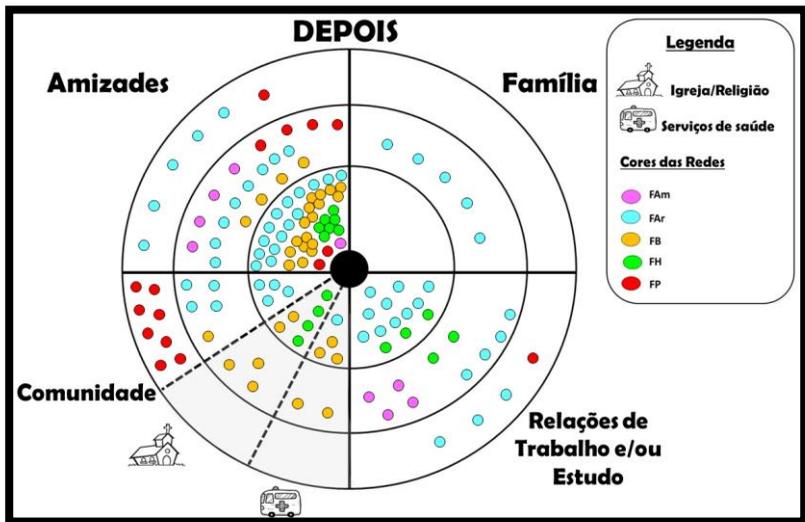


Figura 8: Mapa geral das famílias participantes após a migração.

A **redução de redes (4.2.1)** do quadrante da família após a migração dos participantes confirma os aspectos levantados pela entrevista, cujos resultados evidenciaram que a ausência dos membros familiares e os sentimentos em relação às perdas daqueles que não puderam imigrar, pareceu representar um entrave no processo de adaptação familiar no país receptor. Concomitante a isto, contribuiu para as mudanças na dinâmica interna das famílias, uma vez que o fortalecimento dos vínculos entre a família nuclear tornou-se mais próximo.

Entretanto, Sluzki (1997) sinaliza que as redes mínimas são menos efetivas em situações de crise ou tensão de longa duração, uma vez que seus membros tendem a se sobrecarregar mostrando-se pouco

disponíveis entre si. Considera-se que o movimento das famílias voltarem-se para si, logo após a migração, pode significar uma duplicidade; pois à medida em que favorece a aproximação de seus integrantes, pode-se depositar também, um acúmulo de estresse que por sua vez, propicia o desgaste familiar emergindo conflitos.

Vale ressaltar que a ausência de redes significativas no quadrante da família de alguns participantes contribuiu para a maior frequência de contatos por outros canais de comunicação, tais como meios virtuais e contatos telefônicos. Estas informações puderam ser complementadas pela entrevista e citadas na construção do mapa pelas famílias.

Estudos como o de Queiroz (2008) e Prado (2006) corroboram a estes achados, já que para as famílias participantes a ausência com os membros da família extensa foram aspectos citados, de modo que outras estratégias de comunicação pudessem ser acessadas, assim como os meios virtuais.

Verifica-se que a **redução de rede (4.2.1)** no quadrante da família apresenta a composição de alguns membros familiares no círculo intermediário, pois segundo os discursos dos entrevistados, são parentes que se veem ocasionalmente, como os cunhados, sobrinhos e irmãos.

Outro campo do mapa que obteve uma **redução de rede (4.2.1)** contempla o quadrante da comunidade, em que a participação na igreja diminuiu de forma significativa. Contudo, os contatos da vizinhança e o envolvimento com os serviços de saúde aumentaram. Pode-se observar que a composição dos contatos nesse campo (ver Figura 7 – pg. 138), indicou maior predomínio no círculo externo da vizinhança, o que pode sinalizar o tipo de relação ocasional estabelecida. As pessoas que integraram a rede das famílias no âmbito comunitário após a migração, foram conhecidos que praticam atividade física na academia ou na praia, vizinhos do bairro e do mesmo prédio; enquanto que na igreja, os contatos mencionados foram o pastor, o padre e membros participantes da instituição religiosa; e nos serviços de saúde, apontou-se o médico e as enfermeiras como parte da rede significativa.

Em síntese, observou-se uma dispersão importante após a migração, especialmente no quadrante da família que evidenciou a maior redução de contatos comparados com o mapa anterior. Tais achados corroboram-se aos resultados decorrentes da entrevista e relacionam-se aos estudos de Mercer (2012), Soto (2012), Waters (2002) e Ximena (2005) que apontam o sofrimento, luto e limitações no suporte emocional para as famílias nucleares que deixaram familiares no país de origem.

Por outro lado, a migração favoreceu a **formação de novas redes (4.2.2)** com destaque para o quadrante das amizades e das relações de trabalho e/ou estudo, indicado pelas famílias após a migração. No campo das amizades, observa-se o predomínio na composição de contatos inseridos no círculo interno quando comparado com o mapa anterior (ver Figura 7 – pg. 138). Pode-se pensar que pela ausência de membros familiares no país de acolhimento, as famílias busquem outras fontes para encontrar apoio e sintam-se pertencidas ao novo contexto cultural.

Sobre isto, Sarriera *et al* (2005) argumenta que embora a saudade da família e dos amigos no país de origem seja uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas famílias imigrantes, também é um elemento que oportuniza estratégias de aproximação com outras pessoas no país receptor, de modo que o auxílio, a cooperação e o senso de pertença possam ser encontrados.

Outro campo que apresentou a **formação de novas redes (4.2.2)** referiu-se às relações de trabalho e/ou estudo. Conforme se pode visualizar na Figura 7 – página 137, a composição de contatos após a migração, obteve maior distribuição nos círculos intermediário e interno, respectivamente. As pessoas citadas incluíram colegas de trabalho, supervisores, funcionários, professores e colegas de aula.

Ao pensar estes dados em relação ao que foi visto na primeira Categoria – pg. 72, sugere-se que todas as famílias sinalizadas no mapa, com exceção da família Boliviana que não indicou contatos nesse quadrante sendo a única que não imigrou por motivos econômicos, as demais apresentaram um acréscimo de redes significativas no campo de trabalho/estudo. Alguns motivos que podem explicar estes achados reportam-se às razões imputadas à migração, cujo aspecto econômico e o objetivo de conquistar melhores condições de vida e trabalho foram apontados.

De modo geral, as características estruturais do mapa das famílias após a migração, obteve uma dispersão significativa na distância entre as famílias migrantes no contexto majoritário com as redes estabelecidas no país de origem, ou seja, antes da migração. Isto pôde ser verificado com maiores evidências pelo quadrante da família (ver figura 7 – pg. 137). Todavia, a imigração contribuiu para a formação de novas redes, as quais se destacou o campo das amizades e das relações de trabalho e/ou estudo. A comparação entre os gráficos das famílias antes e após a migração é apresentado pela Figura 9, cujas informações são discutidas no Quadro 16 posteriormente:

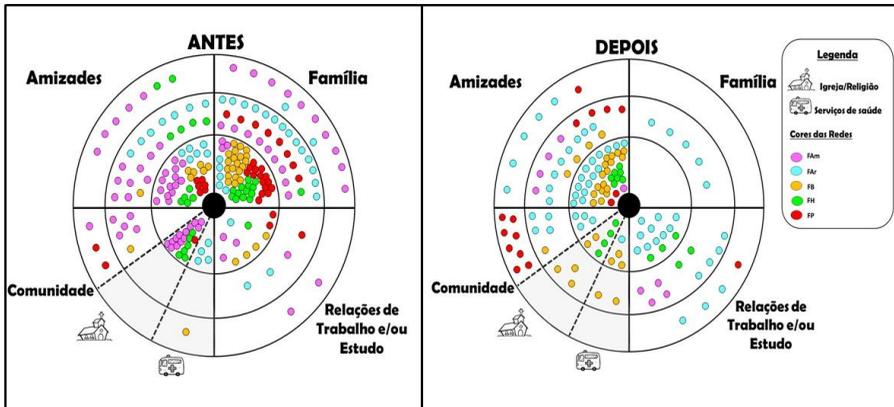


Figura 9: Mapa geral das famílias participantes antes e após a migração.

Quadro 16: Características estruturais dos mapas dos participantes antes e após a migração.

	Antes da migração	Após a migração
Tamanho	- Foram citadas 216 pessoas integrantes das redes significativas das famílias imigrantes	- Foram mencionadas 132 pessoas integrantes das redes significativas; - Verificou-se uma redução de 61% dos contatos;
Composição	- Maior concentração no quadrante da família; - Maior distribuição no círculo interno do quadrante da família, seguido do quadrante das amizades e da comunidade, com destaque para as relações com as pessoas da igreja;	- Maior concentração no quadrante das amizades; - Maior distribuição no círculo interno do quadrante das amizades, seguido do quadrante da comunidade;
Dispersão	- Pouca dispersão entre os quadrantes;	- Dispersão entre os componentes dos quadrantes, com saliência no campo da família; - Alta dispersão com o Mapa de redes antes da migração;
Principais achados	- A rede da família e das amizades constituíram-se as principais fontes de apoio para as famílias participantes; - As relações de trabalho e/ou estudo, foram menos citadas; - O envolvimento religioso destacou-se entre os serviços de saúde e a participação na vizinhança no quadrante da comunidade.	- A rede das amizades constituiu-se a principal fonte de apoio para as famílias participantes; enquanto que a rede da família diminuiu significativamente pelos membros que não imigraram; - A redes significativas do campo de relações de trabalho e/ou estudo aumentaram; - O quadrante da comunidade apresentou uma baixa diferença ao número de integrantes citados no primeiro mapa; todavia, o espaço conferido às atividades na vizinhança e aos serviços de saúde, aumentou a distribuição de contatos.

Diante do exposto, verificou-se o impacto das mudanças relacionais nas famílias participantes, através dos movimentos das redes significativas dos períodos antes e depois da migração. Tendo em vista o distanciamento de pessoas significativas no país de origem, as redes de apoio constituíram-se importantes recursos para as famílias pesquisadas na adaptação ao novo contexto cultural; além de ter reforçado o senso de pertença, os vínculos afetivos, a autoimagem e o senso de autoeficácia dos participantes. Não obstante, a triangulação dos dados permitiu complementar e relacionar informações, que juntas auxiliaram na compreensão sistêmica e intercultural do processo da migração familiar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“(...) Todo mundo ama um dia,
Todo mundo chora,
Um dia a gente chega
E no outro vai embora,
Cada um de nós compõe a sua história,
Cada ser em si, carrega o dom de ser capaz,
De ser feliz!”*

(Tocando em frente – Almir Sater)

Com a crescente globalização no cenário contemporâneo, observa-se um fluxo intenso de pessoas e famílias migrantes pelo mundo inteiro. Todavia, o processo migratório compreende transformações diversas perpassando experiências de perdas, choques culturais, desafios no processo de adaptação ao contexto majoritário e novas aprendizagens, as quais são vivenciadas de modos diferentes pelos sujeitos e membros familiares. Frente a estes impactos, a dinâmica familiar dos imigrantes pode modificar-se permitindo diferentes modos de funcionamento estabelecidos entre seus membros. A fim de contextualizar e compreender as implicações do fenômeno, os pressupostos epistemológicos que nortearam este estudo pautaram-se na Psicologia Intercultural e na Teoria Sistêmica. Entende-se que o enfoque intercultural possibilitou uma visão integradora das dimensões psicossociais do sujeito e das famílias imigrantes, considerando a influência dos fatores culturais no desenvolvimento humano e no ciclo vital da família, bem como nos comportamentos e nos significados atribuídos à migração. Por sua vez, a Teoria Sistêmica permitiu refletir o processo migratório à luz de novos paradigmas científicos, tais como a complexidade e a instabilidade. Vislumbra-se, assim, uma perspectiva dinâmica e interacionista da migração na medida em que se observa a interposição dos níveis individuais, familiares e sociais, como aspectos indissociáveis para a compreensão do fenômeno.

Tendo como pano de fundo tais pressupostos, o presente estudo buscou compreender as dimensões psicossociais e as mudanças ocorridas na dinâmica de famílias que imigraram para o Brasil; para tanto, foram pesquisadas cinco famílias imigrantes de diferentes nacionalidades, sendo: Americana, Argentina, Boliviana, Haitiana e Peruana. Com o intuito de responder os cinco objetivos específicos,

delimitaram-se quatro categorias construídas a partir das entrevistas realizadas; ao passo de que a última categoria foi analisada com base nos resultados obtidos pelo mapa de redes. A seguir, serão sintetizados os principais achados oriundos do fenômeno investigado.

Na **Categoria 1 – História da migração familiar** observou-se que o aspecto econômico se constituiu como o principal motivo para a imigração das famílias pesquisadas. Tal resultado relaciona-se em grande parte aos relatos de pesquisa de migrações familiares evidenciados pela literatura, cujos fatores econômicos e a busca por melhores condições de vida, tornam-se os principais fatores de atração para a migração das famílias. No que se refere à participação dos membros familiares no processo decisório ante a migração, a figura paterna foi quem exerceu maior influência, assim como na escolha do país de destino. Os demais membros familiares como as mães e os filhos, consentiram com a mudança, embora que para os filhos adolescentes, algumas contrariedades foram evidenciadas, tendo em vista o desejo de permanecer no país de origem e não romper com as amizades e com a rotina já estabelecida. Pode-se pensar que para três famílias pesquisadas predominou o modelo de família tradicional e conservadora, em que o homem se mantém a encargo do trabalho no papel de provedor, enquanto que a mulher ocupa-se das atividades domésticas e do cuidado com os filhos.

A **Categoria 1** evidenciou ainda, algumas dificuldades encontradas pelos participantes no processo de adaptação cultural, tais como o visto e a moradia, as limitações nas redes sociais, preconceitos, aquisição da língua adaptação escolar, como elementos que obstaculizaram a inserção social das famílias. É importante considerar que a migração por si só, é um evento desencadeador de mudanças, as quais podem ser vivenciadas de um modo mais ou menos conflituoso ou harmonioso; o que irá depender dos recursos psicológicos e sociais dos imigrantes, assim como das políticas e condições de acolhimento do país receptor e do tipo de migração realizada pelos sujeitos e famílias estrangeiras. Neste sentido, os dados parecem ter demonstrado que com a presença de aspectos facilitadores na história da migração dessas famílias, tais como o apoio social encontrado no país de acolhimento, a vivência das práticas religiosas, as iniciativas pessoais de otimismo e estratégias relacionais, como a comunicação entre os membros familiares, o processo adaptativo foi facilitado. Não obstante, avaliou-se a imigração como um evento bem-sucedido até o momento presente para as famílias, tendo em vista o alcance da estabilidade material, ocupacional e afetiva encontrada.

Em seguida, a **Categoria 2 – Mudanças na dinâmica familiar** discorreu acerca das mudanças ocorridas em relação à entrada e saída de membros familiares, a partir da fase do ciclo vital em que se encontraram as famílias no momento que migraram para o Brasil; além de refletir sobre o impacto da mudança quanto aos vínculos estabelecidos após a migração. Verificou-se que os filhos mais velhos das famílias pesquisadas, encontravam-se no período da adolescência quando migraram, o que parece ter repercutido maiores dificuldades para as famílias participantes, tendo em vista as contrariedades dos jovens em deixar o país de origem, além do desafio encontrado para estabelecer novas redes no país receptor. Compreende-se que a migração com filhos adolescentes pode constituir-se como uma fase dificultosa no ciclo vital familiar, pois além do processo de adaptação cultural vivenciado, o próprio estágio de desenvolvimento dos filhos confere o manejo dos membros familiares frente às múltiplas transições e conflitos simultâneos no sistema familiar.

Em relação à configuração familiar após a migração, pode-se constatar na **Categoria 2**, que esta se manteve parcialmente, tendo em vista o falecimento de membros familiares – pais e sogros que migraram junto com uma das famílias pesquisadas; além da emancipação de filhos mais velhos de duas famílias que saíram da casa dos pais para estudar em outra cidade. Além disso, observaram-se algumas mudanças relacionais entre as famílias participantes, especialmente quanto ao impacto decorrido da ausência de membros familiares que não migraram e, ainda, o fortalecimento dos vínculos afetivos entre a família nuclear após a chegada ao país de acolhimento. Sobre isto, salienta-se que as estratégias de aproximação mencionadas como realizarem atividades juntos, compartilharem as dificuldades e sentimentos sendo empáticos uns com os outros, constituíram-se uma alternativa para garantir a proteção, coesão e o apoio frente aos desafios encontrados em um novo contexto cultural. Entretanto, somente foi mencionado pelas famílias, mudanças de maior aproximação e envolvimento afetivo entre seus membros, não sendo apontados conflitos na dinâmica familiar em decorrência da migração.

A **Categoria 3 – Significados atribuídos à migração familiar** refletiu sobre as principais concepções atribuídas à migração pelos participantes. Inicialmente, as famílias mencionaram que os hábitos culturais quanto ao modo de se relacionar socialmente, os valores aprendidos e o reconhecimento da própria autoimagem e das ocupações profissionais exercidas no país de origem, contrastaram-se ao chegarem no país receptor de modo que num primeiro momento, o estranhamento

inicial foi percebido como um “choque cultural” para algumas famílias. Estes dados relacionam-se ao impacto da migração na construção da identidade cultural e social dos migrantes, haja vista que a mudança para outro país implica num reajuste a novos códigos sociais, já que o modo de agir pode não se tornar adequado ao contexto majoritário. O que antes era cotidiano para as famílias, tornou-se um desafio diário neste segundo momento.

No que se tange aos significados atribuídos ao país de acolhimento na **Categoria 3**, as famílias apontaram como aspectos satisfatórios a receptividade dispensada ao estrangeiro e a qualidade de vida encontrada; enquanto que a falta de comprometimento com as pessoas e as desigualdades sociais foram consideradas como fatores negativos encontrados no país de receptor. Entende-se que as significações apontadas pelas famílias são produções de sentido subjetivas, que por sua vez, integram a dimensão simbólica e existencial construída na trajetória de experiências vivenciadas pelos seus integrantes. Sendo assim, faz-se necessário mencionar que os sentimentos de luto em relação aos amigos e parentes que não imigraram, esteve presente em todas as famílias pesquisadas. Além das perdas, o estresse experimentado pelas famílias pareceu estar intimamente associado ao processo de adaptação cultural, tendo em vista as dificuldades e a insegurança na aprendizagem de uma outra língua e de novos hábitos sociais. Verificou-se ainda, que o sentimento de bem-estar salientou-se por todas as famílias participantes após a migração, de modo que a satisfação de vida e ao desejo de permanência no país de acolhimento se caracterizassem como aspectos presentes. Pode-se pensar com isto, que as realizações profissionais e o estabelecimento de novos vínculos a partir do envolvimento na igreja e nas práticas religiosas, como também a adaptação escolar e familiar no país receptor, representaram recursos contributivos para o bem-estar vivenciado no processo migratório.

Por fim, a **Categoria 4 – Mudanças nas redes significativas das famílias** teve como objetivo complementar os dados provenientes da entrevista semiestruturada no que se refere às mudanças ocorridas nas redes sociais das famílias imigrantes em períodos distintos: Antes e após a migração. Cabe salientar que primeiramente foi investigada a composição da rede nos quatro campos - Família, Amigos, Trabalho/Estudo e Comunidade. Posteriormente, foi analisada a composição da rede após a migração, no que se remete às mudanças estruturais da mesma. Deste modo, as dimensões analisadas das redes

significativas contemplaram as características estruturais de tamanho, composição/distribuição e dispersão.

Em síntese, observaram-se mudanças estruturais nas redes significativas das famílias apontadas na **Categoria 4**, especialmente quanto aos aspectos de tamanho e dispersão evidenciados após a migração. No quadrante da família identificou-se a maior redução de contatos comparados com o mapa anterior à migração. Estas informações puderam ser complementadas pela entrevista, uma vez que o sofrimento pelo luto das perdas foram características evidentes nas famílias pesquisadas cujos membros da família extensa permaneceram no país de origem. Entretanto, constatou-se que a migração favoreceu a formação de novas redes, com destaque para as amizades e as relações de trabalho e/ou estudo, indicadas pelas famílias após a migração. Pode-se dizer que pela ausência de membros familiares no país de acolhimento, as famílias buscaram outras fontes para encontrar apoio e sentirem-se pertencidas ao novo contexto cultural.

Em relação aos aspectos metodológicos, aponta-se que a pesquisa qualitativa contribuiu para a compreensão aprofundada do fenômeno estudado, na medida em que possibilitou identificar e interpretar os significados atribuídos às mudanças na dinâmica de famílias que imigraram para o sul do Brasil. Quanto às técnicas e instrumentos adotados para coleta de dados, salienta-se que a entrevista semiestruturada foi construída com base nos eixos temáticos ancorados aos objetivos, que por sua vez, favoreceram a elaboração do Mapa de Redes. Além disso, o questionário sociodemográfico foi adaptado a fim de complementar informações relevantes para a contextualização da migração familiar. A utilização de tais instrumentos constituíram-se desencadeadores importantes para a produção de sentido e análise da temática.

Destaca-se que os dados analisados à luz da “*Grounded Theory*” (Teoria fundamentada empiricamente) encontraram-se em consonância com os aspectos metodológicos citados e com os pressupostos epistemológicos aderidos. No entanto, é importante apontar que embora os achados provenientes dos instrumentos tenham permitido a triangulação dos dados, não foi possível o surgimento de uma nova teoria, conforme se propõe o método vigente.

Algumas medidas foram tomadas quanto ao preparo da pesquisadora para a coleta de dados, como a realização de duas entrevistas semiestruturadas num primeiro momento, a fim de testar os instrumentos. Após o teste dos mesmos, deu-se início a coleta de dados. Outro procedimento relevante foi a participação da pesquisadora no

grupo de extensão da Clínica Intercultural vinculado ao SAPSI/UFSC, uma vez que o contato com a demanda de indivíduos e famílias estrangeiras permitiu a maior aproximação com o fenômeno migratório tendo despertado maior sensibilidade frente ao impacto na saúde mental desses imigrantes; e ampliado ainda, o conhecimento teórico na relação entre os contextos culturais e o desenvolvimento humano.

Contudo, é importante destacar algumas dificuldades encontradas na trajetória deste estudo, as quais nortearam especialmente, o momento pré-coleta e coleta de dados. Primeiramente, foi dificultoso o acesso aos participantes que se enquadrassem nos critérios propostos, de modo que cinco cidades do estado de Santa Catarina fossem acessadas para coletar os dados das famílias participantes. Não obstante, o manejo da entrevista familiar exigiu da pesquisadora a flexibilidade em mediar as perguntas e respostas dos entrevistados presentes, além de dirimir situações em casos de ausência de alguns membros familiares na aplicação dos instrumentos. Outro aspecto que poderia ter sido aprofundado na aplicação do mapa de redes contempla a manutenção dos vínculos que as famílias pesquisadas mantêm no país de origem; uma vez que tal condição pode constituir-se um recurso de enfrentamento e continuidade dos laços afetivos no processo adaptativo.

No tocante às limitações metodológicas do estudo, pontua-se a aplicação dos instrumentos se fossem utilizados em outro contexto cultural, neste caso, deveriam ser adaptados a fim de possibilitar maior uniformidade para compreensão dos termos adotados. Observa-se ainda, que o conceito compreendido por família pode divergir se comparado a culturas diferentes das que foram pesquisadas; além disto, o tempo de imigração discrepante entre as famílias participantes é um aspecto que precisa ser considerado na temática investigada em estudos similares.

De modo geral, esta pesquisa contribuiu para o avanço do conhecimento científico acerca das dimensões psicossociais da migração no ciclo de vida familiar, tendo em vista a importância dos dados apontados. Verifica-se que o estudo favoreceu a produção de novos sentidos frente ao fenômeno migratório ao serem identificadas as lacunas na produção científica nacional relacionada ao fenômeno estudado, já que os resultados encontrados em bases de dados parecem privilegiar os aspectos mais individuais do sujeito no processo de adaptação cultural dos migrantes, com um enfoque restrito às repercussões da migração no sistema familiar, o que pôde ser constatado pela revisão sistemática da literatura.

Com base nas contribuições apontadas, sugere-se ainda, fenômenos que podem nortear pesquisas futuras como: a) Estudos

longitudinais para investigar as dimensões psicossociais da migração familiar; b) Estudos de caso múltiplos com famílias imigrantes; c) As funções e atributos dos vínculos das redes sociais de famílias imigrantes; d) O impacto psicossocial da migração na dinâmica de famílias refugiadas; e e) Comparação do impacto da migração na dinâmica de famílias imigrantes em diferentes estágios do ciclo vital.

À guisa de conclusão cumpre registrar que os processos migratórios repercutem de forma contundente o universo relacional da família no que permeia os valores, padrões e funcionamento compartilhado entre seus membros. Nesta pesquisa foram analisados participantes que em sua maioria compartilharam o tipo de migração voluntária. Deste modo, embora o impacto das perdas afetivas e culturais com o país de origem tenha emergido, oportuniza-se refletir sobre populações que migram de modo involuntário, como no caso de famílias refugiadas. Em tais situações é provável um maior comprometimento provocado pela vulnerabilidade psíquica imbuída.

Por conseguinte, aponta-se a relevância de que estudos desta natureza possam incitar a implementação de ações concretas de políticas públicas com vistas à garantia de direitos e o acolhimento necessário para as famílias imigrantes de caráter voluntário ou involuntário, as quais sob diversas circunstâncias encontram-se num estado de vulnerabilidade devido ao rompimento com o seu contexto de origem.

9. REFERÊNCIAS

Aksel S., Giin, Z., Irmak, T.Y., & Cengelci, B. (2007). Migration and psychological status of adolescents in turkey. *Journal of Adolescence*, 42 (167), 589-602.

Alves, J. C. S. (2002). Migração, religião e transnacionalismo: O caso dos brasileiros no sul da Flórida. *Universidade Federal do Rio de Janeiro*, 1-36.

Amatuzzi, M. (2000). O desenvolvimento religioso: uma hipótese psicológica. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 17(1), 15-30.

Amorim, S. G. (2012). *Contextualização do debate brasileiro acerca das migrações internacionais – Uma análise a partir do caso haitiano*. Anais do XVIII Encontro Nacional dos Estudos Populacionais – ABEP, Águas de Lindóia, São Paulo, Brasil.

Andolfi, M., Angelo, C., Menghi, P. & Nicolo-Corigliano, A. M. (1984). Por trás da máscara familiar – um novo enfoque em terapia da família. (Trad. Maria Cristina R. Goulart) 3ª Ed. Porto Alegre: Artes médicas (publicado originalmente em 1983).

Andrade, G. R. B., & Vaitsman, J. (2002). Apoio social e redes: Conectando solidariedade e saúde. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 7 (4), 925-934.

Aronowitz, M. (1984). The social and emotional adjustment of immigrant children: A review of the literature. *IMR*, 18 (2), 237-251.

Assunção, V. K. (2011). *Onde a comida não tem gosto: Estudos antropológicos das práticas alimentares de imigrantes*

brasileiros em Boston. Tese de Doutorado. Doutorado em Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

Bairros, M. L. & Bairrão, J. F. M. H. (2009). *Etnopsicanálise: apresentação e aplicabilidade da “complementaridade” entre a antropologia e a psicanálise*. Anais do XV Encontro Nacional da Abrapso, Maceió, Brasil.

Bairros, M. L. & Bairrão, J. F. M. H. (2010). Etnopsicanálise: embasamento crítico sobre teoria e prática terapêutica. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 11 (1), 45-54.

Bao, W. N., Haas, A., & Pi, Y. (2007). Life strain, coping in delinquency in the people’s Republic of China: An empirical test of general strain theory from a matching perspective in social support. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 51 (9), 8-24.

Bagno, S. (2007) A formação da identidade e redes sociais na família de imigrantes italianos no Brasil. *Pensando Famílias*, 11 (2), 101-122.

Barreto, M. R., Soares, E. A., Silva, F. L. M., Cury, G. M. H., & Soares, Q. J. B. (2011). Um estudo sobre a inclusão educacional de imigrantes bolivianos na rede pública de ensino na cidade de São Paulo. Acessado em 15 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.arcos.org.br/artigos/um-estudo-sobre-a-inclusao-educacional-de-imigrantes-bolivianos-na-rede-publica-de-ensino-na-cidade-de-sao-paulo/>

Barros, L. F., Roos, K. N. C., Badia, I. E., Hernández, B. G., & Honório, D. R. (2013). A influência da migração na relação de casal: Estudo de um caso. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 15 (1), 26-45.

Becker, A. P. S., & Martins-Borges (2014). Dimensões psicossociais da migração no ciclo de vida familiar (no prelo). In: Ana Lídia Campos Brizola. (Org.). *XVII Encontro Nacional da ABRAPSO - Práticas Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos* (no prelo). 2ed.Porto Alegre: ABRAPSO, 2014, p.1-11.

Berry, J. W. (2004). Migração, aculturação e adaptação. In DeBiaggi, S. D. & Paiva, G. J. (Orgs.). *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp 29-46). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). A pesquisa em psicologia – Análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: Romanelli, G.; Biasoli-Alves, Z. M. (Orgs.). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa.

Biasoli-Alves, Z. M. M. (2004). Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. In: Althoff, C. R., Elsen, I. & Nitschke, R. G. (Orgs.), *Pesquisando a família: olhares contemporâneos* (pp. 91-106). Florianópolis: Papa-livro.

Brasil (1980). *Lei nº 6815 – Situação jurídica do estrangeiro no Brasil*. Brasília: DF.

Brasil (2013). Ministério do Trabalho. *Convenção sobre a proteção dos direitos de todos os trabalhadores migrantes e membros de suas famílias (ONU - 1990)*. Acessado em 03 de novembro de 2013. Disponível em: http://portal.mte.gov.br/cartilha_exterior/convencao-sobre-a-protecao-dos-direitos-de-todos-os-trabalhadores-migrantes-e-membros-de-suas-familias-onu-1990.htm.

Calvo, V. G. (2006). El duelo Migratório. *Revista Trabajo Social*, 7, 77-97.

Caplan, S. (2007). Latinos, Acculturation, and Acculturative Stress: A Dimensional Concept Analysis Policy, Politics, & Nursing. *Practice*, 8 (2), 93-106.

Capra, F. (1996). Das partes para o todo. In Capra, F. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix.

Carleial, A. (2004). *Redes sociais entre imigrantes*. Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu, MG, Brasil.

Carneiro, T. F. (1996). Terapia familiar: Das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 16, 38-42.

Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). Etnicidade e o ciclo de vida familiar. In Carter, B., & McGoldrick, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*, (pp 65-82). Porto Alegre: Artmed.

Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*, 2ª Edição. Porto Alegre: Artmed.

Carvalho, M. G., & Trevisan, L. (2011). Relações interculturais entre trabalhadores brasileiros e alemães na VW-Audi de S. José dos Pinhais/PR. Acessado em 20 de outubro de 2014. Disponível em: http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/secex/sti/indbraso_podesafios/edutecnologia/art04profMarileneCarvalho.pdf

Cervený, C. M. O.; Berthoud, C. M. E. & cols. (1997). Ciclo vital. In: Cervený, C. M. O.; Berthoud, C. M. E. & cols. *Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cervený, C. M. O. (2000). Família e sistema. *In: Cervený, C. M. O. Família e Sistema: Desconstruindo a patologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.19-34.

Cervený, C. M. O. (2002). Pensando a família sistematicamente. *In: Cervený, C. M. O.; Berthoud, C. M. E. e cols. Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Claval, P. (2007). *A geografia cultural*. Florianópolis/SC: Editora UFSC.

Couto, M. C. P. P. (2005). Fatores de risco e de proteção na promoção de resiliência no envelhecimento. Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS.

Coutinho, M. P.L.I. F., & Ramos, M. N. P. (2012). Representações sociais, saúde mental e imigração internacional. *Psicologia Ciência e Profissão*, 32 (1), 202-219.

Cowan, P. A. (1991). Individual and Family life transitions: a proposal for a new definition. *In: Cowan, P. A. & Hetherington, M. Family Transitions*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1991, p.3-26.

Cuche, D. (2002). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru/SP: EDUSC.

Dantas, S. D., Ueno, L., Leifert, G., & Suguiura, M. (2010). Identidade, migrações e dimensões psicossociais. *Revista Internacional Mobilidade Humana*, 34, 45-60.

Dantas, S. D. (2012). Saúde mental e interculturalidade: Implicações e novas proposições diante dos desafios em tempos de globalização. *In Dantas, S. D. (Ogrs.), Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções*

Psicossociais. (pp 109-160). São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

DeBiaggi, S. D. (2003). As implicações psicológicas da imigração e o processo de aculturação: A imigração coreana para o Brasil. *Paper* apresentado na mesa-redonda: Imigração, Psicologia e Cultura, 40 anos de imigração coreana. Instituto de Psicologia da USP.

DeBiaggi, S. D. & Paiva, G. J. (Orgs.). (2004). *Psicologia, E/Imigração e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Deepak, A. C. (2005). Parenting and the Process of Migration: Possibilities Within South Asian Families. *Columbia University School of Social Work*, (5), 585-606.

Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2005). As relações maritais e sua influência nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança. In Dessen, M.A. & Costa Junior, A. L. (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 132-151). Porto Alegre: Artmed Editora S.A.

Devereux, G. (1972). *Ethnopsychanalyse complémentariste*. Paris: Flammarion.

Dias, S.F. & Rocha, C.F. (2009). *Saúde sexual e reprodutiva de mulheres imigrantes africanas e brasileiras: Um estudo qualitativo*. Lisboa: ACIDI.

Dicionário Houaiss. (2013). Acessado em 05 de novembro de 2013. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/houaiss/>.

Diener, E., Oishi, S., & Lucas, R. (2003). Personality, culture, and subjective well-being: Emotional and cognitive evaluations

of life. *Annual Review of Psychology Bulletin*, 125 (2), 276-302.

Erikson, E. H. (1968). Psychosocial identity. In: Sills, D., Merton, R. (Orgs.). *International Encyclopedia of the Social Sciences*. New York: Macmillan-Free Press.

Estrada, T. (1982). Migracion Profesional Y Dislocacion Familiar. *Acta Med. Col.*, 7 (2), 51-59.

Falicov, C. J. (2001) Migración, perdida ambigua y rituales. *Perspectivas Sistémicas*, nº 69, Buenos Aires: Artes Gráficas Buschi.

Falicov C. J. (2007). *Terapia sistémica con familias de inmigrantes*. In: Seminario Extraordinario del Master de la Escuela de Terapia Familiar del Hospital de Sant Pau i a Santa Creu, Barcelona, España.

Feijó, M. R. (2006). Família e rede social. In Cerveny, M. C. O. (Org.), *Família e...* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Filomeno, K. (2002). *Da Cibernética à Teoria Familiar Sistêmica: Um resgate dos pressupostos*. (Monografia apresentada ao Movimento como requisito parcial para obtenção do certificado de formação em Terapia Sistêmica). Instituto Familiare, Florianópolis/SC, Brasil.

Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. (2. ed.). Porto Alegre: Bookman.

Freire, J. (1997). Emigração e Independência: O caso português no Quebec. *Sociologias: Problemas e práticas*, (23), 9-35.

Hall, S. (2003). *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A.

Herbert, S. C. T. (2012). *Imigração, rituais e identidade: Estudo exploratório com descendentes de imigrantes cabo-verdianos*. (Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Família, especialização em Orientação e Mediação Familiar). Universidade Católica Portuguesa. Portugal.

Hope, J. (2011). New insights into family learning for refugees: bonding, bridging and building transcultural capital. *Literacy*, 45 (2), 91-97.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2005). *Memorial do imigrante*. Acessado em 20 de agosto de 2013. Disponível em: www.ibge.gov.br

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2007). *Síntese de indicadores sociais*. Acessado em 20 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010). *Migração*. Acessado em 22 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010). *Analfabetismo brasileiro*. Acessado em 15 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>

IOM – International Organization for Migration (2003). *World Migration 2003, Managing Migration – Challenges and Responses for People on the Move*, Switzerland: IOM.

Jardim, D. F. (2000). Diásporas, viagens e alteridades: As experiências familiares dos Palestinos no Extremo-Sul do Brasil. *Horizontes Antropológicos*, 6 (14), 39-69.

Kerlinger, F. N. (1980). *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: EPU/EDUSP.

Kreppner, K. (2003). Social relations and affective development in the first two years in family contexts. In: Valsiner, J., Connolly, K. J. (orgs.). *Handbook of developmental psychology*. Londres: Sage.

Klein, H. S. (1999). Migração internacional na história das Américas. In B. Fausto (Org.), *Fazer a América* (pp. 13-32). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Korembaum, S. (2003). *Famílias em Tránsito – Las mudanzas internacionales y su impacto familiar*. Buenos Aires: Editorial Lumem.

Lask, T. (2000). Imigração brasileira no Japão: O mito da volta e a preservação da identidade. *Horizontes Antropológicos*, 6 (14), 71-92.

Liebl, J. (2008). Representações de língua em professores brasileiros migrantes: Uma questão de identidade. *Língua, literatura e Ensino*, 3, 1-7.

Lima, J. B. B., & Simões, G. F. (2012). Programas de suporte a refugiados, asilados e apátridas no Brasil: uma abordagem exploratória. *1º Seminário Nacional de Pós-Graduação em Relações Internacionais*, FINATEC – Brasília (DF), 12 e 13 de julho de 2012.

Machado, C. S. (1997). [A Família e o Impacto da Imigração \(Curitiba, 1854-1991\)](#). *Revista Brasileira de História*, 17 (34), 75-100.

Machado, F. L., & Matias, A. R. (2006) Jovens descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento: Linhas de identificação sociológica. *CIES e Working-Paper*, 13, 1-23.

Magalhães, G. M. (2010). Fronteiras do direito humano à educação: Um estudo sobre os imigrantes bolivianos nas escolas públicas de São Paulo. *Dissertação de Mestrado*. Curso de Mestrado em Educação. Universidade de São Paulo - USP, São Paulo.

Maia, R. L. (2002). Migração e rede de relações sociais em meio urbano: Um exemplo a partir do Porto. *Revista de Demografia Histórica*, 10 (1), 53-80.

Marandola, E. (2008). Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano. *Caderno de Geografia*, 18 (29), 39-58.

Marandola, E., & Dal Gallo, P. M. (2010). Ser migrante: Implicações territoriais e existenciais da migração. *Revista Brasileira Estudos Populacionais*, 27 (2), 407-424.

Marin, E. C., & Pozobon, R. O. (2010). Sonhos que cruzam fronteiras: Sentidos construídos a partir do processo migratório. *Interface*, (24), 382-409.

Marquezino, G. M. S., & Araújo, J. (2014). Uma análise da inserção do programa de aceleração do crescimento (PAC) no Distrito de Itambaí/Itaboraí-RJ e suas implicações no contexto socioambiental. *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, 3 (2), 54-78.

Martínez, A. Z. (2009). Familia transnacional y remesas: padres y madres migrantes. *Rev.latinoam.cienc.soc.niñez*, 7 (2), 1749-1769.

Martins-Borges, L. M., & Pocreau, J. B. (2009). Reconhecer a diferença: o desafio da Etnopsiquiatria. *Psicologia em Revista*, 15 (1), 232-245.

Martins-Borges, L. (2013). Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *Revista Internacional de Mobilidade Humana*, (40), 151-162.

McGoldrick, M. (1989/2001) Etnicidade e o Ciclo de Vida Familiar. In: Carter, B. & McGoldrick, M. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar – Uma Estrutura para a Terapia Familiar*. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

McGoldrick, M. (2003). *Novas abordagens em terapia familiar: Raça, cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca.

Mercer, M. C. M. (2012). Those Easily Forgotten: The Impact of Emigration on Those Left Behind. *Family Process*, (51), 376-390.

Meneses, M. P. R., & Sarriera, J. C. (2005). Redes sociais na investigação psicossocial. *Aletheia* (21), 53-67.

Mioto, R. C. T. (1998). Família e saúde mental: contribuições para reflexão sobre processos familiares. *Katálisis*, (2), 21-26

Minayo, M. C. de S. (1998). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.

Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Miranda, B. D., Martins-Borges, L. M., Pocreau, J. B., & Pelletier, I. (2004). Migração e impactos psicológicos: Diferenças entre migrantes voluntários e migrantes involuntários. [Resumo]. *Anais da 56ª Reunião Anual da SBPC*. Acessado em 30 de julho de 2013. Disponível em: http://www.sbpnet.org.br/livro/56ra/banco_senior/RESUMOS/resumo_275.html.

Moré, C. L. O. O., Queiroz, A. H. de . (2007). Migração, movimento e transformação: Irrupção do novo nas relações familiares. In: Cerveny, C. M. de O. (Org.). *Família em Movimento*. São Paulo: Casa do psicólogo, p. 54-68.

Moré, C. L. O. O., & Crepaldi, M. A. (2012). O mapa de rede social significativa como instrumento de investigação no contexto da pesquisa qualitativa. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 43, 84-98.

Morin, E. (1977). *O Método I: A natureza da natureza*. 2ª Ed. Portugal: Sulina.

Morrison, M., & James, S. (2009). Portuguese Immigrant Families: The Impact of Acculturation. *Family Process*, (48), 151-166.

Moro, M. R. & Lachal, C. (2008). *As psicoterapias – modelos, método e indicações*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Muhlen, B. K. V., Dewes, D., & Leite, J. C. C. (2010). Stress e processo de adaptação em pessoas que mudam de país: Uma revisão de literatura. *Ciência em movimento*, 12 (24), p.59-68.

Nascimento, F. F. (2007). *Concepções de saúde/ família saudável e sua relação com o ciclo vital familiar*. (Trabalho apresentado ao Instituto Sistêmico Familiar para obtenção do

grau de especialista em Terapia Relacional Sistêmica) – Instituto Familiar, Florianópolis/SC, Brasil.

Nathan, T. (1986). *La Folie des autres: Traité d'ethnopsychiatrie clinique*. Paris: Dunod.

Nathan, T. (1994). *L'influence qui guérit*. Paris: Éditions Odile Jacob.

Osório, L. C. (1996). *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Osorio, L. C.(2002). Teoria sistêmica e da comunicação humana. In: Osorio, L. C., & Valle, M. E. *Terapia de Famílias: Novas tendências*. Porto Alegre: Artes Médicas, p.25-42.

Paiva, G. J. (2012). A Perspectiva Intercultural: Aspectos Filosóficos e Históricos. In Dantas, S. D. (Ogrs.), *Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais*. (pp 207-218). São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

Patarra, N. L., & Fernandes, D. (2011). Brasil: País de imigração? *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, 24, 54-96.

Pereira, J. M. (2002). Reformado Estado e transparência: Estratégias de controle da corrupção no Brasil. *Anais do VII Congresso Internacional del CLAD*, Lisboa, Portugal.

Peres, J. F. P., Simão, M. J. P., Nasello, A. G. (2007). Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Rev. Psiq. Clín*, 34, (1), 136-145.

Phinney, J. S. (2004). Formação da identidade de grupo e mudança entre migrantes e seus filhos. In DeBiaggi, S. D. &

- Paiva, G. J. (Orgs.). *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp 47-62). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Prado, A. E. F. A. (2006). *Família em trânsito: Tecendo Redes Sociais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia da Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12 (2), 247-256.
- Portes, A., & Rumbaut, R. (2006). *Immigrant America: a portrait*. (3ª edição). Los Angeles: University of Califórnia Press.
- Puerta Y. B., & Masdeu, M. S. (2010). Parejas en el espacio transnacional: Los proyectos de mujeres que emigran por motivos conyugales. *Migraciones Internacionales*, 5 (3), 143-174.
- Pussetti, C. (2010). Identidades em crise: Imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. *Saúde e Sociedade*, 19 (1), 94-113.
- Qin, D. B. (2008). Doing Well vs. Feeling Well: Understanding Family Dynamics and the Psychological Adjustment of Chinese Immigrant Adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, (37), 22-35.
- Queiroz, A. H. (2008). *Migração Familiar: da quebra à reconstrução das redes sociais significativas*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Queiroz, T. L. A. & Cavalcante, P. S. (2011). *As contribuições do software Atlas-ti para análise de relatos e experiências*

escritos. Anais do X Encontro Nacional de Educação – EDUCERE, Curitiba, Paraná, Brasil.

Ramos, N. (2009). Saúde, migração e direitos humanos. *Mudanças – Psicologia da Saúde*. 17 (1), 1-11.

Rodrigues, R. A., Strey, M.N., & Pereira, J. (2007). Experiência migratória: encontro consigo mesmo? Percepções de brasileiros sobre sua cultura e mudanças pessoais. *Aletheia*, 26, 168-180.

Rodrigues, L. C. B. (2012). Atitude, imaginário, representação e identidade linguística: Aspectos conceituais. Anais do XVI – Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Rosset, S. M. (2008). Terapia de família relacional sistêmica. In: Rosset, S. M. *Terapia Relacional Sistêmica: famílias, casais, individuais, grupos*. Curitiba: Sol, p.71-86.

Ryan, L. (2008). 'I Had a Sister in England': Family-Led Migration, Social Networks and Irish Nurses. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 34 (3), 453-470.

Ryan, L., Sales, R., Tilki M., & Siara B. (2009). Family Strategies and Transnational Migration: Recent Polish Migrants in London. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 35 (1), 61-77.

Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. 5ª Ed. Porto Alegre: Penso.

Santos, B. de S. (2001). *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Ed. Cortez.

Sarriera, J. C., Pizzinato, A., & Meneses, M. P. R. (2005). Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre. *Estudos de Psicologia*, 10 (1), 5-13.

Sarriera, J. C., Rangel, M. P. M., Oliveira, A. P., Hermel, J., & Hofstaetter, C. (2005). Migración e identidad: Familias hispano-americanas em Porto Alegre (Brasil). *Diversitas: Perspectivas em Psicología*, 1 (1), 13-21.

Sayad, A. (1998). *A migração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Schenker, M. & Minayo, M. C. S. (2003). A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(1), 707-717.

Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Vieira, M. L., & Moré, C. L. O. O. (2011). Relacionamento conjugal e temperamento de crianças: Uma revisão de literatura. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63 (3), 89-106.

Scott, A. S. V. (2004). A família como objeto de estudo para o historiador. In: Althoff, C. R., Elsen, I. & Nitschke, R. G. (Orgs.), *Pesquisando a família: olhares contemporâneos* (pp. 45-54). Florianópolis: Papa-Livro.

Siminonato-Tozo, S. M. P. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8 (14/15), 137-150.

Siqueira, A. C., Betts, M. K., & Dell'Aglio, D. D. (2007). Redes de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados. *Interamerican Journal Psychology*, 40, 149-158.

Sluzki, C. E. (1997). *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sluzki, C. (2003). A migração e o rompimento da rede social. *In: McGoldrick, M. Novas abordagens em terapia familiar: Raça, cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca, 2003, p. 414-424.

Soto, C. D. (2012). La migración internacional paterna o materna una lectura desde los sujetos jóvenes. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 10 (1), 611-624.

Stampino, V. (2007). Improving access to multilingual health information for newcomers to Canada. *Journal of the Canadian Health Libraries Association*. (28), 15-18.

Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed.

Suda, J. R., & Souza, L. (2006). Identidade social em movimento: A comunidade japonesa na Grande Vitória (ES). *Psicologia e Sociedade*, 18 (2), 72-80.

Sudbrack, M. F. O. (2001). Terapia familiar sistêmica. *In: S. D. Seibel & A. Toscano Jr. (Orgs.), Dependência de drogas* (pp. 403-415). São Paulo: Atheneu.

Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais: estudos em Psicologia Social II*. Lisboa: Livros Horizonte.

Ueno, L. S. (2008). Migrantes em trânsito entre Brasil e Japão: Uma intervenção psicossocial no retorno. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP.

Vargas, R. (2009). Características del fenómeno migratorio internacional en estudiantes de la Universidad Libre de Pereira. *Cultura Del Cuidado Enfermería*, 6 (2), 5-13.

Vasconcellos, M. J. E. (2013). *Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da Ciência*. 10ª Ed. São Paulo: Papirus.

Vásquez, M. A., & Ribeiro, L. (2007). A igreja é como a casa da minha mãe – Religião e espaço vivido entre brasileiros no condado de Broward. *Ciências Sociais e Religião*, 9 (9), 13-29.

Ximena, C. T. (2005). *Depresión en adolescentes hijos de padres emigrantes; Estudiantes de Octavo, Noveno e Décimo años de Educación Básica de Los Colegios mixtos Jorge Icaza y Del instituto de investigación, Educación y Promoción popular del Ecuador (INEPE) del sur Occidente de Quito*. Tese de Doutorado em Saúde Pública. Universidad Central del Ecuador. Facultad de Ciencias Médicas, Ecuador.

Wagner, A. (Org.). (2002). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Walsh, F. (2003). Crenças, espiritualidade e transcendência; Chaves para a resiliência da família. In: McGoldrick, M. *Novas abordagens em terapia familiar: Raça, cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca, 2003, p. 72-89.

Waters, J. L. (2002). Flexible families? ‘Astronaut’ households and the experiences of lone mothers in Vancouver, British Columbia. *Social & Cultural Geography*, 3 (2), 117-134.

Waters, J. L. (2011). Time and Transnationalism: A Longitudinal Study of Immigration, Endurance and Settlement in Canada. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 37 (7), 1119-1135.

WHO – World Health Organization (2003a), *International Migration, Health and Human Rights*, Health and Human Rights Publication Series. 2, 7-29.

10. APÊNDICE 1

10.1 – Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada



**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia**

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

História da Migração Familiar:

- Quais foram os motivos da migração?
- Como foi feita a escolha do país de destino?
- A quem se deve a ideia da migração? Todos aceitaram ou alguém se opôs?

Ciclo Vital Familiar e Migração

- Quando a família migrou, qual era a idade do filho mais velho?

- Quando a família migrou, qual era o tempo de união do casal?
- Vocês observaram algo específico (problemas, facilidades, dificuldades) que tenha ocorrido quando imigraram, em função do momento de vida (infância, adolescência, fase adulta e madura) dos membros familiares?

Mudanças na Configuração e Dinâmica Familiar

- Após a migração, a família enfrentou algum tipo de mudança em sua estrutura? (divórcio, saída dos filhos de casa, nascimento de outros filhos, falecimento de algum membro)?
- Após a migração, a família observou algum tipo de mudança no relacionamento entre os familiares e na rotina da família? Se sim, quais?
- Existiram dificuldades no relacionamento parental antes/durante ou após a migração?
- Existiram dificuldades no relacionamento parental antes ou após a migração?
- Existiram dificuldades no relacionamento filial antes ou após a migração?

- Existiram dificuldades com as famílias de origem dos pais antes ou após a migração?

Sentimentos atribuídos à migração

- Como vocês se sentem no país de acolhimento atualmente?
- Como a família percebe o processo de migração?
- Sentem falta de algo no país de origem?
- Existiram/existe alguma dificuldade de adaptação a partir da imigração?
- Quais os pontos favoráveis e desfavoráveis que vocês observam no país de acolhimento?

Rede Social

- Ao chegarem ao país, receberam algum tipo de apoio?
- Existiam pessoas conhecidas pela família no país de acolhimento? Em caso afirmativo, foi indagado quais eram e qual o nível de intimidade com estas pessoas.
- Após a migração, a família percebeu alguma mudança nas atividades sociais, escolares/acadêmicas, religiosas, de lazer e de trabalho da família?

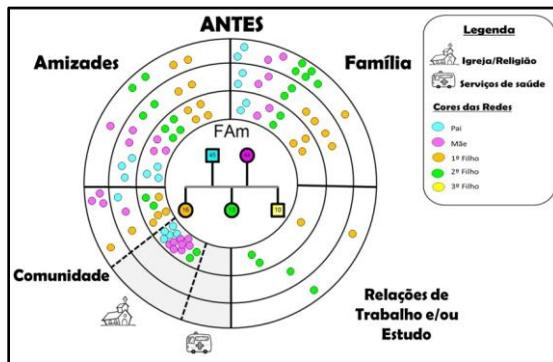
MAPA DE REDES

- Antes da migração, como se constituía a rede social da família? (outros membros da família, amigos, vizinhos, grupos comunitários/ instituições religiosas que participavam) Qual a proximidade?
- Atualmente, quais as pessoas que fazem parte da rede social da família? Qual a proximidade?
- Atualmente, quais os locais e instituições das quais a família participa? Qual a proximidade?

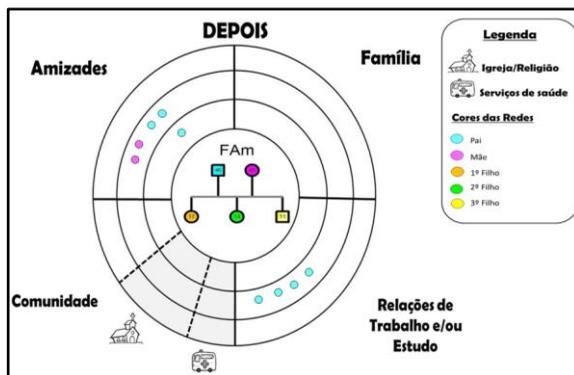
11. APÊNDICE 2

11.1 Mapa de redes antes e depois da migração da Família Americana.

MAPA DE REDES – ANTES DA MIGRAÇÃO



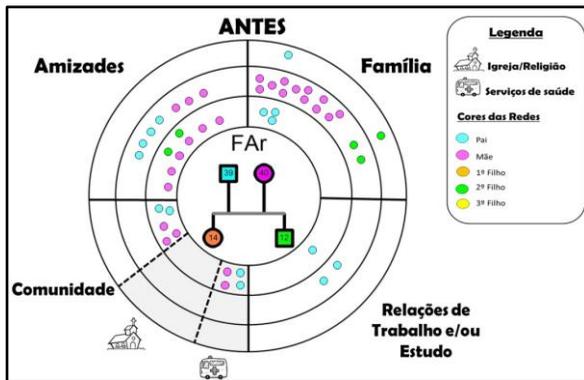
MAPA DE REDES – DEPOIS DA MIGRAÇÃO



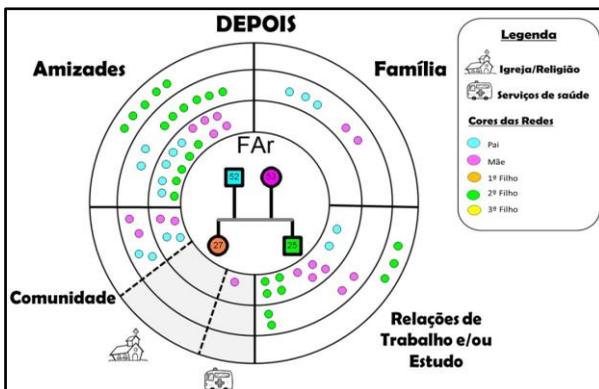
11. APÊNDICE 2

11.2 - Mapa de redes antes e depois da migração da Família Argentina.

MAPA DE REDES – ANTES DA MIGRAÇÃO



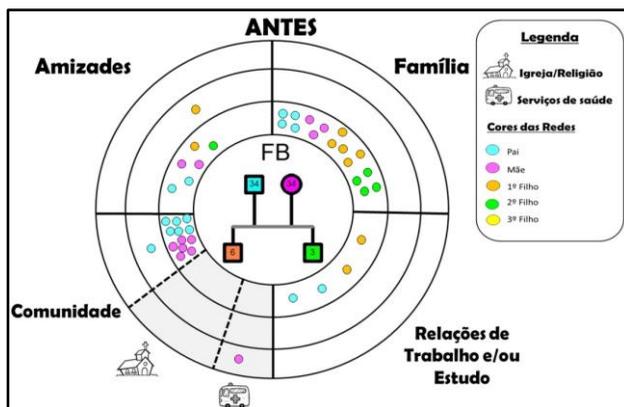
MAPA DE REDES – DEPOIS DA MIGRAÇÃO



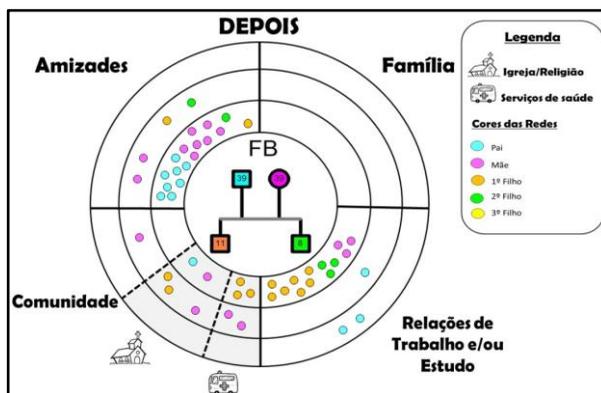
11. APÊNDICE 2

11.3 - Mapa de redes antes e depois da migração da Família Boliviana

MAPA DE REDES – ANTES DA MIGRAÇÃO



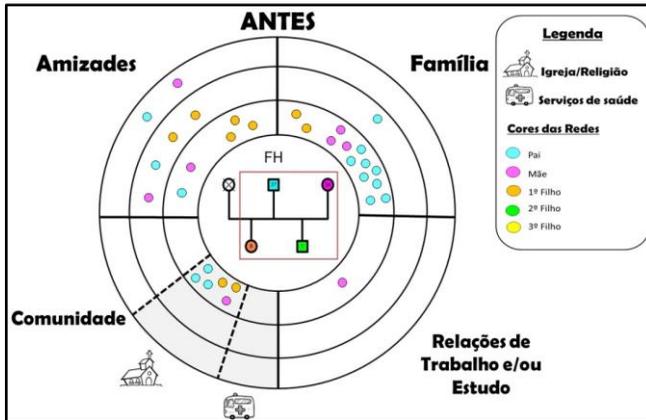
MAPA DE REDES – DEPOIS DA MIGRAÇÃO



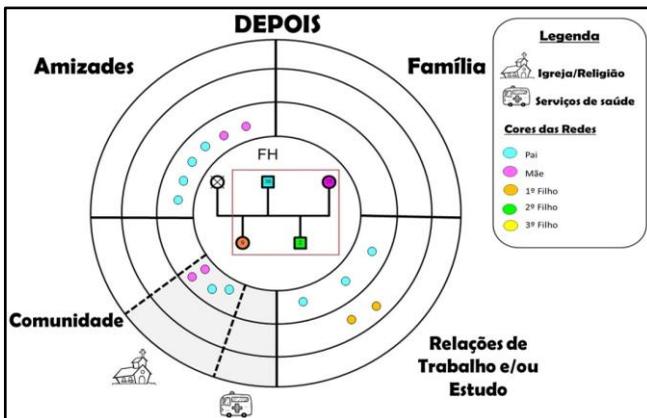
11. APÊNDICE 2

11.4 - Mapa de redes antes e depois da migração da Família Haitiana.

MAPA DE REDES – ANTES DA MIGRAÇÃO



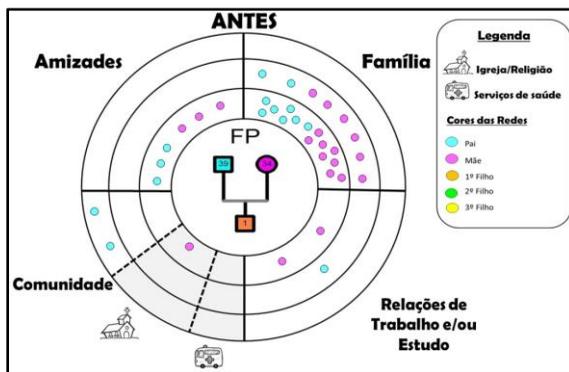
MAPA DE REDES – DEPOIS DA MIGRAÇÃO



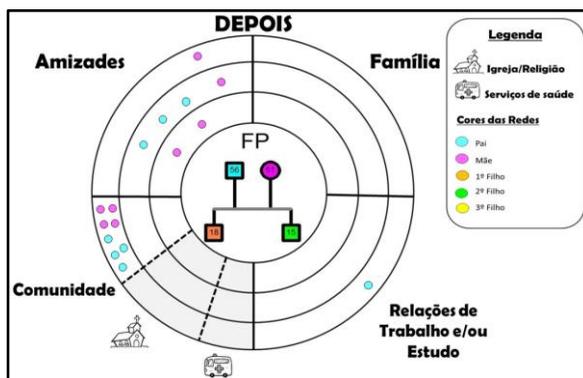
11. APÊNDICE 2

11.5 - Mapa de redes antes e depois da migração da Família Peruana.

MAPA DE REDES – ANTES DA MIGRAÇÃO



MAPA DE REDES – DEPOIS DA MIGRAÇÃO



12. ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Eu, *Ana Paula Sesti Becker*, aluna de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, convido-o (a) a participar do processo de coleta de dados de minha Dissertação de Mestrado, sob orientação da Prof^a Dr^a Lucienne Martins Borges. Esta pesquisa se intitula “**Famílias sem fronteiras: Dimensões psicossociais da migração no ciclo de vida familiar**” e tem por objetivo compreender as mudanças ocorridas na dinâmica familiar de famílias imigrantes no contexto brasileiro.

A sua participação é voluntária, não remunerada e a pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento. Caso você aceite participar do estudo, será agendada uma entrevista no local e horário que for melhor para você e a entrevista será gravada em áudio. Cabe salientar que apenas as pesquisadoras responsáveis terão acesso direto às informações por meio dos dados coletados. Seguindo os preceitos éticos asseguro que a sua participação será absolutamente sigilosa, não constando seu nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo. Informo também, que é possível desistir do estudo a qualquer momento, bem como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento, sem causar qualquer prejuízo a você e ao desenvolvimento da pesquisa.

Este estudo não se isenta de apresentar riscos psicológicos, podendo lhe causar desconforto. Caso você se sentir desconfortável, além de ter o direito de interromper a participação em qualquer fase da pesquisa, a pesquisadora lhe encaminhará para os atendimentos na Clínica Intercultural vinculada ao Serviço de Atenção Psicológica – SAPSI da Universidade Federal de Santa Catarina.

Os resultados dessa pesquisa poderão auxiliar nas intervenções e avaliações psicológicas para o melhor acolhimento de diversas temáticas que interpõem a dinâmica relacional das famílias, especialmente sob a ótica das implicações decorrentes dos fenômenos migratórios. Desta forma, os resultados do presente estudo serão divulgados aos participantes em forma de devolutiva oral e escrita, após a defesa da Dissertação, em data a ser agendada.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar a participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo, de modo que uma delas permanecerá em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimento acerca desta pesquisa poderá ser

obtido junto à pesquisadora, pelos telefones (48) 37212799 e (47) 9746-2000. Agradecemos a sua participação, enfatizando que esta contribuirá de modo significativo para o avanço do conhecimento psicológico.

 Ana Paula Sesti Becker
 Pesquisadora Principal
 Mestranda
anapaulasbc@hotmail.com

 Dr^a Lucienne Martins
 Borges
 Professora Pesquisadora -
 Orientadora
lucienne.borges@ufsc.br

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO

Eu, _____,
 RG _____,

CPF _____ abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e declaro estar ciente dos objetivos do estudo, do método, dos meus direitos de desistir participar a qualquer momento e também do meu anonimato.

Local e data:

Nome: _____

Assinatura do Sujeito ou Responsável:

Telefone para contato:

Anexo 2 – Questionário Sociodemográfico



Universidade Federal de Santa Catarina
 Centro de Filosofia e Ciências Humanas
 Programa de Pós-graduação em Psicologia
 Mestrado em Psicologia

QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO²

Por favor, responda as seguintes questões que se referem a informações gerais sobre você e sua família.

Nome:

Idade:

DADOS DA FAMÍLIA

- Informações sobre a história da migração familiar

1. Qual é o país de origem de sua família?

2. Há quanto tempo à família imigrou? _____ ano(s)

² Questionário foi adaptado a fim de responder os objetivos do estudo.

3. É a primeira imigração?

() Sim () Não. Quantas vezes imigraram? Para quais países?

3. As gerações anteriores de sua família também vivenciaram o processo migratório? Se sim, quais os membros familiares?

4. Quais pessoas da família imigraram? Algum membro familiar não imigrou?

- *Informações demográficas:*

5. Número de pessoas (informar o número de pessoas que residem na sua casa, contando com você).

Total: _____ pessoas

6. Quem vive na sua casa (informar a idade):

Você.....1 _____Anos

Companheiro(a).....2 _____Anos

Filhos de 0 a 3 anos.....3 Quantos? _____

Filhos de 4 a 6 anos.....4 Quantos? _____

Filhos de 7 a 16 anos.....5 Quantos? _____

Filhos com mais de 16 anos.....6 Quantos? _____

Outras crianças e jovens menores de 18 anos (ex. enteados ou adotados, de criação, filhos de parentes e amigos).....7 Quantos? _____

Outros parentes adultos.....8 Quantos? _____

7. Composição familiar – Circule o número ao lado que corresponda à sua situação familiar

Família nuclear pais biológicos de todos os filhos.....

.....1

Família nuclear pais adotivos dos filhos

.....

.....2

Família recasada com pais biológicos

.....

.....3

Família recasada com madrastra

.....

.....4

Família recasada com padrasto

.....

.....5

Família recasa com mãe adotiva e

padrasto.....

.....6

Família recasada com pai adotivo e

madrasta.....

.....7

Família estendida com pais biológicos e outros parentes e

amigos.....

.....8

Família estendida com madrasta e outros parentes e amigos.....	9
Família estendida com padrasto e outros parentes e amigos.....	10
Família estendida com pais adotivos e outros parentes e amigos.....	11
Família estendida com mãe adotiva, padrasto e outros parentes e amigos.....	12
Família estendida com pai adotivo e madrasta e outros parentes e amigos.....	13

- *Escolaridade:*

8. Qual a sua escolaridade e de seu cônjuge?

Por favor responda abaixo assinalando com um X a sua resposta.

	Respondente	Companheiro (a)
Não alfabetizado	1	1
Ensino fundamental incompleto	2	2
Ensino fundamental completo	3	3
Ensino médio incompleto	4	4
Ensino médio completo	5	5

Ensino superior incompleto	6	6
Ensino superior em andamento	7	7
Ensino superior completo	8	8
Pós-graduação	9	9
Não sabe		

- Quantos filhos frequentam a escola? _____

- Qual o nível de escolaridade dos filhos?

- Em que período frequentam a escola?

Manhã () Tarde () Integral ()

9. Com relação a sua profissão e de seu companheiro, por favor as descreva abaixo

	Respondente	Companheiro (a)
Profissão		
Atividade atual		
Jornada de trabalho		

Outros

12. Qual a religião de sua família? Todos são praticantes?

13.Observações: _____

Anexo 3 – Símbolos do Genograma



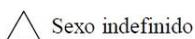
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia



Homem



Mulher



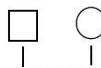
Sexo indefinido



Abuso de álcool ou drogas



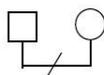
Morte = X



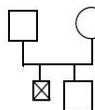
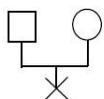
Morando Junto



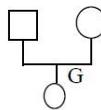
Casamento



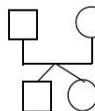
Separação Conjugal

Nascimento de
criança morta

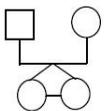
Aborto



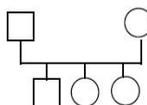
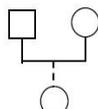
Gestação



Gêmeos Fraternos



Gêmeos idênticos

Filhos: Ordem de
nascimento com o
mais velho à esquerda

Filho Adotivo